



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

MATEUS BEZERRA ARAÚJO

**AS ROTINAS PRODUTIVAS DO TELEJORNALISMO NA COVID-19: O CASO
DAS EMISSORAS DA REDE GLOBO DA PARAÍBA**

JOÃO PESSOA - PB

2022

MATEUS BEZERRA ARAÚJO

**AS ROTINAS PRODUTIVAS DO TELEJORNALISMO NA COVID-19: O CASO
DAS EMISSORAS DA REDE GLOBO DA PARAÍBA**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo, área de concentração em “Produção Jornalística”, linha de pesquisa “Processos, Práticas e Produtos”.

Orientador: Dr. Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior

JOÃO PESSOA - PB
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663r Araújo, Mateus Bezerra.

As rotinas produtivas do telejornalismo na Covid-19
: o caso das emissoras da rede globo da Paraíba /
Mateus Bezerra Araújo. - João Pessoa, 2022.
99 f. : il.

Orientação: Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Telejornalismo - Covid-19. 2. Profissionais de
emissoras - Rotinas Produtivas. 3. Jornalismo -
Televisão paraibana. 4. Televisão paraibana - Rede
Globo. I. Pereira Júnior, Alfredo Eurico Vizeu. II.
Título.

UFPB/BC

CDU 070:578.834(043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos doze dias do mês de dezembro de 2022, às 14 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, pelo endereço eletrônico <http://meet.google.com/fsi-wfiz-hse>, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a)aluno(a) **MATEUS BEZERRA ARAÚJO**, sob a matrícula **20211006206**, cuja pesquisa intitula-se **“AS ROTINAS PRODUTIVAS DO TELEJORNALISMO NA COVID-19: O CASO DAS EMISSORAS DA REDE GLOBO DA PARAÍBA”**, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AVALIAÇÃO:

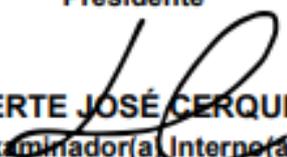
(x) Aprovado(a) () Reprovado(a) () Insuficiente

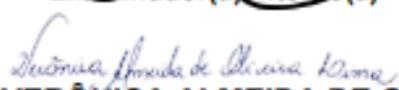
As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:


 Prof. Dr. Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior
Professor Titular
SIAPE: 1304560

Prof(a). Dr(a). ALFREDO EURICO VIZEU PEREIRA JÚNIOR
Presidente


Prof(a). Dr(a). LAERTE JOSÉ CERQUEIRA DA SILVA
Examinador(a) Interno(a)


Prof(a). Dr(a). VERÔNICA ALMEIDA DE OLIVEIRA LIMA
Examinador(a) Externo(a) ao Programa

*Aos meus pais, Roberto de Dudu e
Margarete, por me mostrarem que é do
pouco que se faz muito e por sempre
acreditarem mais em mim do que eu
mesmo.*

AGRADECIMENTOS

Para ser bem sincero, posso considerar esta uma das partes mais difíceis dessa dissertação. Falo isso, porque quando falamos de gratidão vamos bem além de teorias e análises... Gratidão é sobre a nossa história!

E essa pesquisa fala de histórias: das histórias dos profissionais do telejornalismo que precisaram se reinventar para contar as histórias das pessoas que estavam lutando para sobreviver em um cenário caótico de pandemia. Além disso, considero esta pesquisa um verdadeiro desabafo sobre a nossa profissão.

Chegar até aqui não foi um caminho fácil, confesso, por vezes duvidei (e duvidaram) da minha capacidade, do meu potencial e do meu lugar nisso tudo. Mas, pensando melhor, para mim, nunca foi fácil, e não é vitimismo, pois esse papel não me cabe... é sobre realismo. E como eternizou o grande Ariano Suassuna: “O otimista é um tolo. O pessimista, um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso”, pois assim me defino: um realista esperançoso! E qual a graça que seria se fosse tudo tão fácil assim? Escrevo estas palavras com um sorriso no rosto que diz muito mais do que eu posso expressar aqui.

A minha trajetória no mestrado foi solitária. A pandemia me tirou o direito de ter aulas presenciais e me vi estudando por dois anos em frente à tela de um computador. E nesses momentos solitários conversei muito com Deus e com o eu menino que ainda morava lá no Sítio Poço Verde de Boa Vista, no Cariri paraibano.

Sou a primeira pessoa da minha família a chegar nesse nível acadêmico. Sou fruto do ensino público. Lembro que desde a alfabetização em 2001, até a conclusão do ensino médio no ano de 2012, sempre precisei ir e voltar andando pra escola por não termos um meio de transporte. Alguns bons quilômetros separavam a minha casa (zona rural) da escola (zona urbana), e nessas andanças na chuva e no sol, lembro de não me arrepender, um só dia que seja, de estar estudando. Eu sempre me encontrei nos livros e, mesmo pequeno, sabia que, pra mim que venho de baixo, a educação seria o único caminho para vencer na vida. Sigo caminhando. Então, cada uma das minhas conquistas, por menores que sejam para os outros, as considero gigantes e muito significativas.

Então, agradeço, primeiramente, ao meu Grande Deus que me sustentou nos momentos que pensei em desistir, e por aos pouquinhos cicatrizar as feridas, resquícios da minha trajetória. Sem Ele eu não teria chegado até aqui.

Agradeço aos meus pais José Roberto Alves Araújo (Roberto de Dudu) e Margarete Bezerra do Vale por desde sempre estarem ao meu lado, por serem meus fãs incondicionais, por chorarem comigo, de tristeza e de alegria, por vibrarem em cada uma das minhas pequenas grandes vitórias. Eu estou aqui também por eles. Estou aqui por reconhecer a luta dos meus pais de vencer na vida. Estou aqui para alegrá-los com mais essa vitória. Lembro de todas as vezes que compartilhei algumas das minhas conquistas acadêmicas e/ou profissionais e eles vibraram comigo sem nem saber direito do que se tratava. Por mais que eu saiba que vocês não possuem domínio da escrita e da leitura, estejam cientes que são os maiores mestres que eu poderia ter nessa vida. Obrigado por tudo e por tanto. Pai, mãe, vocês venceram!

À minha avó Dona Maria do Carmo por suas incansáveis orações, tenho certeza que sua fé me protegeu e me livrou de diversos males. Gratidão que estendo à minha irmã Morgana, aos meus sobrinhos Rebeca, Bárbara e Gael e a boa parte dos meus familiares. Aos meus amigos, que não muitos, eu sei, mas que sempre me incentivaram, acreditaram em mim e me inspiraram a seguir.

Agradeço ao meu orientador Alfredo Vizeu pela paciência, por todas as partilhas e os ricos ensinamentos que, com certeza, levarei para o resto da minha vida. Agradeço ao professor Laerte Cerqueira por ser referência para mim, por me apoiar nos meus desafios acadêmicos e por tudo que me ensinou. Agradeço a minha turma de mestrado que, mesmo virtualmente, se mostrou amiga e essencial no meu fortalecimento nesse percurso.

À Verônica Oliveira, professora, amiga, e uma verdadeira mãe que a UEPB me deu e que levo para toda a vida. A responsável por me fazer evoluir dentro da academia, por segurar na minha mão e acreditar no meu potencial. Agradecimento que estendo aos inúmeros mestres que me capacitaram, não só em sala de aula, bem como nas empresas por onde tive a oportunidade de exercer a prática jornalística.

Agradeço ao eu menino por continuar me lembrando os motivos de ir, sobretudo, em frente.

Sempre grato a tudo o que o jornalismo e a educação me proporcionaram, me proporcionam e, com fé em Deus, me proporcionarão!

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva.

(Eliane Brum)

RESUMO

Diante do contexto de pandemia de Covid-19 percebeu-se que a necessidade e a demanda por informações aumentaram de forma considerável, e a imprensa precisou multiplicar os esforços para manter suas coberturas, adaptando as rotinas dos profissionais de jornalismo para se adequar às recomendações de segurança indicadas pela Organização Mundial de Saúde, de modo a garantir a saúde de seus profissionais e, em consequência, de suas fontes. Assim, este trabalho tem como finalidade identificar os principais impactos que a pandemia de Covid-19 trouxe para as rotinas produtivas dos profissionais das emissoras de televisão paraibanas afiliadas da Rede Globo. Para isso, a presente pesquisa toma como base o Estudo de Caso, a Observação Participante e a História Oral, dando ênfase às experiências vivenciadas por esses profissionais a partir das modificações trazidas pelo coronavírus, através de entrevistas semiestruturadas. Como aporte teórico tomamos como base os estudos de Traquina (2005), Vizeu (1999), que investigam o Jornalismo; Harvey (1992), que trata da acumulação flexível; e Berger e Luckmann (1985), referências no construtivismo, dentre outros que investigam as práticas e as rotinas profissionais. Na pesquisa identificamos pistas que indicam alterações nas rotinas laborais nas emissoras de TV analisadas, como uma maior participação das fontes na construção da informação e uma realidade de práticas laborais de maiores e mais constantes desafios e tensões para os profissionais jornalistas durante a pandemia, voltadas ao grande número de notícias falsas, sobrecarga de atividades e adaptações nos conteúdos para manter o fluxo produtivo mesmo com os protocolos sanitários de segurança.

Palavras-Chave: Telejornalismo. Rotinas Produtivas. Covid-19. Reestruturação. Tecnologia.

ABSTRACT

Given the context of the Covid-19 pandemic, it was noticed that the need and demand for information has increased considerably, and the press had to multiply efforts to maintain its coverage, adapting the routines of journalism professionals to suit the recommendations of indicated by the World Health Organization, in order to guarantee the health of its professionals and, consequently, of its sources. Thus, this work aims to identify the main impacts that the Covid-19 pandemic brought to the productive routines of professionals from television stations affiliated with Rede Globo. For this, the present research is based on the Case Study, the Participant Observation and the Oral History, emphasizing the experiences lived by these professionals from the changes brought about by the coronavirus, through semi-structured interviews. As a theoretical contribution, we take as a basis the studies of Traquina (2005), Vizeu (1999), who investigate Journalism; Harvey (1992), which deals with flexible accumulation; and Berger and Luckmann (1985), references in constructivism, among others that investigate professional practices and routines. In the research, we identified clues that indicate changes in work routines in the analyzed TV stations, such as a greater participation of sources in the construction of information and a reality of work practices of greater and more constant challenges and tensions for professional journalists during the pandemic, aimed at large number of fake news, overload of activities and adaptations in content to maintain the productive flow even with health safety protocols.

Keywords: Television Journalism. Productive Routines. Covid-19. Restructuring. Technology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Anúncio do primeiro caso de Covid-19 no estado da Paraíba.....	54
Figura 2 - Uso de dois microfones nas entrevistas.....;	55
Figura 3 - Equipamentos de transmissão montados na casa da jornalista Denise Delmiro.....	57
Figura 4 - Apresentadora adapta a sala de sua casa para trabalhar em <i>home office</i>	58
Figura 5 - Espelho do telejornal JPB1 do dia 27 de fevereiro de 2020.....	61
Figura 6 - Espelho do telejornal JPB1 do dia 13 de junho de 2020.....	62
Figura 7 - <i>Print Screen</i> de conversa no WhatsApp entre produtor e telespectador.....	65
Figura 8 - <i>Print Screen</i> de conversa no WhatsApp entre produtor e telespectador.....	66
Figura 9 - Telespectador concedendo entrevista de forma virtual.....	69
Figura 10 - Gráfico exibido no JPB1 no dia 6 de março de 2021.....	71
Figura 11 - Registro feito no período da imersão na redação da TV Paraíba.....	78
Figura 12 - Repórter da TV Paraíba em <i>home office</i>	80
Figura 13 - Equipamentos usados na videorreportagem da TV Paraíba.....	83
Figura 14 - Conteúdo enviado por telespectador exibido no formato vertical.....	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 JORNALISMO E SOCIEDADE.....	17
3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO REAL NO JORNALISMO.....	23
4 AVANÇOS E DILEMAS DO TELEJORNALISMO NO BRASIL	34
5 UM OLHAR SOBRE OS PERCURSOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS	49
6 AS ROTINAS DAS EMISSORAS PARAIBANAS DE TV AFILIADAS DA REDE GLOBO NO CONTEXTO PANDÊMICO	53
6.1 A rotina no contexto pandêmico da TV Cabo Branco.....	53
6.1.1 Tensões e rotinas no contexto pandêmico.....	54
6.1.2 Os desafios do <i>home office</i>	56
6.1.3 Audiência reconfigurada.....	59
6.1.4 Adaptações e sobrecarga.....	67
6.1.5 <i>Fake News</i> e dilemas éticos.....	72
6.2 A rotina no contexto pandêmico da TV Paraíba.....	77
6.2.1 Tensões e rotinas no contexto pandêmico.....	78
6.2.2 Os desafios do <i>home office</i>	80
6.2.3 Audiência reconfigurada.....	81
6.2.4 Adaptações e sobrecarga.....	83
6.2.5 <i>Fake News</i> e dilemas éticos.....	86
6.3 Um olhar sobre as duas emissoras.....	87
7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DO QUE FOI VIVIDO E DO QUE ESTÁ POR VIR	90
REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICE.....	100

1 INTRODUÇÃO

O primeiro caso da Covid-19, infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global, foi identificado em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019. Desde então, os casos começaram a se espalhar rapidamente pelo mundo, tornando a situação cada vez mais grave, onde todos os setores sofreram interferências em caráter de urgência para buscar se adaptar em meio a crise sanitária, tentando manter o desenvolvimento das atividades, evitando ao máximo a disseminação do coronavírus e tentando preservar a vida das pessoas¹.

Segundo levantamento feito em março de 2022 pela Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, o mundo já ultrapassa a marca de 6 milhões de mortos pela Covid-19. No Brasil, até o dia 09 de novembro de 2022, o total de mortos já passava de 688 mil.²

Ferrareto e Morgado (2020), comparam a cobertura jornalística durante a Covid-19 com outras experiências jornalísticas extremamente intensas. Para os autores, “a pandemia de Covid-19 impõe desafios semelhantes aos da cobertura de uma guerra ou à da atuação em zonas de conflitos urbanos entre autoridades policiais e criminosos. A regra básica é a mesma: a sobrevivência do profissional em primeiro lugar”.

Diante deste contexto, a necessidade e demanda por informações só aumentavam e a imprensa precisou multiplicar os esforços para manter suas coberturas, adaptando as rotinas dos profissionais de jornalismo para se adequar às recomendações de segurança indicadas pela Organização Mundial de Saúde, de modo a garantir a saúde de seus profissionais e, em consequência, de suas fontes.

O coronavírus pode ser considerado pelos comunicadores como uma das maiores pautas e uma das maiores crises da história do jornalismo, e também um dos responsáveis - através de reestruturações impostas perante este cenário - por trazer as maiores oportunidades para o futuro dessa área. A pandemia diminuiu receitas e redações, extinguiu publicações, impôs obstáculos à liberdade de imprensa e cobrou celeridade na adaptação dos modelos de negócio.

¹ In: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>. Acesso em: 07. mar. 2021.

² In: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/03/07/mundo-ultrapassa-6-milhoes-de-mortes-por-covid-19-diz-universidade.ghtml>. Acesso em: 07. nov. 2022.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), uma das mais relevantes instituições de ciência e tecnologia em saúde da América Latina, publicou uma análise, em abril de 2022, sobre a importância da mídia diante do cenário da pandemia ressaltando que a relevância das pautas de saúde nos veículos, fez a sociedade acompanhar, em tempo real, informações, como o número de contaminados, a taxa de vacinados e as medidas vigentes para diminuir o contágio da doença. Informações estas que são fundamentais para orientar a população a enfrentar esse momento complexo.³

Pesquisas feitas nos primeiros meses de quarentena no Brasil por institutos nacionais de opinião e estatística, a exemplo do Kantar Ibope Media⁴, indicaram que a televisão e os jornais ainda são considerados os meios de comunicação mais confiáveis para quem deseja estar por dentro dos principais acontecimentos relacionados à Covid-19.

Em março de 2020, o Datafolha divulgou um levantamento mostrando que 61% das pessoas confiam nas informações sobre a crise veiculadas por emissoras de TV. Com a televisão à frente na confiança da população, a Rede Globo se destaca. Uma pesquisa feita pela QualiBest, em abril de 2020, mostrou que 19% dos participantes consideram a emissora como o canal mais confiável para se informar sobre o novo coronavírus e os desdobramentos da pandemia.⁵

Já em pesquisa, que data de março de 2021, realizada pelo Inside Video, constatou-se que em 2020, o brasileiro passou cerca de 7h09 em frente à TV, 39 minutos a mais do que o registrado em 2019. Ao longo do ano, foram mais de 209 milhões de espectadores. Dos 50 dias com maiores audiências de vídeo nos últimos cinco anos, 38 ocorreram em 2020.⁶

Ribeiro, Sacramento e Roxo (2010, p.7) fortalecem o protagonismo do telejornalismo na nossa sociedade quando falam que a televisão “ao longo de sua existência, foi se firmando como a mídia de maior impacto na sociedade brasileira. Ela é a principal opção de entretenimento e de informação da grande maioria da população do país”.

³ In: <<https://www.iff.fiocruz.br/index.php?view=article&id=68:jornalismo-covid-19&catid=8>>. Acesso em: 24 jul. 2022.

⁴ A Kantar IBOPE Media é a maior empresa de mensuração de audiência e investimento publicitário em toda a América Latina.

⁵ In: <<https://portaldacomunicacao.com.br/2020/05/jornalismo-cresce-em-audiencia-na-pandemia-do-coronavirus/>>. Acesso em: 24 ago. 2022.

⁶ In: <<https://www.kantaribopemedia.com/consumo-de-video-bate-recorde-no-brasil/>>. Acesso em: 24 jul. 2022.

Para muitos, é a única. Suas imagens pontuam - e mobilizam em muitas formas - a vida e as ações de milhares de pessoas. A televisão faz parte, enfim, da vida nacional. Ela está presente na estruturação da política, da economia e da cultura brasileira (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p.7).

Para Siqueira e Monteiro (2020, p.8), é sobretudo por meio da televisão e do telejornalismo que os brasileiros se informam sobre o que acontece no país e no mundo. Para elas, “nos tempos de pandemia, e bem além deles, a realidade é descortinada e torna-se socialmente descortinada por meio do jornalismo”.

Se a ciência e a pesquisa apontam que distanciamento e isolamento social são as estratégias adequadas para o enfrentamento da doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, o Jornalismo amplia horizontes, permitindo entre outros aspectos, o acesso às informações confiáveis e capazes de reduzir incertezas e garantir o exercício da cidadania. Assim, as telas de televisão, computadores e outros dispositivos podem, com o trabalho dos jornalistas, aproximar cidadãos, tornando-se espaço para diferentes vozes, sons e imagens, tanto mais plurais quanto maior o espaço democrático, este também tecido e narrado pelo Jornalismo (SIQUEIRA; MONTEIRO, 2020, p.8).

Neste sentido, é nosso interesse identificar pistas de como os profissionais de jornalismo das emissoras de TV afiliadas da Rede Globo na Paraíba (TV Cabo Branco em João Pessoa e TV Paraíba em Campina Grande), adaptaram suas rotinas produtivas para realizar suas atividades laborais diante de um contexto pandêmico. Nosso trabalho buscará embasamento teórico nas discussões em torno dos conceitos de flexibilidade (HARVEY, 1992); teorias, estudos, práticas do jornalismo (VIZEU, 1999), (TRAQUINA, 2004); construção social da realidade (BERGER & LUCKMANN, 1985), dentre outros.

A pandemia pelo novo coronavírus exigiu de diversos setores ocupacionais a flexibilização de suas atividades. No Brasil, especificamente, onde nas últimas quatro décadas a desaceleração econômica se tornou um problema crônico na economia, a pandemia ganhou contornos desesperadores para grande parte dos trabalhadores. Antecipação de férias ou férias coletivas, suspensão de contratos de trabalho e reduções de jornadas (e de salários) foram algumas das situações que muitos trabalhadores do país tiveram que enfrentar para não serem direcionados para a fila de desempregados que passou a se formar.

No caso das alterações do ambiente de trabalho, a presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Maria José Braga, afirma que o trabalho remoto pode ser causador de ainda mais estresse, uma vez que o profissional fica em um alerta constante e que, muitas vezes, não há delimitação do horário da jornada. O trabalho

remoto tornou-se uma dificuldade para alguns a partir do momento que foi imposto como obrigatório.

No caso dos jornalistas que continuam na cobertura presencial, a necessidade de redobrar cuidados de prevenção e a possível exposição ao vírus também agravam a situação. Já no que se refere aos vínculos empregatícios, ela diz que a pandemia também foi usada como justificativa para medidas prejudiciais nas relações de trabalho, como a diminuição da jornada com redução salarial, ou mesmo a suspensão do contrato de trabalho (ABRAJI, 2020).

Este contexto, somado à pandemia que o mundo enfrenta em decorrência da Covid-19, cria um ambiente favorável à reinvenção, adaptação, criação e/ou até aprofundamento de práticas laborais para várias categorias profissionais, inclusive para o jornalismo. Ao longo dos anos, esta ocupação se adequou a vários modelos de produção, viveu o toyotismo, fordismo, pós-fordismo (ou acumulação flexível) e, atualmente, se ancora no que se convencionou chamar de jornalismo pós-industrial. Neste último, as mudanças são profundas e atingem a forma como os jornalistas fazem o seu trabalho, a natureza do conteúdo das notícias, a estrutura, a organização da redação e da indústria noticiosa como um todo, além da natureza das relações entre as organizações noticiosas e os seus variados públicos (PAVLIK, 2011).

Assim, para além das mudanças já em curso com a ascensão do jornalismo pós-industrial, os jornalistas brasileiros passaram a conviver com a possibilidade repentina do desemprego, das reduções de salário e com os riscos de contaminação pela Covid-19 para quem continuou na ativa. Essa conjuntura vem resultando no desequilíbrio da saúde mental dos trabalhadores, acarretado pelo aumento do estresse e da ansiedade. Esse foi o resultado de pesquisa realizada com base em relatos de profissionais da área pela Federação Internacional dos Jornalistas em abril de 2020 (ABRAJI, 2020).

Com base no exposto, este trabalho se propõe a tratar a seguinte questão: Quais são os impactos sofridos nas rotinas das emissoras paraibanas afiliadas da Rede Globo com a pandemia de Covid-19?

Nesta circunstância, o presente estudo tem como objetivo geral identificar como a pandemia da Covid-19 impactou as rotinas produtivas dos profissionais de televisão das afiliadas paraibanas da Rede Globo. E, como objetivos específicos, compreender como foram realizadas as atividades jornalísticas mediante às normas sanitárias da Organização Mundial da Saúde; analisar a dinâmica laboral dos profissionais de

jornalismo na produção e veiculação da notícia; e entender quais foram os arranjos na produção, edição e veiculação noticiosa.

Dessa forma, este trabalho se apresenta como uma proposta de problematização dessas questões, tratando-as de forma individualizada, a partir de um recorte temporal que leve em consideração a relação entre a importância e a necessidade social de circulação de informações neste momento, com os cuidados na saúde de quem produz informação. Isolados fisicamente em suas residências, os indivíduos se apoiam nos meios de comunicação para se orientar e acompanhar o que está acontecendo no mundo, e alguém precisa se expor a este mesmo mundo para levar tais informações: o jornalista.

Este profissional viu sua identidade, seu papel e até sua profissão mudarem, acrescentando demandas, colocando de lado certos conhecimentos e o obrigando a buscar outras especialidades. Desta forma, um novo profissional parece ter sido criado, multifacetado, independente e até solitário dentro da rotina *home office*.

Na atualidade, o jornalismo pós-industrial somado a pandemia da Covid-19, obrigou os profissionais de comunicação a se adequarem também a novas medidas de segurança e atuação que refletem diretamente nas suas práticas laborais. Neste sentido, o percurso teórico apresentado, aponta para os desafios enfrentados pelos jornalistas ao longo da história do trabalho.

Na nossa pesquisa, no capítulo 2, antes mesmo de aprofundarmos as discussões sobre telejornalismo, vamos abordar as contribuições e os caminhos do jornalismo na sociedade, analisando os desafios e a importância dessa área para os cidadãos.

No capítulo 3, cientes do papel do jornalismo em informar os indivíduos sobre os acontecimentos do mundo, entraremos na discussão sobre a construção social da realidade, sabendo que o jornalismo, por muitas vezes, é tido como a própria realidade, uma vez que a profissão tenta sempre se aproximar da verdade dos fatos, o que nos leva a reflexões importantes que travaremos nesta pesquisa.

Em seguida, no capítulo 4, para situar a história da televisão no Brasil, vamos nos debruçar sobre as fases do telejornalismo em nosso país, identificando características históricas de desenvolvimento técnico e de linguagem de cada época, caminhos que nos fazem entender como o telejornalismo se configura nos dias atuais. Ainda no mesmo capítulo, também faremos uma discussão em torno das rotinas produtivas e as mudanças no mundo do trabalho que acompanham os avanços e

recuos da ordem capitalista, e que podem nos ajudar a compreender alguns contextos laborais que o profissional de televisão atualmente está inserido.

Em sequência, no quinto capítulo, vamos explicar a proposta metodológica escolhida para o desenvolvimento deste trabalho, mostrando os caminhos que trilhamos e o que os autores dissertam sobre. Por fim, no capítulo 6, temos a análise das rotinas no contexto pandêmico das emissoras de televisão afiliadas da Rede Globo na Paraíba, onde faremos uma abordagem aprofundada da observação participante e das entrevistas com os integrantes selecionados como amostra das emissoras estudadas. Inicialmente é feita a análise na TV Cabo Branco de João Pessoa, em seguida na TV Paraíba de Campina Grande, e posteriormente um paralelo das jornadas laborais pandêmicas das duas emissoras.

Nesse momento em que o exercício da profissão é um serviço essencial, os jornalistas ainda precisam conviver com a possibilidade de terem a carga de trabalho aumentada, com ameaças de redução salarial e demissões. Portanto, é trazendo discussões que perpassam a flexibilização das relações de trabalho, o jornalismo pós-industrial e as novas rotinas produtivas, que esta pesquisa se propõe a pensar o jornalismo em um período tão particular da história mundial, marcado pela pandemia de Covid-19. Também justifica-se como uma contribuição acadêmica para a construção da memória do telejornalismo paraibano neste episódio tão marcante na história recente da humanidade objetivando contribuir com estudos futuros.

2 JORNALISMO E SOCIEDADE

Antes de aprofundarmos as discussões sobre telejornalismo, é importante falarmos sobre o relevante papel social que o jornalismo desempenha ao informar com responsabilidade à população, ao mesmo tempo em que discute questões significativas prezando pela ética, democracia, cidadania, apuração aprofundada dos acontecimentos e compromisso com a verdade. A mídia é tida como um mecanismo de comunicação que institui nas sociedades contemporâneas dimensões culturais e sociais.

No entanto, mesmo cientes da relevância da área, aqui é preciso também nos atentarmos aos dilemas enfrentados e que foram ainda mais fortalecidos durante a pandemia de Covid-19 onde, entre outras questões, podemos citar os baixos salários, a esgotante carga horária na jornada de trabalho, o cerceamento da liberdade de expressão, e a falta de perspectiva profissional para o futuro.

Para Martino (2001, p.23), “comunicar é simular a consciência de outrem, tornar comum (participar) um mesmo objeto mental (sensação, pensamento, desejo, afeto)”. Para contextualizarmos ainda mais essa discussão, trazemos aqui uma fala de Sodré (1996, p.11), que expressa seu entendimento sobre a comunicação:

Diz-se comunicação quando se quer fazer referência à ação de pôr em comum tudo aquilo que, social, política ou existencialmente, não deve permanecer isolado. Isso significa que o afastamento originário criado pela diferença entre os indivíduos, pela alteridade, atenua-se graças a um laço formado por recursos simbólicos de atração, mediação ou vinculação (SODRÉ, 1996, p.11).

Para entender melhor o contexto no qual estamos inseridos, é preciso buscarmos paradigmas e correntes de pensamentos oriundos de outros campos epistemológicos, tais como: Sociologia, Antropologia, História e Filosofia, como fala Charaudeau (2013, p.22):

De um ponto de vista analítico, pode-se constatar que as mídias de informação são objeto de estudos diferentes. Uns, de filiação mais especulativa, como os estudos filosóficos e antropológicos, inserem-nas numa problemática geral que se interroga a respeito do valor simbólico dos signos, seu lugar na sociedade, as semelhanças e diferenças que as mídias apresentam ao se inscreverem em espaços culturais diversos, sua perenidade ou sua transformação quando observadas através do tempo; outros estudos, de filiação mais experimental, como os estudos psicossociológicos, destacam alguns componentes desse objeto, para estudar as operações psicossociocognitivas necessárias para que partem de uma teoria do recorte do objeto empírico (*corpus*), valem-se de instrumentos de análise que lhes permitem explicar os efeitos de significância que tal objeto produz em situação de troca social (CHARAUDEAU, 2013, p.22).

Charaudeau (2013, p.189) também exprime que “as mídias de informações não se contentam em relatar as falas que circulam nesse espaço, elas contribuem de maneira muito mais ativa para a realização do debate social, dispondo num lugar particular”.

Esse surgimento e esse confronto não são espontâneos ou ao sabor do debate social que se instaura no espaço público. Trata-se, ao contrário, de uma encenação organizada de tal maneira que os confrontos de falas tornam-se, por si, um acontecimento notável (saliente). O acontecimento é proveniente, aqui, de um dizer que não é um simples recurso para descrever o mundo (a fala do apresentador, do jornalista ou da testemunha), mas uma construção com fins de revelação de uma determinada verdade sobre o mundo. Essa construção é, então, exibida (na imprensa, no rádio, na televisão), e para tanto ela é objeto, como no teatro, de uma *mise-en-scène* nos dispositivos instalados pelas mídias (CHARAUDEAU, 2013, p.189).

A nossa vida cotidiana é repleta de peculiaridades, assim como a história da imprensa no Brasil, bem como ressaltam Martins e Luca (2008), ao dizerem que “a

história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto-explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel”. E complementam:

Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, na imprensa, na política e nas instituições. Em outras, são, no mínimo, bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional. E os exemplos vêm da Colônia, passam pelo Império, persistem na Primeira República, seguem no Estado Novo e chegam até nossos dias (MARTINS; LUCA, 2008).

Como acontece desde os primórdios, o homem vive numa evolução constante em suas formas de comunicação. Mas é só com o desenvolvimento da imprensa, no século XVIII, que surgem os profissionais especializados para a comunicação social, ou seja, os jornalistas, e equipamentos são criados para agilizar e propagar a informação na sociedade. A partir de então, a história do jornalismo e dos jornalistas parece estar atrelada ao desenvolvimento de técnicas que constantemente inserem mudanças nas rotinas profissionais da categoria - ponto este que iremos aprofundar ao longo deste trabalho.

Alguns estudiosos estabelecem uma relação muito próxima entre o desenvolvimento da imprensa e a evolução das condições materiais do país. Sodré (1983, p.1) afirma que “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”.

Medina (1978), a partir de estudos de Fernando Henrique Cardoso sobre o desenvolvimento do capitalismo brasileiro, identifica três subfases do jornalismo noticioso: 1ª fase – marcada pela substituição das importações, dos anos 1950 até 1962, quando o modelo norte-americano se torna referência para a imprensa nacional; 2ª fase – marcada pela implantação de indústrias de bens de consumo duráveis, diversificação da produção industrial e entrada significativa de investimentos estrangeiros, período esse também marcado pela decadência dos Diários Associados e a ascensão dos conglomerados de comunicação; 3ª fase – caracterizada pela dinamização econômica, exportação de produtos semimanufaturados e de alguns produtos industrializados, exportação de produtos culturais de consumo popular como novelas, minisséries e documentários; esse período também é marcado pela chegada da Internet.

Vizeu (2002, p.39) reforça as afirmações acima ao entender que “a relação entre o desenvolvimento do capitalismo e a evolução do jornalismo se dá a partir de

transformações que se estabelecem com o incremento técnico da imprensa”. Para ele, “o jornalismo, como conhecemos hoje no mundo ocidental, tem suas origens intimamente ligadas ao desenvolvimento do capitalismo”.

Mas, falando sobre o jornalismo na sociedade, Silva (2009) fala que os meios midiáticos “estão imbricados na vida cotidiana dos indivíduos e que pensá-los como algo dicotômico já não se sustenta mais”.

Para Thompson (1998), o desenvolvimento das sociedades ditas modernas deve-se também ao avanço técnico dos meios de comunicação e ao seu impacto, visto que estes meios se entrelaçam de forma bastante complexa com outras formas de desenvolvimento que fundaram novas características institucionais dessas sociedades e por isso é crucial dar uma atenção especial a esse avanço dos meios de comunicação.

Hoje, mais que nunca, a indústria da mídia potencializou a valorização comercial das formas simbólicas, de maneira tal a se tornar onipresente de uma forma ou de outra no cotidiano dos indivíduos. Seja através dos meios mais clássicos da comunicação moderna, como jornais, revistas, panfletos, seja por meios mais sofisticados como rádio, televisão, computadores etc. A partir deste momento, com a difusão mais extensa dos produtos da mídia - esta vista por Thompson (1998) como grande difusora de bens simbólicos -, tornou-se um fenômeno social: "a ampliação da disponibilidade das formas simbólicas se tornou tão pronunciada e rotineira que todos a supõem como uma característica corriqueira da vida social" (THOMPSON, 1998).

Analisando por esse viés, o jornalismo pode até passar despercebido enquanto mercadoria, mas, segundo Traquina (2005), “na prática as notícias se tornam meros produtos do capitalismo. Não à toa, a disponibilidade de cobertura é orientada pela rentabilidade da notícia”.

Freire (2018, p.14), explicita bem essa dualidade do jornalismo ao dizer que:

Não há dúvidas de que o jornalismo é uma zona de conflito de interesses empresariais, políticos, econômicos e ideológicos. Por outro lado, a atividade jornalística também é uma zona de convergência de interesses democráticos, na medida em que cede espaço para diferentes vozes, fornecendo à população o direito de obter informações úteis e de se fazer ouvida (FREIRE, 2018, p.14).

Traquina (2005, p.125-126), observa as transformações ocorridas no jornalismo no século XIX com a industrialização e o surgimento do mito do “Quarto Poder” no “novo jornalismo”. Nesta análise, o jornalismo, combinado ao poder e à opinião pública, compõe o triângulo da teoria democrática e serve como um instrumento para o exercício dos direitos e preocupações dos cidadãos e cidadãs. Ele ainda mostra como o jornalismo e os jornalistas – “membros da comunidade

interpretativa” – definem-se “no cumprimento de papéis sociais bem precisos” na sociedade democrática.

Ele fala que o jornalismo era ainda reconhecido apenas como a imprensa. Um meio de comunicação com o “papal de mercado de ideias” numa sociedade em que é possível e necessária a diversidade de opiniões nas discussões. É no exercício democrático, pautado na lógica “o poder põe em xeque o poder”, que o jornalismo torna-se o “guardião dos cidadãos”, opondo-se contra quaisquer possíveis abusos dos governos.

Para Neveu (2006, p.196), esse papel de cidadão precisa de uma informação inteligível, completa e contraditória que dê sentido a um máximo de dimensões da vida social e, portanto, “não se polarize sobre os únicos discursos da instituição, não identifique as via ordinárias do trivial ou do subalterno, não reduza a sociedade a seus extremos”. O autor ainda fala que “o postulado normativo que associa o jornalismo à ideia de democracia pode se condensar num silogismo. Uma sociedade política não é feita de consumidores, mas de cidadãos”. Para o autor, “a cidadania consiste em tornar parte num debate permanente, pontuado por momentos de participação, sobre as questões do viver em comum e suas soluções”.

O mesmo autor levanta essa questão da missão democrática do jornalismo diante de um cenário capitalista ao enfatizar que são necessários três apoios para concretizar esse ideal democrático, são eles: o Estado, o pluralismo e a introdução das aquisições das ciências sociais no debate público.

Neveu (2006, p.97), ao falar sobre o primeiro ponto, lembra que não se pode dissociar o crescimento do jornalismo e da imprensa do Estado, “isso desde o apoio multiforme que foi dado pelo Estado por tarifas preferenciais, subvenções, derrogações ao direito social e ao direito das sociedades” (NEVEU, 2006, p.97).

Diante do poder das lógicas de mercado, o que está em jogo hoje é a reinvenção – nos cenários jurídicos que não deixam nenhum lugar para um poder de influência que não deixam nenhum lugar para um poder de influência dos governantes – de ajudas financeiras que garantam a preços não-dissuasivos a acessibilidade uma informação conforme os critérios evocados aqui, que consagram a disponibilidade dessa informação como um direito democrático e para isso forneça meios (NEVEU, 2006, p.97).

O segundo apoio na perspectiva de Neveu (2006, p.97) é o pluralismo. O autor fala que ele deve ser político, mas também sociológico, supondo que o jornalismo esteja atento ao leque completo de experiências sociais e suas expressões, “[...] que ele saiba captá-las onde elas dispõem de poucos porta-vozes institucionais, restituí-

las sob formas que suscitem a reflexão de públicos muito diversos” (NEVEU, 2006, p.97).

Valorizar as “visões do andar de baixo”, reconsiderar a hierarquia das editorias e os ângulos são aqui a condição para o que Gans (1980), chama de uma “informação de perspectivas múltiplas”. Certas inovações recentes, às vezes estimuladas pelas considerações comerciais, vão nesse sentido. Seu pleno desenvolvimento implica mudanças e debates quanto à definição das competências dos jornalistas, à sua diversidade social, à renovação da relação com os públicos (NEVEU, 2006, p.97).

O terceiro e último ponto de apoio refere-se à introdução das aquisições das ciências sociais no debate público. Segundo Neveu, “o jornalismo moderno deu aos especialistas e aos intelectuais um espaço não negligenciável” (NEVEU, 2006, p.97).

Não está claro se ele o fez de bom grado, devendo a responsabilidade nesse domínio também ser imputada à pouca competência ou ao descuido vulgarizador dos pesquisadores. Do espaço exorbitante dados aos *fast thinkers* midiáticos, no caso de pesquisadores que passeiam pelas mídias sem se preocupar com seus imperativos ou produzindo por mimetismo ou indigência o mesmo discurso de um jornalista comum, a lista dos fracassos é mais longa que a dos sucessos. Inventar com os pesquisadores formas mutuamente produtivas de cooperação continua a ser um desafio do qual não saberia escapar um jornalismo que levasse a sério a ideia de compreender o mundo (NEVEU, 2006, p.97).

As assertivas acima mostram a afinidade da relação entre a sociedade e o jornalismo, refletindo as contribuições da mídia no processo democrático da sociedade. Nesta perspectiva, Jardins e Brandão (2014), trazem uma reflexão sobre a influência do poder da mídia na sociedade ao dizerem que a classe dominante “usa o artifício do diálogo como forma de legitimação e manutenção de seu poder, atuando na diversidade de ideias e de vozes frente à realidade objetiva, mas sempre procurando ressaltar sua visão de mundo”. E complementam:

Como integrante da atividade social, a mídia trabalha em sentido paralelo ao da ideologia da classe dominante, embora o faça com certo grau de autonomia funcionalista. Isso leva muitos autores a denominarem a mídia “o quarto poder”. Por isso, neste momento histórico, parcelas importantes da sociedade travam uma luta em torno da necessidade de normas que definam o papel da mídia no contexto social como instrumento de informação e de formação. Que ela possa mudar o viés de construção de “correntes hegemônicas e contra-hegemônicas”, e de controle que liga sua identidade às classes e aos valores dominantes, procurando desconstruir uma ação de mediação sociocultural voltada à legitimação do discurso das classes dominantes (JARDINS; BRANDÃO, 2014).

Neste sentido, tendo um olhar mais geral sobre os meios de comunicação, não podemos dizer que eles são bons ou ruins, é preciso termos a consciência de quem os usam e quais os objetivos pelos quais eles estão sendo usados. Como afirmam

Laignier e Fortes (2009), “As mídias não são, por si mesmas, conservadoras ou progressistas. Progressistas ou conservadores podem ser os seus usos, a sua propriedade, os interesses a que servem”.

Tais apontamentos são muito pertinentes uma vez que vivenciamos uma realidade impactada por uma pandemia viral, onde estamos percebendo essa necessidade ainda mais urgente de se buscar informações tencionando a segurança sanitária da população e, onde é percebido um protagonismo do telejornalismo quando se trata de divulgação de notícias confiáveis e uma contribuição positiva para com a sociedade.

Seguindo esse ponto e pensando sobre o papel do jornalismo em nossa sociedade, refletimos que para que o cidadão possa exercer livremente seus demais direitos é preciso antes que ele esteja informado, estando informado, na orientação do iluminismo, considera-se que ele estará esclarecido. Mas, neste contexto, é preciso se ter um fluxo exitoso na relação jornalismo-público, como destaca Gentilli (2013), ao dizer que:

O jornalismo não é simplesmente uma janela pela qual o leitor teria acesso ao mundo real, mas um processo que implica a incidência de subjetividades impossíveis de separar. A tarefa da síntese, no entanto, é entregue ao leitor ou ao expectador. Se considerarmos o jornalismo como uma forma de conhecimento, ao mesmo tempo em que atribuímos a essa atividade a tarefa de munir o cidadão de informações acerca da realidade, para que ele possa finalmente pensar por si, o conhecimento o jornalismo não se completa senão com o cidadão leitor ou expectador (GENTILLI, 2013).

A implicação dessas mudanças sobre a atividade jornalística parece aniquilar o papel histórico até então desenvolvido por este profissional para dar lugar às contingências impostas por uma organização institucional subordinada às regras e à lógica do desenvolvimento capitalista.

3 O JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

Como observado até aqui, compreender o papel do jornalismo e do jornalista na sociedade é uma questão provocativa e que suscita debates de vários especialistas da área. Além disso, se faz necessário entender como se dá a relação entre o jornalismo e a construção dos acontecimentos que formam a realidade social.

Para muitos, o jornalismo, através dos conteúdos que produz, acaba se tornando um elemento que contribui com que as pessoas identifiquem o que é realidade a partir de retratos mais amplos da realidade individual.

Tal constatação ganhou bastante força nos primeiros meses de pandemia de covid-19, quando o nível de tensão entre os jornalistas cresceu diante da urgência na apuração dos fatos de uma forma muito cautelosa diante de um tempo ainda mais restrito frente à emergência e perecibilidade dos dados relacionados à pandemia e, conseqüentemente, dessa forma, a população passou a ver a criticidade da situação vivenciada diante do que a mídia informava e se aproximando da situação através das imagens transmitidas nos telejornais e nas redes sociais.

Porém, para entender porque as notícias são como são é necessário compreender algumas teorias e, nesse caso específico, abordamos os estudos de Nelson Traquina (2005). Uma das teorias abordadas pelo autor, considerada por ele “pobre e insuficiente”, é a Teoria do Espelho que fala que “as notícias são como são porque a realidade assim as determina”.

A ideologia jornalística defende uma relação epistemológica com a realidade que impede quaisquer transgressões de uma fronteira indubitável entre a realidade e ficção, havendo sanções graves impostas pela comunidade profissional a qualquer membro que viole essa fronteira. O ethos dominante, os valores e as normas identificadas com um papel de árbitro, os procedimentos identificados com o profissionalismo, faz com que dificilmente os membros da comunidade jornalística aceitem qualquer ataque à teoria do espelho porque a legitimidade e a credibilidade dos jornalistas estão assentes na crença social de que as notícias refletem a realidade, que os jornalistas são imparciais devido ao respeito às normas profissionais e asseguram o trabalho de recolher a informação que “reproduzem” o acontecimento da notícia (TRAQUINA, 2005, p.149).

É a mais antiga tentativa de explicar os processos que envolvem a profissão e que parte do princípio da total objetividade acerca da realidade buscada pelo jornalismo. “Nos estudos da parcialidade das notícias, a teoria das notícias como espelho não é posta em causa; nos estudos que utilizam as perspectivas das notícias como construção, a teoria do espelho é claramente rejeitada”. (TRAQUINA, 2005, p. 168).

Os jornalistas dizem: ‘Há um acontecimento; quer dizer alguma coisa. Quem que lá esteja perceberá o que é que ele significa. Tiramo-lhes fotografias. Escrevemos um relato sobre ele. Transmitimo-lo tão autenticamente quanto possível através dos media, e a audiência vê-lo-á e perceberá o que aconteceu’. E quando se afirma que as pessoas têm interesse em versões diferentes desse acontecimento, que qualquer acontecimento pode ser construído das mais diversas maneiras e que se pode fazê-lo significar as coisas de um modo diferente, esta afirmação de algum modo ataca ou mina o sentido de legitimidade profissional dos jornalistas, e estes resistem bastante à noção de que a notícia não é um relato mas uma construção (TRAQUINA, 2005, p. 170).

Aqui trazemos uma fala de Correia (2012, p. 83), que contrapõe essa teoria ao dizer que “mais do que simples espelhos de uma realidade pré-existente, os jornalistas e os enunciados por eles produzidos intervêm na construção das condições e do modo em que a realidade é percebida”.

Correia diz que, seja, por exemplo, pela linguagem que não é neutra nem inocente, “os jornalistas não são observadores passivos mas participantes ativos na construção da realidade”. O autor ainda traz duas abordagens no que se refere a construção social da realidade: uma visão interacionista e outra estruturalista.

Numa visão interacionista, enfatiza-se a existência e partilha de uma cultura comum que permite o desenvolvimento de um campo jornalístico autônomo. Numa visão estruturalista, a construção da realidade por parte dos media informativos é determinada por dispositivos institucionais e reproduz, ainda que com diversos graus de autonomia, os valores ideológicos dominantes: o jornalismo torna-se um dispositivo processo de controle social. A primeira privilegia como objeto os domínios sistêmicos que interferem na produção jornalística. A segunda adequa-se ao mundo vivido do comunicador. Analisa os procedimentos adotados pelos jornalistas para identificar as suas histórias e selecionar as suas fontes, as rotinas estabelecidas assim como os mecanismos de socialização, de partilha, de ideologias e acervos de conhecimentos que contribuem para as suas decisões (CORREIA, 2012, p.83).

Vizeu (2008, p. 112), fala que “a idéia de que o jornalista é um mero reproduzidor de fatos e que bastaria que ele acionasse de uma forma correta um conjunto de regras para realizar um bom trabalho, um bom texto, não corresponde à realidade”.

O referido autor considera que “a definição do jornalismo como um conjunto de técnicas especiais é reducionista e não consegue compreender o campo jornalístico como “lugar estratégico” de produção e construção do real”.

Partindo do pressuposto de que o ato de discursar resulta do contato do jornalista com o campo do código, é possível se afirmar que o “ato jornalístico” mais do que trabalhar com “regras”, “leis” ou “dicas”, estrutura-se a partir de dois momentos estratégicos: operação e construção, cujas regras são pensadas, independentes do sujeito, pois quando ele as aciona, elas já estão estruturadas no campo da linguagem (VIZEU, 2008, p.112).

Beltrão (1964, p. 62), relata que o jornalismo é importante na sociedade por ser uma forma de conhecimento, ao dizer que “a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum”.

Stuart Hall (2004, p.26), traz para o debate o discurso sobre ideologia ao dizer que a encara como “um conjunto de recursos - linguagens, conceitos, categorias,

imagens mentais e sistemas de representações - que as diferentes classes e grupos sociais utilizam para significar, definir e tornar inteligível o modo como a sociedade funciona”

Na perspectiva crítica, os relatos noticiosos podem, eles próprios, tornar-se uma peça de funcionamento ideológico na medida em que refletem os grandes consensos sociais, favorecendo a sua aceitação e a sua consagração. A produção noticiosa é associada à obtenção de um consenso orgânico relacionado com a hegemonia dos grupos dominantes (HALL, 2004, p.26).

Fausto Neto (1991), diz que “no dia-a-dia de sua atividade, o jornalista é servido pela língua, códigos e regras do campo das linguagens, para, no trabalho da enunciação, produzir discursos”. Em outras palavras, o jornalismo tem uma dimensão simbólica.

Charaudeau (2013, p.189), defende a ideia de um “acontecimento provocado”, a partir da ideia de que existe um espaço público próprio, e que isso, conseqüentemente, leva a um conhecimento. “Assim, as mídias assumem uma parte da simbólica democrática, a que se constrói através do dizer social, mas apenas uma parte, mesmo quando dá a impressão de querer ser a única a representá-la”. (CHARAUDEAU, 2013, p.189).

Falando especificamente do telejornalismo, Rocha, Campos e Lopes (2019, p.5) falam que o telejornal “é encarado como uma série de operações que fornece instruções ao telespectador sobre os procedimentos de leitura, isto é, as formas de o ler e perceber”. As autoras definem esses noticiários como um “um manual de instruções, ou seja, tende a programar e influenciar o seu telespectador”.

Os meios de comunicação articulam e orientam a atenção dos indivíduos, oferecendo quadros estáveis para a regulação das relações de visibilidade e para a distribuição da atenção pública. Logo, o discurso jornalístico tem um relevo, na medida em que estabelece uma relação mais direta com o debate sobre os processos de construção social da realidade. Podemos definir o jornalismo como uma forma de comunicação para o discurso público, com conteúdo distinto e estatuto privilegiado em relação a outras formas de comunicação (ROCHA; CAMPOS; LOPES, 2019, p.5).

As autoras ainda enfatizam a ideia de que o jornalismo como modo de construção social da realidade, “revela a realidade vivida numa perspectiva diferente da ciência, por exemplo. Ao revelar de maneira diferente, pode revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar”.

Dito isto, a ideia de que o conhecimento é fruto das relações intersubjetivas quotidianas, desmistifica a noção da existência de uma verdade única e incontestável - dogma, dando impulso ao reconhecimento do jornalismo como construtor social da realidade (ROCHA; CAMPOS; LOPES, 2019, p.5).

Bourdieu (1997, p.105), fala que “o campo jornalístico pode ser entendido como um espaço simbólico e relativamente autônomo, que possui regras próprias”, e complementa dizendo que este campo pertence a um macrocosmo, que, por consequência, é subordinado a leis locais e que “ele pode ser visto como uma unidade, ainda que sofra pressões internas e externas, as quais tendem a modificá-lo ou conservá-lo”.

Alves (2010, p.150), ressalta que o campo jornalístico “é reconhecido e reforçado pela realidade social cotidiana nas diferentes épocas desde as primeiras produções e publicações”. A autora também diz que nisso também existe um processo de transformação e reconfiguração pois “o jornalismo ao recolher, reconhecer, interpretar e codificar em notícia os acontecimentos, torna-se um dos contribuidores da construção social da realidade cotidiana”.

Moreno (2002, p.66), aborda a obra ‘Teoria das notícias: o estudo do jornalismo no século XX’ de Nelson Traquina, para dizer que existem duas teorias que passam a partilhar esse paradigma da notícia como construção social: a estruturalista e a etnoconstrucionista.

A corrente estruturalista valoriza uma perspectiva culturalista, ou seja, dá ênfase ao papel da cultura no próprio momento de construção da notícia. A teoria etnoconstrucionista argumenta, de acordo com Nelson Traquina, que os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo. O trabalho jornalístico é, então, definido como uma atividade prática e cotidiana, orientada para cumprir as horas de fechamento da edição (MORENO, 2002, p. 66).

Innerarity (2009), fala que “O presente já não é algo que simplesmente se oferece ao nosso olhar, sem empenhamento teórico, interpretativo e antecipatório”. O jornalismo, para Park (1976), se situa entre dois tipos de conhecimento: *conhecimento de* e de *conhecimento acerca de*, considerados formas de dizer e interpretar o real. Mas, o fato de não se traduzir num saber sistemático é o que o diferencia da ciência.

Assim, *conhecimento de* seria uma espécie de conhecimento adquirido no curso das experiências quotidianas, que se incorpora no hábito e no costume. É o conhecimento partilhado por todos e do qual os sujeitos não duvidam. Aquilo que habitualmente é chamado de senso comum. Já o *conhecimento acerca de* distanciar-se-ia das práticas quotidianas, tendo por base o saber racional, analítico e sistematizado, mais próximo da ciência. Afasta-se do saber do senso comum, porque se vincula a um saber especializado, aproximando-se da filosofia e da lógica, da história e das ciências naturais (PARK, 1976).

Segundo Marôpo e Silveira (2014, p.11), além dessas, existe uma terceira abordagem, que trata justamente do que estamos debatendo neste capítulo: o jornalismo como modo de construção social da realidade.

“Para esta terceira abordagem, o jornalismo não revela mais nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar” (Meditsch, 2002:3). Por outro lado, a ideia de que o conhecimento é fruto das relações intersubjetivas quotidianas, vinculado a um caráter cultural e histórico, desmistifica a noção da existência de uma verdade única e infalível, dando impulso à plausibilidade de reconhecimento do jornalismo como construtor social da realidade (SILVEIRA e MARÔPO, 2014, p.11).

Tuchman (2009) diz que as notícias “não perdem sua ligação com as estruturas sociais, mas passam a ser vistas como produto de uma construção profissional e institucional”, e acrescenta, “as notícias, nesse sentido, não espelham a realidade, ajudam a constituí-la como um fenômeno social partilhado.”

Correia (2005, p. 125), fala que “o mundo ao meu alcance imediato não precisa estar ligado diretamente às relações físicas de proximidade, pois posso ter acesso a uma informação e agir imediatamente a partir dela”. Para ele, isso pode acontecer mesmo se a pessoa ou objeto estiver longe do indivíduo. Desse modo, o que os media fazem “é alterar e consolidar sistemas de relevância, ou seja, dar conhecimento público do que se entende ser importante discutir”.

Para Berger e Luckmann (1998, p.47), “a mais importante experiência dos outros ocorre na situação de estar face a face com o outro, que é o caso prototípico da interação social. Todos os demais casos derivam deste”, e acrescentam:

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles (BERGER e LUCKMANN, 1998 p.36).

Gama e Dadalto (2007, p.3), falam que a interação e a comunicação entre as pessoas constituem aspectos subjetivos e objetivos no dia a dia, o que leva a diferenciar os contextos sociais, tendo a subjetividade como um papel de destaque nesse sentido. Para elas, “os fatos noticiados são significativamente construídos por influências subjetivas vigentes na realidade social”.

A participação da atividade jornalística na realidade social ocorre desde a determinação do que é notícia até sua ressignificação pelo receptor. Baseada nos fatos decorrentes das ações no meio social, econômico, político e cultural, a notícia exige e depende desta participação. A vinculação da atividade jornalística com a realidade da vida cotidiana é recíproca. Ou seja, ao mesmo tempo em que protagoniza diversos acontecimentos no mundo real, o sujeito também é o receptor e ressignifica estes fatos produzidos pelos veículos de comunicação, o que possibilita a caracterização da notícia como uma construção social (GAMA; DADALTO, 2007, p.3).

Ainda para as mesmas autoras, “as notícias são construções sociais desde o momento em que surgem e são consolidadas na sociedade, bem como quando são propagadas até o veículo de comunicação”.

Veron (1995), fala que “A mídia é quem cria a realidade social. Os acontecimentos chegam a nós através da mídia e são construídos através de sua realidade discursiva. Em nossa sociedade, é a mídia quem gera a realidade social”. Sendo assim, é na prática produtiva do jornalismo onde se dá esse processo de construção da realidade social.

“Os acontecimentos sociais não são objetos que se encontrem já feitos em alguma parte da realidade e cujas propriedades e transformações nos são dados a conhecer de imediato pelos meios de comunicação com maior ou menor fidelidade. Eles só existem na medida em que esses meios os elaboram. (...) Os meios informativos são o lugar onde as sociedades industriais produzem nossa realidade” (VERÓN, 1995, p.2).

Berger & Luckmann (1995), que estão no campo do construtivismo, reafirmam esta compreensão básica do processo de interiorização da realidade social institucionalizada:

As instituições foram criadas para aliviar o indivíduo da necessidade de reinventar o mundo a cada dia e ter de se orientar dentro dele. As instituições criam ‘programas’ para a execução da interação social e para a ‘realização’ de currículos de vida. Elas fornecem padrões comprovados segundo os quais a pessoa pode orientar seu comportamento. Praticando esses modos ‘prescritos’ de comportamento aprende a cumprir as expectativas ligadas a certos papéis como casado, pai, empregado, contribuinte, transeunte, consumidor. Quando as instituições funcionam normalmente, o indivíduo cumpre os papéis a ele atribuídos pela sociedade na forma de esquemas institucionalizados de ação e conduz sua vida no sentido de currículos de vida assegurados institucionalmente, pré-moldados socialmente e com alto grau de auto-evidência. Em seu resultado, as instituições substituem os instintos: possibilitam um agir para o qual nem sempre é preciso pesar cuidadosamente as alternativas (BERGER; LUCKMANN, 1995, p.54-56).

Ainda na perspectiva sociológica, seguimos adentrando no trabalho de Berger e Luckmann (1998), a partir do entendimento da sociedade como uma realidade objetiva e subjetiva que faz parte de um processo dialético em curso feito por três momentos distintos: exteriorização, objetivação e interiorização.

Partindo da interiorização, os autores falam que, no sentido geral, ela está “subjacente tanto à significação quanto às suas formas mais complexas, [...] constitui a base primeiramente da compreensão dos nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade dotada de sentido”.

Esta apreensão não resulta de criações autônomas de significado por indivíduos isolados, mas começa com o fato do indivíduo “assumir” o mundo

no qual os outros já vivem. Sem dúvida, este “assumir” em si mesmo constitui em certo sentido um processo original para cada organismo humano e o mundo, uma vez “assumido”, pode ser modificado de maneira criadora ou (menos provavelmente) até recriado (BERGER; LUCKMANN, 1998, p. 174).

Já a exteriorização é o resultado da ação humana e o produto dela é a sociedade, ordem social e conseqüentemente o mundo social. Berger e Luckmann (1995, p.87), falam que esse processo de interiorização resulta no homem como produto social e já a objetivação “é o processo de produção humana de sinais, significação e subjetividade que se objetiva como realidade”. E acrescenta: “a sociedade é o produto humano objetivado, por ser objetivada independente da consciência individual”.

Na visão de Berger e Luckmann (1985, p. 11), a construção da realidade trata-se de um fenômeno social, sendo esse processo necessário de análise pela sociologia do conhecimento para entender como isso de fato se dá, com o intuito de:

ocupar-se com o que os homens “conhecem” como “realidade” em sua vida cotidiana, vida não teórica ou pré-teórica. Em outras palavras, o “conhecimento” do senso comum, e não das “idéias”, deve ser o foco central da sociologia do conhecimento. É precisamente este “conhecimento” que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir. [...] A sociologia do conhecimento, portanto, deve tratar da construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 29-30).

Para Schutz (2004, p.27), a realidade é constituída pelo sentido de nossas experiências, ou seja, está relacionada ao conceito de tipificação, que compreende o contexto biográfico e o acervo de conhecimento que o ser humano possui. E é a partir dessas informações que o homem age tipicamente no dia a dia.

Bourdieu (1997, p.25), defende que os jornalistas na lógica de sua profissão selecionam e enquadram as realidades do cotidiano em função de categorias que lhe são próprias, resultado da nossa educação, da história e da cultura, etc. Para ele, os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras.

Sponholz (2009, p.126), fala que os jornalistas atuam como simplificadores do mundo social, e para que isso aconteça é preciso de uma organização na estrutura que conhecemos: lide, narrativas, gêneros etc.

No jornalismo, dois tipos de realidade podem ser observados: a realidade sobre a qual se noticia (a física e social) e a realidade que o próprio jornalismo produz (midiática). Os jornalistas tomam conhecimento de parte da realidade social e a transformam em realidade midiática, atendendo às necessidades humanas de orientação em seu ambiente natural e social (SPONHOLZ, 2009, p.126).

Outra constatação de Sponholz (2009, p.90) é que “sempre que alguém processa, estrutura e compara os estímulos que recebeu do mundo exterior com o que já sabe, ou seja, sempre que uma pessoa conhece algo, ela o faz de uma determinada perspectiva”, e, dessa forma, “como qualquer outro tipo de processo de conhecimento, não consegue espelhar a realidade porque este processo é sempre perspectivo, seletivo e construtivo”.

Outro aspecto descrito pelo autor, é de que “a realidade social precisa ser descrita e explicada de uma forma tão particular que, ao fazer esse trabalho de construir as notícias, o jornalista “pode gerar um conhecimento próprio e não somente transmiti-lo”

Correia (2009), fala que através do enquadramento “o jornalista avalia e seleciona as partes da realidade que merecem ser transformadas em notícia”. Tuchman (1980) traz o conceito de enquadramento das notícias, onde segundo ele, é uma forma de organizar a realidade cotidiana e é parte importante dessa realidade por causa do caráter público que é uma característica essencial da notícia.

[...] notícia não só define, como redefine, constitui e reconstitui maneiras de fazer coisas: os processos existentes e as instituições. Nesse processo de enquadramento da realidade, os jornalistas estabelecem uma trama de faticidade, ou seja, eles são impelidos a identificar como fatos, interpretações que são produzidas por determinadas fontes, mas não por outras (TUCHMAN, 1980).

Alsina (2006, p.185), diz que “a notícia é uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente que se manifesta na construção de um mundo possível”. No mesmo trabalho destaca-se outra percepção de Alsina (2006), onde ele fala que “o mundo possível é o mundo narrativo construído pelo sujeito enunciator a partir dos outros mundos citados”.

No seu trabalho intitulado ‘A construção da notícia’, Alsina (2009, p.113), fala que “não existe leitura da realidade que seja descontextualizada e que não esteja objetivada. O sujeito observador é o que lhe confere sentido ao acontecimento”. Para ele, “os acontecimentos estariam formados por aqueles elementos externos ao sujeito, a partir dos quais, ele mesmo construirá o acontecimento”.

O acontecimento é o maravilhoso das sociedades democráticas. Através da reprise ao vivo dos principais acontecimentos, retiram-lhe seu específico caráter histórico para projetá-los nas vivências quotidianas das massas. Paralelamente à democratização do acontecimento, ampliam-se os critérios do acontecer social e se produz sua espetaculosidade. A totalitária lei do espetáculo é imposta aos acontecimentos (ALSINA, 2009, p. 128).

A pesquisa de Alsina mostra-se bastante relevante e coerente com a proposta do presente trabalho, onde o autor faz uma ligação dos acontecimentos com a mídia ao trazer um exemplo bem atual:

[...] a mídia também aproxima o indivíduo da realidade de uma forma especial. A representação feita pela mídia da realidade vai além da própria realidade que se pode perceber. Isto é, o olho eletrônico chega aonde o olho humano não chega. Um caso paradigmático é o uso de diversas tecnologias nos programas esportivos da televisão. É o olho eletrônico quem nos permitirá descobrir o que não vimos na realidade. É assim que a mídia nos aproxima dos acontecimentos, de uma forma absolutamente diferente para o indivíduo (ALSINA, 2009, p. 129).

Ainda seguindo este pensamento, o autor diz que “essa capacidade de viver novos acontecimentos e de experimentar diversos mundos, é uma das características dos meios de comunicação de massas” (ALSINA, 2009, p.131).

Os meios de comunicação não só nos mostram acontecimentos nos quais nós não poderíamos participar, mas também, nos quais participamos, nos aproximam dos fatos de uma maneira diferente, mais completa, porque nos oferecem diversos pontos de vista (das diferentes câmeras de televisão), e uma aproximação (graças ao zoom), que o olho humano não permite (ALSINA, 2009, p. 130).

Vizeu (2005), reforça que “a realidade social é uma construção do ser humano que a constitui e é constituída por ela”, e ainda que “o jornalismo interpreta a realidade social para que as pessoas possam entendê-la, adaptar-se a ela e modificá-la”.

Nesse processo, vão influir uma série de práticas, procedimentos e discursos que estão envolvidos no trabalho diário dos jornalistas a partir da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens que buscam interpretar a realidade social. O trabalho que os profissionais realizam nas suas práticas sociais diárias resulta em construções que, no jargão jornalístico, podem ser chamadas de notícias (VIZEU, 2005).

Contrera (2004, p.17), fala que “devemos reconhecer que as “estruturas cognitivas certamente partem da experiência humana do real concreto, mas, com base em uma complexa rede de relações”, com isso criando um real outro, o real pensado, o real representado pelo universo do pensamento e da linguagem.

Searle (2000), fala que “no jornalismo, uma notícia publicada transmite um acontecimento e o leitor acredita que aquilo realmente aconteceu sem ter presenciado o fato”. Já Pontes e Silva (2009, p.53), falam que não se pode questionar a existência de um fato:

Ele acontece independente de qualquer vontade, ou seja, todo fato é real. Um fato só não existe quando não acontece. Nessa esfera, é possível aplicar puramente a lei da correspondência, visto que a verdade de um fato está só e exclusivamente se o fato aconteceu. Contudo, o jornalismo trabalha com

fatos especiais, mas, precisamente, com acontecimentos e relatos, o que implica uma realidade social (uma realidade dependente dos observadores, como aponta Searle) (PONTES; SILVA, 2009, p.53).

Neste ponto, os autores emitem um posicionamento que confronta o que é exposto por Berger e Luckmann, falando que é necessário novos modos da apuração da notícia e suas intenções para garantir a compreensão da instituição jornalística, ao tempo que “o jornalismo permite que as pessoas constituam um dado conhecimento de uma realidade presente (não decorrente de uma memória dos antepassados) e, ao mesmo tempo, indireta (visto que, muitas vezes, as pessoas não têm contato com o fato acontecido, mas com o relato feito sobre ele)”.

A mídia assume um papel de socialização em um ambiente controverso, contribuindo para o bom funcionamento da sociedade dando a estabilidade necessária. Assim sendo, no capítulo a seguir vamos nos debruçar especificamente na história da televisão no Brasil, buscando entender o desenvolvimento desse meio desde os primórdios até os dias atuais onde a TV consolida-se como uma grande força midiática, inclusive nas regiões interioranas do nosso país, desempenhando um papel importante na cobertura da pandemia de coronavírus.

4 AVANÇOS E DILEMAS DO TELEJORNALISMO NO BRASIL

Estudos, a exemplo da Pesquisa Brasileira de Mídia (2016), mostram que atualmente a televisão pode ser considerada praticamente onipresente nas residências dos brasileiros, e foi ao longo do tempo que a TV foi se mostrando como a mídia de maior relevância no Brasil, sendo um meio de entretenimento e informação. Podemos assim dizer que a televisão mescla-se com a história da nossa sociedade e dos seus agentes.

Para a audiência ativa, a imagem traz uma nova linguagem e uma nova forma de ver o mundo. Desse modo, a TV foi conquistando cada vez mais espaços e criando novas dinâmicas na vida das pessoas, tanto de forma individual como coletiva. Para Esther Hamburger (1998, p. 441):

(...) a TV capta, expressa e constantemente atualiza representações de uma comunidade nacional imaginária. Longe de prover interpretações consensuais, ela fornece um repertório comum por meio do qual, pessoas de

classes sociais, gerações, sexo e regiões diferentes se posicionam, se situam umas em relação às outras. Ao tornar um repertório comum acessível a cidadãos os mais diversos, a TV sinaliza a possibilidade, ainda que sempre adiada, da integração plena. Ela como que alimenta cotidianamente uma disputa simbólica, uma corrida pelo domínio das informações necessárias, um jogo de inclusão e exclusão social (HAMBURGER, 1998, p.441).

Direcionando para o contexto nacional, o mesmo autor também reforça a importância do médico legista, antropólogo, professor e etnólogo - Edgar Roquette Pinto neste contexto histórico, por ser conhecido como o “Pai da radiodifusão” no Brasil e por ter feito as primeiras experiências com televisão no país.

Trazemos para a discussão a contribuição de Assis Chateaubriand para o jornalismo, paraibano do município de Umbuzeiro nascido em 4 de outubro de 1892, proprietário dos Diários e Emissoras Associados, que não mediu esforços para, de forma pioneira, implantar a televisão no país.

Para Caparelli (1998), a era Chateaubriand divide-se em duas fases que ela classifica da seguinte maneira: a primeira seria aquela marcada pela investida do empresário no intuito de trazer a primeira emissora de televisão para o país, nesse sentido todo seu empreendedorismo, nessa primeira fase que vai de 1950 a 1959, concentrou-se no eixo Rio - São Paulo. A segunda fase, pós 1959, veio com a investida na interiorização da televisão, sua intenção era levar o seu projeto para as capitais brasileiras.

Nos dias seguintes à inauguração da televisão no país, aos poucos a programação da emissora foi criando forma e sendo colocada no ar com direito a teleteatros, musicais, programas de entrevistas e um pequeno noticiário, o 'Imagens do Dia'.

As transmissões ocorriam entre às cinco da tarde e às dez da noite, com grandes intervalos entre os programas, para que pudessem ser preparados para ir ao ar, sempre ao vivo. Ainda em novembro de 1950 é autorizada a concessão da TV Record de São Paulo e da TV Jornal do Commercio de Recife (RIBEIRO, SACRAMENTO & ROXO, 2010 p. 20).

Mas a busca por uma linguagem própria do telejornalismo brasileiro pode ser registrada com a estreia do 'Repórter Esso', na TV Tupi, em 1º de abril de 1952, como fala Laignier e Fortes (2008, p.101):

Com notícias abastecidas pela Agência Nacional e pela United Press, o noticiário, que entrava no ar às 19h45, começou a criar um público cativo. A linguagem deste programa ainda estava muito centrada na figura do locutor, herança do rádio. Gontijo Teodoro (Rio), Kalil Filho (São Paulo), Luiz Cordeiro (Belo Horizonte), Edson de Almeida (Recife) e Helmar Hugo (Porto Alegre) foram seus grandes representantes. O 'Repórter Esso' teve o mérito estilístico de trazer para o jornalismo televisivo o gosto pelas frases curtas, concisas e

sem adjetivação. Em 31 de dezembro de 1970, foi ao ar pela última vez (LAINIER E FORTES, 2008, p.101).

A chegada da TV na Paraíba, começou pela cidade de Campina Grande, Assis Chateaubriand escolheu esse município após inaugurar oito estações de televisão em outras localidades do país⁷. A partir daí, técnicos foram enviados para observar e escolher o melhor lugar para a instalação dos equipamentos. Em 1961 aconteceu a inauguração da antena de televisão da chamada TV Borborema. Os equipamentos foram doados pela TV Tupi de São Paulo. O Edifício Rique, localizado na Rua Venâncio Neiva, 287 - Centro, foi o local escolhido para instalar todos os equipamentos, redação etc. Em sua pesquisa sobre a história da televisão na Paraíba, Maior (2017, p.47), explica como ocorreu a primeira transmissão da emissora:

Finalmente a TV Borborema entra no ar, experimentalmente, em 15 de setembro de 1963, se utilizando do Canal 3 e depois Canal 4, com a produção dos primeiros programas, elaborados por gente de rádio, com apoio de produtores das Tevês Tupi de São Paulo e Rio, também oriundos da radiofonia (muito lógico, pois não havia televisão), mas, já com certo conhecimento da nova mídia, desde 1950 (MAIOR, 2017, p.47).

A TV Borborema também foi a primeira do interior do Nordeste. No início retransmitia o sinal da TV Tupi, quando a Tupi saiu do ar, passou a retransmitir o sinal da Rede Globo. A TV Paraíba foi a segunda emissora a chegar na cidade, no dia 19 de março de 1984 aconteceu “a lavratura do contrato de constituição de uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, denominada Televisão Paraíba LTDA, com sede, provisoriamente, na Rua Simeão Leal, 52, 1º andar, Centro da cidade” (MAIOR, 2017, p. 139). O fundador da TV Paraíba é o empresário José Carlos da Silva Júnior, presidente da Rede Paraíba de Comunicação e do Grupo São Braz. O edifício-sede da TV Paraíba localiza-se atualmente no bairro da Palmeira, Rua 15 de Novembro, nº 2000. A primeira programação foi ao ar no dia primeiro de janeiro de 1987.

Com o passar dos anos, as emissoras de televisão campinenses foram consolidando-se enquanto empresas gerando emprego e renda, e com as redações jornalísticas contemplando a clara divisão de tarefas e funções entre os jornalistas.

Trazemos aqui a percepção de Rezende (2010) sobre os percursos do telejornalismo brasileiro, os elencando em sete momentos. A primeira fase é marcada pelo formato do telejornal “Repórter Esso”, com uma forte influência radiofônica. A

⁷ Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza, São Luiz, Belém e Goiânia.

segunda fase é a “busca da linguagem própria”, onde tem-se o cuidado com a imagem, que apresenta um visual dinâmico permitido com os avanços técnicos (câmeras mais ágeis e a gravação em videoteipe).

Com a ideia de nacionalização e centralização de propriedade, produção e publicidade como marcas da sua estratégia comercial, o “Jornal Nacional” é o representante da terceira fase. Momento em que se torna possível a transmissão via satélite e as ligações de micro-ondas. Consegue-se, assim, diminuir as distâncias nacionais e internacionais permitindo uma produção e transmissão em rede (REZENDE, 2010, p. 59-60).

A quarta fase (1983-1990) do telejornalismo brasileiro classificada por Rezende (2010) é “alternativa no horário nobre” e traz como exemplo o “Jornal da Manchete” que buscava conquistar as classes A e B com uma programação de qualidade. A “ancoragem à brasileira” é a quinta fase do telejornalismo (1990-1997) proposta por Rezende (2010), tendo como exemplo da referida fase o “TJ Brasil”, do SBT, com Boris Casoy como âncora do programa, onde além de conduzir o noticiário, passou a fazer entrevistas e emitir comentários pessoais sobre os acontecimentos.

A última fase proposta por Rezende (2010, p.74-77) são os “novos modelos: paradigma: Profissão Repórter e CQC” e se inicia no ano de 2002, trazendo uma narrativa híbrida de jornalismo com a mescla de informação e entretenimento com um tom irreverente dado às fontes.

Ribeiro, Sacramento e Roxo (2010, p.16), falam que muitos já “ouviam falar de televisão, mesmo antes de ver a televisão”, e conta que seis anos antes da instalação das primeiras emissoras no país (TV Tupi Difusora de São Paulo e a TV Tupi do Rio de Janeiro), observa-se nos anúncios publicitários, nas matérias publicadas nos jornais diários, na revistas antes destinada exclusivamente a publicar notícias sobre o rádio, “a formação de um imaginário tecnológico, que a apresenta de múltiplas formas”.

Tecnologia que insere, definitivamente, o país na modernidade; possibilidade de decorrente capacidade inventiva do homem; ampliação da reprodução sobre a forma de verdade das imagens do mundo; meio mais completo do que a radiotelegrafia, que permitiu a eclosão das ondas sonoras nos espaços domésticos: essas são algumas das formas com que se caracteriza o novo meio. Imersa numa imagem de sonho, na qual aparece materialmente como próximo ao rádio e ao cinema, um misto dos dois, a televisão antes de ser materialidade povoou o imaginário da população, criando o que estamos chamando de uma imaginação televisual (RIBEIRO, SACRAMENTO; ROXO, 2010, p.16).

Para entender melhor as transformações do telejornalismo ao longo do tempo diante de características históricas de desenvolvimento técnico e de linguagem de cada época, agora tomaremos como base o estudo de Mello (2017), que caracteriza o telejornalismo em cinco fases.

Segundo a autora, a primeira fase trata-se do telejornalismo falado, herança do modelo radiofônico, e com uma grande influência da TV norte-americana, onde os apresentadores dos telejornais apareciam em primeiro plano, ocupando um lugar de grande destaque, uma vez que os aparatos técnicos eram precários. Na segunda fase, onde o telejornalismo passou a contar com externas (reportagens nas ruas), teve como um dos seus destaques a chegada do videoteipe no Brasil no final dos anos 50:

A chegada do videoteipe no Brasil foi no final dos anos 50. Em termos gerais, esse gravador de imagens com fitas magnéticas permitiu que os programas de televisão passassem a ser gravados, substituindo aos poucos a programação ao vivo. O sistema possibilitava que após serem gravadas, as imagens pudessem ser assistidas e editadas, evitando os erros de improvisação do modelo pioneiro de TV (MELLO, 2017, p.9).

Em seguida, Mello (2017), fala que o telejornalismo *All News* foi o marco da terceira fase, onde o avanço tecnológico possibilitou a chegada no Brasil da televisão por assinatura no final dos anos 80 e início dos anos 90, o que abalou a audiência da TV aberta.

O telejornalismo convergente e o surgimento de novas telas são as características principais da quarta fase. Para a autora, a edição não-linear foi uma das grandes mudanças produtivas no jornalismo de televisão onde todo o trabalho precisou ser revisto:

A edição não linear também possibilitou que fossem agregadas informações visuais às notícias, de forma a oferecer mais clareza aos dados mais difíceis de serem entendidos por grande parte da população. Essa operação exigiu uma sintonia entre vários profissionais envolvidos no processo: o editor de texto, o editor de imagem e o editor de arte. Nessa fase, os principais telejornais brasileiros passaram a disponibilizar seus conteúdos na Internet e os telejornais passaram a absorver de forma mais frequente as imagens gravadas por telespectadores, geralmente flagrantes que registram acontecimentos de repercussão e interesse do público, ou em virtude do número de pessoas atingidas pelo fenômeno ou pelo caráter de excepcionalidade da ocorrência (*fait divers*) (MELLO, 2017, p. 13).

Foi nesta fase que o telespectador passou a ter uma participação mais forte no telejornal, isso se dando através de salas de bate-papo, fóruns, enquetes e *chats*. O consumo dos conteúdos também foi impactado, onde o público começou a assistir também através de dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets*.

Na última fase, Mello (2017, p. 14), destaca o telejornalismo expandido nas redes sociais, que “surge no contexto de apropriação dos veículos de televisão pelas redes sociais que tem o audiovisual como ferramenta (principal ou não)”.

Foram identificadas três tipos de apropriações possibilitadas pelo uso de veículos de televisão nessas mídias: o primeiro caso é a narrativa de Chamada, onde o jornalista entra em cena para convidar o público a acompanhar a cobertura jornalística de um fato ou programa que será exibido posteriormente na televisão. O segundo tipo de apropriação é a narrativa do tipo nota/Comentário, em que o jornalista entra em cena e faz o comentário sobre determinado fato ou traz pequenas informações sobre algum assunto em questão. Já o terceiro tipo de apropriação identificado pela pesquisa é o formato de narrativa de notícia, onde há efetivamente a cobertura jornalística de um fato. O repórter vai a campo reportar e utiliza-se das mídias para realizar a cobertura (MELLO, 2017, p.15).

Além disso, pensando nessas outras formas de consumo televisivo, os apresentadores e repórteres passam a fazer uso de *tablets* e *smartphones* no momento em que a notícia está sendo apresentada, fortalecendo a influência que a informação compartilhada na internet tem no telejornalismo.

Segundo Maior (2017, p. 24), oficialmente, a data que marca a inauguração da primeira emissora de televisão no país é 18 de setembro de 1950. Trata-se da PRF - 3 TV Difusora, mais tarde chamada TV Tupi, de São Paulo, a pioneira da América Latina. O empresário, se dispôs a trazer técnicos da *RCA - America Radio Corporation* - e implantar a televisão no Brasil, no panorama da fase final da chamada “era de ouro do rádio brasileiro⁸”.

Havia pouquíssimos aparelhos receptores na cidade de São Paulo - por volta de 300. Por este motivo, Assis Chateaubriand mandou instalar televisores na Praça da República, no Jockey Club e outros pontos estratégicos da cidade. A TV no país nasceu dentro do modelo comercial, embora não tenha anúncios veiculados em seu primeiro dia (LAIGNIER E FORTES, 2008, p.95).

Porém, para buscar entender, de forma mais aprofundada, os caminhos que levaram o telejornalismo à configuração atual, é preciso compreender como se deu esse percurso que vem sendo marcado por constantes mudanças.

A transição do século XX para o século XXI ocorre marcada por transformações profundas na estrutura produtiva, especialmente das sociedades capitalistas ocidentais. São transformações que atingem a todos – indivíduos, sociedades, nações, estados – e todos os contextos sociais, embora com diferentes impactos. As

⁸ No Brasil, o rádio atingiu seu apogeu em 1930, como principal veículo de comunicação em massa, na mesma época em que o país era governado por Getúlio Vargas. Nesse período, iniciou-se a chamada “Era de Ouro do Rádio”, quando ele se popularizou e tornou-se um meio de entretenimento. A “Época de Ouro” durou apenas alguns anos, o rádio começou a viver momentos de muita dificuldade, com a inauguração da primeira televisão do país.

implicações dessas mudanças sobre a atividade jornalística parecem aniquilar o papel histórico até então desenvolvido por este profissional, para dar lugar às contingências impostas por uma organização institucional subordinada às regras e à lógica do desenvolvimento capitalista.

De acordo com Martins e Luca (2006), o desenvolvimento técnico e organizacional da imprensa vai acompanhar, ao longo dos anos, os avanços e os recuos da ordem capitalista nos demais setores da economia nacional. Como consequência, Castells (2003, p. 266) vai afirmar que em “qualquer processo de transição histórica, uma das expressões de mudança sistêmica mais direta é a transformação da estrutura ocupacional, ou seja, das categorias profissionais e do emprego”.

Fonseca (2005), em sua tese de doutorado⁹ identifica que, diferente do período fordista de produção que é marcado pela parcelização do trabalho e especialização de tarefas, a tendência pós-fordista é o acúmulo de atividades e, dessa forma, determinadas funções se extinguiram junto com seus respectivos cargos.

Tais características coadunam com a visão de Anderson; Bell e Shirky (2013, p.38), que percebem uma “virada basicamente negativa na sorte de meios de comunicação tradicionais”. Segundo os autores, duas questões são centrais neste processo: o custo de produção de notícias precisa cair e essa redução de custo deve ser acompanhada de uma reestruturação de modelos e processos organizacionais. Desta forma, a reestruturação do processo produtivo é elementar para a sustentação do novo modelo.

O jornalismo enquanto empresa já é algo consolidado, vem sendo construído ao longo da história, se adaptando aos vários processos produtivos que surgiram nesse percurso. O taylorismo, por exemplo, segmentava os empregados a uma função específica, assim cada indivíduo se dedicava a um único trabalho na grande cadeia de produção. O modelo de produção de Frederick Winslow Taylor, tinha por base a manufatura, era um modelo artesanal. No jornalismo, temos os processos gerados antes da entrada dos computadores na redação como tayloristas. Superando esse modelo, tem-se o fordismo, que também sustentava a perspectiva de trabalhos segmentados.

⁹ A tese tem o título “O jornalismo no conglomerado de mídia: reestruturação produtiva sob o capitalismo global” e foi defendida em janeiro de 2005, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Contudo, amplificava a ideia a partir da inserção de tecnologias, sob a crença que estas devem auxiliar na produção de cada trabalhador. A intenção de Henry Ford era promover a produção em massa, pois, segundo acreditava, essa produção geraria também o consumo em massa.

Castells (2003), aponta que a inserção de novas tecnologias produtivas pode ser considerada como uma das grandes responsáveis pela consolidação do modelo de desenvolvimento pós-fordista. A partir disso, a tecnologia, diante de tantos avanços, torna-se uma grande indicadora, em escala mundial, da reestruturação do capitalismo.

Assim, percebe-se que a transformação tecnológica e administrativa do trabalho em geral e das relações produtivas dentro e em torno de uma empresa, agora em rede, é, talvez, o principal instrumento por meio do qual o paradigma informacional e o processo de globalização afetam a sociedade (CASTELLS, 2003).

A década de 1970 marcou a transição do regime fordista de acumulação para o que alguns autores definem como regime flexível de acumulação, ou pós-fordista. Harvey (1992) aponta o ano de 1973 como o marco do processo de transição nos países capitalistas avançados. O novo ciclo seria decorrência do esgotamento da capacidade de resposta do fordismo-keynesiano à crise da superacumulação do final dos anos 1960. Neste processo, enquadramos o jornalismo após a informatização das redações, segundo Figueiredo (2018):

Por isso, consideramos adequado chamar o jornalismo feito até a informatização das redações de jornalismo manufatureiro. A partir da entrada de computadores e softwares de edição de texto, tratamento de fotos e diagramação, o jornalismo passa a entrar, em nossa teorização, na era da acumulação flexível (FIGUEIREDO, 2018, p. 68).

Assim, com a decadência do regime fordista, que teve como marca principal a rigidez do sistema produtivo, emerge o que Harvey (1992) chama de “acumulação flexível”. Para o autor, esse novo regime se apoia na flexibilização dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões do consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, altos graus de inovação comercial, tecnológica e organizacional.

Essa nova ressignificação do capitalismo também está marcada pelo movimento de compressão espaço-temporal onde os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a

queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variado. (HARVEY, 1992).

Aos poucos, os alicerces do fordismo foram sendo corroídos com a mudança na estrutura do regime de acumulação que também tem reflexos no paradigma industrial de organização do trabalho. José Ricardo Ramalho e Marco Aurélio Santana (2004) apontam as principais transformações na esfera produtiva no mundo do trabalho contemporâneo, afirmando que o novo cenário é constituído da seguinte forma: unidades produtivas de grande porte cada vez mais enxutas e crescente em produtividade; trabalhadores polivalentes/flexíveis, que de posse de ferramentas flexíveis, tem como resultado de seu trabalho um produto flexível; ascensão dos subcontratos, com trabalhadores fora do “foco” principal da empresa sendo terceirizados; aumento da precarização nos contratos de trabalho e diminuição na sindicalização.

Para Fonseca (2005), o desenvolvimento da indústria jornalística brasileira acompanha as transformações capitalistas, uma vez que o processo de industrialização provoca alterações no sistema produtivo e um salto tecnológico amplia a capacidade produtiva. É assim que o jornalismo, agora em escala industrial, se consolida como negócio no Brasil.

Para Marcondes (2009, p.209), “o jornalismo reflete de forma bastante próxima a própria ‘aventura’ da modernidade”. Para o autor, “o primeiro jornalismo, de 1798 à metade do século XIX, foi, assim, o da ‘iluminação’, ou seja, momento em que o combate ao ‘obscurantismo’ era armado com o ‘esclarecimento’ da informação”.

Por sua vez, a acumulação flexível parece implicar em níveis de desemprego relativamente altos, rápida destruição e reconstrução de habilidades, ganhos modestos de salários e o retrocesso do poder sindical, sendo este último um dos pilares políticos do regime fordista. (HARVEY, 1992).

Submetidos a um ritmo de trabalho eletrizante, sobrecarregados pela tecnologia e conscientes do grau de precarização do trabalho que faz despencar seu poder de reivindicação, os jornalistas enfrentam desafios no trabalho que atingem sua saúde. Perceber e relatar como os jornalistas encaram este ataque à saúde é importante para entender a nova concepção de jornalismo. Serve mesmo como contribuição à compreensão da atual etapa capitalista (GRISCI; RODRIGUES, 2007, p.50).

Grisci e Rodrigues (2007, p. 49), falam que “a passagem do fordismo para o pós-fordismo não se deu imediatamente à crise dos anos 70”. Para eles, “foram necessárias décadas de aperfeiçoamento político e econômico para que a rigidez

fosse substituída pela flexibilidade na acumulação do capital”. Harvey 2004, p.258) falar das consequências do fordismo para os trabalhadores:

Para os trabalhadores, tudo isso [transição para o regime de acumulação flexível, grifo nosso] implica uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho. A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo. Sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações, associados com racionalizações nas técnicas de distribuição... possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior (HARVEY, 2004, p. 258).

Sennett (2009, p. 54), para se referir ao modelo de trabalho flexível, adota o termo “flexitempo”, referindo-se a prática com sua ligação ao tempo de serviço do trabalhador.

O trabalhador flexitempo tende a desejar a flexibilização no seu horário de trabalho sob a ótica de que isso lhe garantirá liberdade e controle sobre seu trabalho, entretanto, na revolta contra a rotina, a aparência de nova liberdade é enganosa. O tempo nas instituições e para os indivíduos não foi libertado da jaula de ferro do passado, mas sujeito a novos controles do alto para baixo. O tempo da flexibilidade é o tempo de um novo poder (SENNETT, 2009, p.69).

Quando o computador chegou às primeiras redações jornalísticas do Brasil, na década de 1980, iniciou-se uma grande mudança no processo produtivo da notícia, matéria-prima do jornalismo. Segundo Baldessar (2008), os jornalistas tiveram que se adaptar a uma nova realidade profissional, com a exigência de maior qualificação, a especialização crescente dos ofícios e as modificações nas condições de trabalho. Foram instalados novos modos de produzir conteúdo e novas rotinas de trabalho.

Houve um processo de digitalização das redações, com o avanço cada vez maior da tecnologia, os antigos sistemas e ferramentas de produção deram espaço a equipamentos cada vez mais modernos e sofisticados. Ainda que inicialmente os computadores servissem apenas para substituir a máquina de escrever, pois ainda não tinham conexão com a internet, eles tornaram-se fundamentais. Silva (2013, p.10) ressalta:

No entanto, passando esse momento inicial em que os computadores apenas substituíram as máquinas de escrever, a informatização das redações evoluiu juntamente com o desenvolvimento da informática, aos poucos o novo foi se incorporando de tal maneira ao cotidiano da profissão que o equipamento passou a exercer novas funções, contribuindo no trabalho de editor e sendo utilizado como arquivo pessoal, isso causou mudanças profundas no cotidiano dos jornalistas. A introdução dos computadores passou a ser caracterizada como um divisor de águas na prática jornalística (SILVA, 2013, p.30).

Deuze e Witschge (2016, p. 8), trazem em seu trabalho informações de uma pesquisa de 2006 realizada em 38 países de todos os continentes da Federação

Internacional de Jornalistas e a Organização Internacional do Trabalho, que aponta um rápido crescimento dos chamados trabalhos “atípicos” na mídia.

Desde então, o jornalismo freelance, o empreendedorismo jornalístico e a precarização do trabalho têm se tornado cada vez mais proeminentes, particularmente entre jovens repórteres e iniciantes no campo (bem como para os jornalistas mais velhos afetados por demissões e pelo enxugamento dos postos de trabalho tão comuns em toda a indústria jornalística) (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 8).

Para Bolaño (2000), a flexibilidade no ambiente de trabalho diz respeito “aos horários de trabalho, funções exercidas pelo trabalhador, local de trabalho etc. fazendo muitas vezes que o trabalho invada a esfera privada e subtraia horas do tempo livre das pessoas”. Para Figueiredo (2018, p.70), o jornalismo começa a entrar na era da flexibilidade com a informatização das redações:

O uso de terminais de computadores interligados e softwares de edição de texto, tratamento de fotos, diagramação etc. permitem a simplificação destes trabalhos permitindo que menos profissionais sejam responsáveis pela diagramação e tratamento de fotos dos jornais. O que há nesse caso é uma simplificação do trabalho pelo software tirando dessas tarefas seu caráter artesanal, mas sem expelir seu caráter subjetivo uma vez que o trabalhador ainda toma decisões em relação às tarefas. No caso dos editores de texto que apresentam correção automática e pré-diagramação do texto, medindo-o por centimetragem ao invés de caracteres ou palavras, há (1) a eliminação do copidesque, uma vez que o repórter passa a corrigir seu próprio texto com a ajuda do editor e (2) outra simplificação do trabalho do diagramador que começa a se espalhar por outras etapas do processo de produção noticiosa (FIGUEIREDO, 2018, p. 70).

Figueiredo (2018, p.70), também enfatiza em seu trabalho a forma voraz que a flexibilidade é adotada no ambiente de trabalho jornalístico:

Os jornalistas acabam por pagar pelas dificuldades da indústria com acúmulo de tarefas e trabalho precário. Tal organização do trabalho aumenta a extração do que Marx (2013, p.390) chamou mais-valia relativa, ou seja, o tempo de trabalho necessário para o jornalista produzir o suficiente para sua reprodução diminui, aumentando seu mais-trabalho, já que sua jornada não é retraída. Assim, o profissional é sobrecarregado com mais textos e pautas, tornando difícil a produção de matérias que partam da singularidade dos fatos para tratar do particular e do universal, como sugere Genro (1987), fazendo com que o trabalho jornalístico perca qualidade (FIGUEIREDO, 2018, p.70).

Alves e Assis (2015), falam que foi a partir dos anos de 1990, quando a Internet já fazia parte das mudanças trazidas pelo capitalismo na reestruturação produtiva no mundo do trabalho, que diversas mudanças impactaram as relações de trabalho do jornalista, influenciando, inclusive, na diminuição dos contratos com registro em carteira, e com isso permitindo o fortalecimento da terceirização dos contratos de trabalho por tempo determinado.

Segundo Antunes (2018, p.36), “na empresa ‘moderna’, o trabalho que os capitais exigem é aquele mais flexível possível: sem jornadas pré-determinadas, sem espaço laboral definido, sem remuneração fixa, sem direitos, nem mesmo o de organização sindical”. O sociólogo ainda diz:

É por isso que, nesse mundo do trabalho digital e flexível, o dicionário empresarial não para de “inovar”, em especial no setor de serviços. “Pejotização” em todas as profissões, com médicos, advogados, professores, bancários, eletricitas, trabalhadoras e trabalhadores do care (cuidadores) e “frilas fixos”, freelancers que se tornam permanentes, mas que têm seus direitos burlados e se escondem nas redações dos jornais quando as empresas sofrem as auditorias do trabalho. Ou ainda o chamado teletrabalho e/ou *home office*, que se utiliza de outros espaços fora da empresa, como o ambiente doméstico, para realizar suas atividades laborativas (ANTUNES, 2018, p.37).

Do ponto de vista de Vasapollo (2006) apud Antunes (2009, p. 50), “A nova condição de trabalho está sempre perdendo mais direitos e garantias sociais. Tudo se converte em precariedade, sem qualquer garantia de continuidade”.

Dentre as distintas formas de flexibilização – em verdade precarização – podemos destacar a salarial, de horário, funcional ou organizativa, dentre outros exemplos. A flexibilização pode ser entendida como “liberdade da empresa” para desempregar trabalhadores; sem penalidades, quando a produção e as vendas diminuem; liberdade, sempre para a empresa, para reduzir o horário de trabalho ou de recorrer a mais horas de trabalho; possibilidade de pagar salários reais mais baixos do que a paridade de trabalho exige; possibilidade de subdividir a jornada de trabalho em dia e semana segundo as conveniências das empresas, mudando os horários e as características do trabalho (por turno, por escala, em tempo parcial, horário flexível etc.), dentre tantas outras formas de precarização da força de trabalho (VASAPOLLO, 2006 apud ANTUNES, 2009, p. 50).

Vasapollo (2006) apud Antunes (2009, p. 51) afirma ainda que “A flexibilização, definitivamente, não é solução para aumentar os índices de ocupação. Ao contrário, é uma imposição à força de trabalho para que sejam aceitos salários reais mais baixos e em piores condições”.

É nesse contexto que estão sendo reforçadas as novas ofertas de trabalho, por meio do denominado mercado ilegal, no qual está sendo difundido o trabalho irregular, precário e sem garantias. Com o pós-fordismo e a mundialização econômico-produtiva, o trabalho ilegal vem assumindo dimensões gigantescas, também porque os países industrializados deslocaram suas produções para além dos limites nacionais e, sobretudo, vêm investindo em países nos quais as garantias trabalhistas são mínimas e é alta a especialização do trabalho, conseguindo, assim, custos fundamentalmente mais baixos e aumentando a competitividade (...).“A globalização neoliberal e a internacionalização dos processos produtivos estão acompanhadas da realidade de centenas e centenas de milhões de trabalhadores desempregados e precarizados no mundo inteiro. O sistema fordista nos havia acostumado ao trabalho pleno e de duração indeterminada. Agora, ao contrário, um grande número de trabalhadores tem um contrato de curta duração ou de meio expediente; os novos trabalhadores podem ser alugados por algumas poucas horas ao dia, por cinco dias da semana ou por

poucas horas em dois ou três dias da semana” (VASAPOLLO, 2006 apud ANTUNES, 2009, p. 51).

Para Rafael Grohmann (2013), “a, flexibilização e precarização não são fenômenos individuais, mas estruturantes das condições de trabalho de jornalistas em conglomerados de mídia”. O autor também fala que “os jornalistas são sobretudo trabalhadores e sofrem cotidianamente as sequelas da perda de direitos, da deterioração da atividade econômica, do desemprego e da precarização”.

Na visão de Lelo (2019, p.39), “Não restam dúvidas de que há uma estreita articulação entre as inflexões nos princípios de sustentação do capitalismo, as recentes reestruturações no mundo do trabalho e a atual conjuntura instável dos mercados de produção noticiosa”.

Muito embora o enxugamento das redações e a crescente busca pela ampliação das receitas publicitárias nos veículos de mídia esteja tornando as atividades dos comunicadores extraordinariamente estandardizadas (revelando uma reminiscência do período fordista), tal padronização é atrelada a uma mudança nas lógicas organizacionais que possibilita a racionalidade neoliberal controlar de modo ainda mais incisivo o trabalho dos jornalistas (LELO, 2019, p.39).

Esse fenômeno se constituiu dentro de um contexto mais macro denominado *gig economy* ou uberização do trabalho. Para Barbosa Júnior (2019) a *gig economy* é uma relação que possibilita o contato direto entre pessoas e empresas localizadas em qualquer lugar do mundo sem (supostamente) formação de vínculo formal de emprego. No caso, basta o uso de plataformas on-line ou aplicações digitais para que ocorra esta relação.

Seguindo essa lógica que se alastra ao redor do mundo, o que pode ser notado é o crescimento da *gig economy*, a uberização do trabalho que se tornou uma fórmula da sociedade capitalista. Além do que já foi exposto, outras questões entram em discussão como o trabalho on-line e o fim da separação entre o tempo de vida no trabalho e fora dele. Também cabe nesse debate a reflexão sobre o conceito de ‘não-lugares’ de Augé (1994), ao se referir a lugares que não podem ser definidos como identitários, relacionais e históricos.

[...] A supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade bauderiana, não integram os lugares antigos: estes repertorizados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico (AUGÉ, M, p. 73, 1994).

A transição tecnológica na TV fez com que as fronteiras entre os setores de jornalismo e operações técnicas se dissolvessem. Desse modo, os profissionais aptos a lidar com câmeras e computadores passaram a ser mais solicitados pelas emissoras nesse novo processo televisivo. E, como buscamos expor ao longo desta pesquisa, o regime imposto ao setor jornalístico pela pandemia de covid-19 veio enfatizar ainda mais alguns processos do telejornalismo que já estavam enfrentando essa ressignificação nos mais diversos níveis.

De acordo com Fonseca (2008), para o jornalismo, essas mudanças significaram acúmulo de tarefas, extinção de cargos e funções, estabelecimento de metas de produtividade e alto investimento em tecnologia e softwares, que representavam automatização de tarefas, tornando-as mais ágeis e rápidas, de forma a permitir que, no mesmo período de trabalho, um mesmo profissional assuma outras atribuições.

A transição tecnológica na TV fez com que as fronteiras entre os setores de jornalismo e operações técnicas se dissolvessem. Desse modo, os profissionais aptos a lidar com câmeras e computadores passaram a ser mais solicitados pelas emissoras nesse novo processo televisivo.

Já com relação às montagens de imagens, os processos de desenvolvimento de gravar som e vídeo, tiveram início em 1950. Inicialmente progressos de equipamentos que eram editados manualmente, que revolucionavam a época, preconizando o acabamento dos trabalhos produzidos. Com o passar das décadas, novos sistemas foram sendo desenvolvidos, com mais qualidade, compactos, melhor resolução, até chegar nos sistemas digitais, por volta de 1993.

Os microcomputadores entraram em cena substituindo a máquina de escrever. Em meio a isso, houveram cortes de custos com pessoal e equipamentos, gerando ganho financeiro aos patrões. Muitos trabalhadores acabaram perdendo o emprego por resistir às mudanças impostas. O papel de mediador do jornalista passa a ser ameaçado por causa da sobrecarga de atividades que acabam comprometendo a qualidade da informação que chega aos telespectadores.

Em sua pesquisa sobre as mudanças trazidas pelo computador conectado à internet nas redações das emissoras paraibanas, Araújo (2019), traz uma apuração de como era desenvolvido o trabalho da edição de imagem e relata que no fim da

década de 1980 o sistema utilizado era o U-Matic¹⁰ que apresentava alguns 'riscadinhos' por conta do desgaste natural das fitas cassetes. No fim da década de 1990, as emissoras paraibanas começaram a utilizar o sistema Betacam¹¹ que fazia uso de fitas mais compactas e seguiam na edição linear.

Na mesma pesquisa, o autor analisa a composição das equipes da TV que antes formavam a UPJ - Unidade Portátil de Jornalismo que era composta por cinco profissionais: motorista, cinegrafista, repórter, operador de VT e iluminador. Com a modernização dos equipamentos essa equipe diminuiu para apenas dois profissionais: o cinegrafista (que também desempenha a função de motorista) e o repórter.

Os sistemas e equipamentos utilizados antes da implantação dos computadores e do início do processo de digitalização, eram extremamente limitados no quesito de agilidade na produção e posterior edição das matérias, as ferramentas disponíveis na época eram a máquina de escrever, o telefone fixo, e câmeras pesadas e robustas que dificultavam a locomoção do repórter, hoje esses equipamentos deram espaço aos computadores, celulares e câmeras de última geração. Já a internet foi implantada nas redações nos anos 2000. Foi o ápice de mudanças e transformações nas práticas produtivas da televisão. Uma reconfiguração das linguagens e do cenário do jornalismo televisivo, que, com o passar do tempo, fez surgir avançados e modernos *softwares* de edição.

Os novos *softwares* de edição possibilitaram um maior e melhor tratamento da imagem e ela chega ao público com uma qualidade extremamente superior do que a que chegava há décadas atrás. Diferente da edição linear analógica, na edição não linear digital as possibilidades de manipulação da imagem e construção das narrativas a partir das estratégias de edição, são inúmeras. Mas as mudanças não se restringem aos aspectos tecnológicos, apenas à maneira como as imagens são veiculadas, o processo de digitalização engloba diversos outros fatores no seu processo – processo esse que perdura até hoje.

As modificações deram-se também no quesito organizacional e estrutural nas redações ao longo dos anos. O espaço deixou de ser dividido de acordo com a tarefa realizada por cada profissional ou pela editoria da qual ele fazia parte, os profissionais começaram a se integrar mais entre si e perpassarem pelas mais diversas funções.

¹⁰ U-matic é um formato de fita de vídeo analógico de gravação

¹¹ Betacam é uma família de formatos de videotapes profissionais de meia polegada (1/2")

E na medida em que o modo de produção é modificado, surgem novas formas de consumo e distribuição. Uma das mudanças que enxergamos nos dias de hoje é que, em alguns casos, as redações de televisão também englobam uma equipe que trabalha exclusivamente a parte de internet e redes sociais, que administra os portais e faz contato direto com o público. Os meios tradicionais, em especial a televisão, depois de passar por todos os processos de transformações tecnológicas, hoje têm que dialogar com as novas mídias e evoluir com elas.

Sendo assim, é de nosso conhecimento que desde que a televisão chegou no Brasil, o telejornalismo enfrenta um constante processo de transformação nos mais diversos aspectos: técnicos, políticos, econômicos, sociais, tecnológicos, assim por diante. Tais mudanças ganharam um impacto ainda mais significativo com o cenário pandêmico vivenciado por nossa sociedade nos dias atuais. Fato que vem transformando a forma de se fazer telejornalismo e trazendo impactos consideráveis nas rotinas produtivas dessa profissão, bem como nos perfis profissionais, como veremos mais adiante.

5 UM OLHAR SOBRE OS PERCURSOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS

Para a seleção da amostra de trabalho, fizemos um levantamento das emissoras de televisão paraibanas que alcançam a maior extensão territorial do estado, e que atingem os maiores índices de audiência, aportando em dois nomes: TV Cabo Branco e TV Paraíba, ambas afiliadas da Rede Globo¹² que estrearam simultaneamente no dia 1º de janeiro de 1987.

Os percursos metodológicos que foram adotados para esta pesquisa possuem abordagem qualitativa, tendo finalidade exploratória. Tratam-se do Estudo de Caso, Observação Participante (este método foi aplicado apenas na TV Paraíba por questões logísticas) e da História Oral, uma vez que um *corpus* específico foi escolhido.

Como técnica de coleta de dados, realizamos entrevistas semiestruturadas, feitas de forma presencial com uma parte dos profissionais selecionados (três editores de texto da TV Paraíba - Afiliada da Rede Globo em Campina Grande/PB) e de forma virtual via *WhatsApp*, aplicativo de mensagens instantâneas, com o outro grupo de

¹² In: <https://redeglobo.globo.com/tvcabobranco/comercial/noticia/a-forca-da-rede-paraiba-do-litoral-ao-sertao.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2020.

profissionais selecionados (três editores de texto da TV Cabo Branco - Afiliada da Rede Globo em João Pessoa/PB).

Apesar das entrevistas terem sido coletadas tanto de forma virtual como presencial, não notamos diferenças entre as duas técnicas, uma vez que todas as respostas atingiram os objetivos propostos por nossa pesquisa. Além de concederem as entrevistas, nossos entrevistados também contribuíram cedendo capturas de telas de mensagens de texto trocadas com telespectadores, e de alguns espelhos dos telejornais das emissoras.

O Estudo de Caso, segundo Yin (2005, p. 32), “é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência”.

Sobre a observação participante, Gil (2008, p.103), explica que ela também pode ser nomeada observação ativa, e “consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada”.

O autor fala que neste tipo de método de pesquisa, o observador, pelo menos até um determinado ponto específico, assume o papel de um membro do grupo que está sendo estudado, levando a um conhecimento profundo sobre o objeto selecionado.

A observação participante pode assumir duas formas distintas: (a) natural, quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga; e (b) artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação. Na observação artificial, o observador depara-se geralmente com mais problemas que na observação natural. Em primeiro lugar, precisa decidir se revelará o fato de ser um pesquisador ou se tentará a integração no grupo utilizando disfarce. Depois, precisa considerar, no caso de não revelar os objetivos da pesquisa, se as suas atividades disfarçadas podem prejudicar algum membro do grupo, e, nesta hipótese, se os resultados que vierem a ser obtidos são tão importantes para prejudicar sua aquisição com esses riscos (GIL, 2008, p. 103).

Para Alberti (2005), a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador de fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de - ou testemunharam - acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tal percurso visa compreender a forma de viver o cotidiano profissional dos jornalistas profissionais.

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registros.

Caracterizam por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, dando espaço aos sujeitos, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar.

A escolha pela história oral se deu pelo fato dos nossos entrevistados terem vivenciado todo o contexto analisado compreendido pelo período anterior a pandemia de Covid-19; a etapa inicial de adaptação com a confirmação dos primeiros casos, bem como a fase mais crítica da pandemia onde os protocolos sanitários ficaram ainda rígidos e, por fim, o atual cenário onde a pandemia encontra-se controlada, mas ainda inspirando cuidados. Consideramos assim, que os relatos colhidos sobre esse período são imprescindíveis para a compreensão histórica dessa fase atípica do telejornalismo paraibano.

Por fim, a História Oral, assim como as narrativas que dela se originam, estimula a escrita de uma História “que não é uma representação exata do que existiu, mas que se esforça em propor uma inteligibilidade, em compreender a forma como o passado chega até o presente” (SILVEIRA, 2007, p. 41). Diante disto, a escrita do historiador não é aquilo que se passou, e sim uma produção discursiva, uma vez que ele não consegue reviver os eventos ocorridos. É uma narração da história que foi selecionada, simplificada e organizada.

Para este trabalho, escolhemos a técnica da entrevista semiestruturada que, de acordo com Duarte (2005, p. 63):

É um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir de experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Por meio da entrevista em profundidade, é possível, por exemplo, entender como produtos de comunicação estão sendo percebidos por funcionários, explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação, identificar motivações para uso de determinado serviço [...] é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido (DUARTE, 2005, p.63).

No que se refere a entrevista semiestruturada, ainda segundo Duarte (2010, p.66):

O pesquisador prepara de antemão um roteiro com questões guia, que devem ser lançadas ao pesquisado conforme o andamento da entrevista. Caso ele aborde naturalmente um assunto, a pergunta deixa de ser feita. A lista de questões-chave pode ser adaptada e alterada no decorrer das entrevistas. Uma questão pode ser dividida em duas e outras duas podem ser reunidas em uma só, por exemplo (DUARTE, 2010, p.66).

Sendo assim, após a realização das seis (6) entrevistas com os editores de texto, em um segundo momento da pesquisa, realizamos as transcrições do conteúdo coletado para fazermos a análise do nosso trabalho. Para isso, aplicamos o recorte que contempla os anos de 2020, 2021 e 2022, os primeiros anos de pandemia de Covid-19.

A escolha pelos editores de texto se deu pelo fato de serem os profissionais responsáveis pela montagem do telejornal, por terem um papel decisivo do que vai ou não para o ar, desse modo, tendo um papel significativo em todo o processo que engloba o telejornal.

Sobre as entrevistas realizadas, buscando evitar possíveis constrangimentos organizacionais, optamos por prezar pelas identidades dos jornalistas entrevistados, desse modo, os respondentes serão identificados através dos códigos Editor TVCB 1, Editor TVCB 2, Editor TVCB 3, Editor TVPB 1, Editor TVPB 2 e Editor TVPB 3,. Acreditamos que as respostas coletadas são relevantes e conseguem contemplar os objetivos da nossa pesquisa.

Com base na observação participante e nas entrevistas que foram realizadas, identificamos alguns pontos vivenciados por nossos entrevistados que consideramos mais importantes nesse processo pandêmico, por isso, categorizamos nossa análise em cinco tópicos: Tensões e rotinas no contexto pandêmico; Os desafios do *home office*; Audiência reconfigurada; Adaptações e sobrecarga; e *Fake News* e dilemas éticos.

Para os jornalistas, bem como para toda a sociedade, a pandemia, em sua fase mais crítica, foi um período de muitas tensões no tocante ao bem estar dos indivíduos e aos impactos que isso causou nas rotinas profissionais.

Dados do relatório sobre jornalistas vítimas de Covid-19 no Brasil produzido pela Fenaj constatou que em 699 dias de pandemia, contados de abril de 2020 a fevereiro de 2022, 314 jornalistas brasileiros morreram em decorrência da Covid-19, perfazendo uma média de 1 morte a cada 2,2 dias, tornando o país recordista de mortes de profissionais de imprensa por Covid-19 no mundo.¹³

É importante salientar que após o início da campanha de vacinação esse número caiu consideravelmente. Para se ter uma ideia, nos dois primeiros meses de 2022 foram registrados 11 casos, contra 42 do mesmo período do ano anterior.

¹³ In: <https://fenaj.org.br/em-dois-anos-314-jornalistas-mortos-pela-covid-19/>. Acesso em 08. nov. 2022.

A Fenaj também estudou os efeitos da pandemia sobre o trabalho dos jornalistas e constatou que 75,2% dos profissionais passaram a atuar no sistema de *home office*.¹⁴

Como veremos mais adiante, a pandemia mudou consideravelmente a relação dos jornalistas com a audiência, e neste contexto de sociedade midiaticizada (FAUSTO NETO, 2008) e interação entre os jornalistas/veículos e o público, o telejornalismo passou a ser beneficiado com essa contribuição direta dos telespectadores, aproveitando das sugestões de pautas e do material feito nas ruas, como fotos e vídeos.

Os impasses causados pela pandemia forçaram as redações de TV a colocarem em prática adaptações laborais em caráter de urgência para seguirem com suas atividades. Farias e Belém (2020, p.6) atribuem a popularização de novas tecnologias, cada vez mais portáteis, a garantia do trabalho dos jornalistas sem a habitual estrutura técnica.

Entender o impacto das mudanças tecnológicas no processo de captação de imagens e conseqüentemente, na produção de conteúdo jornalístico para a TV também abrange o conhecimento a respeito da convergência midiática e um novo conceito de audiência como produtora de conteúdo, ainda mais, em tempos de pandemia (FARIAS & BELÉM, 2020, p.6).

Em um contexto de adoecimento da população, para os jornalistas antiéticos, o caos na saúde pública, uma realidade de incertezas e a precarização das práticas laborais são um prato cheio para dar brecha à desinformação com o intuito de alavancar a audiência. A comunicação é necessária para disseminar os acontecimentos a partir dos fatos.

A veracidade da notícia é um direito do cidadão assim como a liberdade de imprensa que se traduz em liberdade de expressão, que é o direito de transmitir a informação e emitir publicamente uma opinião. Nisso, o problema surge quando uma notícia é distorcida, a informação jornalística perde o controle e deixa de ser informação (CARLINE, 2009, p. 32).

À face dessa perspectiva, diante de estudos realizados anteriormente, acreditamos que este percurso metodológico apresentado é o apropriado para dissertar sobre nossa proposta de pesquisa, atingindo nossos objetivos propostos.

6 AS ROTINAS DAS EMISSORAS PARAIBANAS DE TV AFILIADAS DA REDE GLOBO NO CONTEXTO PANDÊMICO

¹⁴ In: <https://fenaj.org.br/covid-19-entre-jornalistas-cresce-pressao-no-trabalho-profissionais-tem-salario-reduzido/>. Acesso em 08. nov. 2022.

6.1 A rotina no contexto pandêmico da TV Cabo Branco

A TV Cabo Branco tem sede na cidade de João Pessoa, capital do estado paraibano, sendo pertencente à Rede Paraíba de Comunicação. A grade de programação é formada pelo Bom Dia Paraíba apresentado por Denise Delmiro, JPB1 com apresentação de Danilo Alves, Globo Esporte com apresentação de Kako Marques, JPB2 apresentado por Larissa Pereira e o Paraíba Comunidade, programa dominical apresentado por Hildebrando Neto.

A emissora, que é responsável por fazer a cobertura jornalística em toda região metropolitana de João Pessoa, Zona da Mata e no brejo paraibano, noticiou o primeiro caso de Covid-19 no dia 18 de março de 2020, caso esse que foi registrado na própria capital. Todo esse contexto pandêmico trouxe delicados desdobramentos para a rotina dos jornalistas dentro e fora da redação.

Para entender os primeiros impactos da pandemia dentro da emissora, os nossos entrevistados relataram suas lembranças desse momento que pode ser considerado pelos profissionais da comunicação como um divisor de águas na forma de se fazer telejornalismo, como iremos aprofundar tal discussão a partir de agora.

6.1.1 Tensões e rotinas no contexto pandêmico

O aumento da demanda por informações, o risco de contaminação dos profissionais e seus familiares e dentre outros fatores fizeram com que a tensão já existente no ambiente jornalístico ganhasse ainda mais força, fazendo com que rotinas fossem adaptadas para que os conteúdos pudessem ser noticiados com mais rapidez, desse modo, levando esclarecimentos ao público e mantendo a saúde desses profissionais. Tal pressão provocada pelo novo e pelo receio do adoecimento fez com que a tensão diária se intensificasse, uma tensão que já é algo inerente ao jornalismo.

Figura 1: Anúncio do primeiro caso de Covid-19 no estado da Paraíba



Fonte: Registro fotográfico feito da reportagem do JPB2 disponível no Globoplay¹⁵

O Editor TVCB 1 relata que o medo foi o sentimento que prevaleceu no início da pandemia. “O primeiro impacto foi de medo. Além do medo de adoecermos e contaminarmos a nossa família, a gente tinha muito medo de passar um temor para a população. Então, no primeiro caso, foi um alarde interno, mas que a gente noticiou de uma maneira que não assustasse as pessoas”.

Em seu relato o Editor TVCB 1 fala que com a cobertura da pandemia se sentiu sobrecarregado, considerando que alguns colegas não poderiam trabalhar presencialmente e outros ficavam doentes. Outro fato que trouxe um abalo emocional foi a condição de estar exposto a possibilidade de contágio, o que fazia com que o contato com a família fosse impedido.

Assim como nos demais âmbitos da sociedade, as emissoras de televisão também precisaram impor adaptações estruturais para evitar o contágio pelo coronavírus, o que trouxe alterações consideráveis no ambiente de trabalho como utilização de máscaras, acrílicos para separar as bancadas dos computadores, aferição da temperatura para ser permitida a entrada na emissora, colocação de álcool em gel nas mesas de trabalho, utilização de produto de higienização específico para os equipamentos, distanciamento entre os funcionários, orientação de usar dois microfones - um para o repórter e outro para o entrevistado, afastamento das atividades presenciais de funcionários com comorbidades e pertencentes ao grupo de

¹⁵ Globoplay é a plataforma digital de vídeos da Globo.

risco e também começou a ser evitada a ida dos jornalistas nas casas das pessoas para a realização das matérias.

Figura 2: Uso de dois microfones nas entrevistas



Fonte: Registro fotográfico feito de reportagem do JPB2 disponível no Globoplay

Buscando respeitar o distanciamento social, os entrevistados utilizaram um microfone sem a canopla, específico para eles, onde eles os seguravam sozinhos enquanto respondiam os questionamentos do repórter. Tal condição antes era inimaginável no telejornalismo que sempre prezou pelo microfone, exclusivamente, nas mãos do repórter.

O Editor TVCB 3, lembra que uma das primeiras mudanças impostas pela pandemia foi sua logística para ir até a emissora. Segundo ele, por não ter transporte próprio e para evitar o deslocamento no transporte coletivo, passou a ir trabalhar em um veículo disponibilizado pela emissora ao lado de outros colegas de trabalho, sempre usando máscara e com os vidros do carro abertos para gerar ventilação.

6.1.2 Os desafios do *home office*

Como já mencionado anteriormente, apesar da profissão ter sido considerada como essencial para o enfrentamento da pandemia, muitos jornalistas tiveram que migrar das redações para suas casas por estarem nos grupos considerados de risco. Contudo, é necessário aprofundarmos a discussão sobre este ponto, uma vez que existem diferenciações entre os termos *home office*, trabalho remoto, trabalho híbrido e teletrabalho.

O decreto N° 13.979, publicado em 20 de março de 2020 pelo presidente da república, Jair Bolsonaro, definiu o trabalho da imprensa como essencial durante a

pandemia de coronavírus. No segundo parágrafo do Art. 1º ficou explicitada a restrição à circulação de trabalhadores que poderiam afetar o funcionamento das atividades e dos serviços essenciais de que trata o decreto. Segundo o Art. 3º:

As medidas previstas na Lei nº 13.979, de 2020, deverão resguardar o exercício pleno e o funcionamento das atividades e dos serviços relacionados à imprensa, considerados essenciais no fornecimento de informações à população, e dar efetividade ao princípio constitucional da publicidade em relação aos atos praticados pelo Estado (BRASIL, 2020).

Ramos (2022), afirma que o trabalho remoto é gênero – dividido entre as modalidades de teletrabalho, *home office* e trabalho híbrido – em que há atividades exercidas à distância e com especificidades. O projeto de lei de conversão (PLV), Nº 21/2022, aprovado no Senado no dia 3 de agosto de 2022, traz algumas mudanças no que se refere ao trabalho remoto¹⁶. Como explica a especialista:

O teletrabalho possui regimento próprio, utilizando meios informatizados e telemáticos de comando, controle e supervisão, enquanto ao *home office* se aplicam as mesmas normas do trabalhador que exerce suas atividades de forma presencial. Nessa hipótese (trabalho híbrido), é permitido pelo legislador a realização de acordo entre empregador e empregado sobre os dias e horários de trabalho dentro ou fora das dependências da empresa (RAMOS, 2022).

Tal prática já era realidade para inúmeros profissionais (freelancers) da área que prestam serviços a veículos de informação. Com a pandemia, o que era opção tornou-se obrigação para muitos, como foi o caso do Editor TVCB 2, que precisou se ausentar das atividades presenciais após se descobrir pertencente ao grupo de risco por ser imunossuprimido - pessoa com algum tipo de deficiência imunológica.

Outro exemplo foi o da apresentadora do Bom Dia Paraíba, Denise Delmiro, que se afastou das atividades presenciais devido a sua gestação, o que levou a emissora a adaptar a sala de estar da residência da jornalista com os equipamentos necessários para ser possível a sua entrada ao vivo com transmissão para todo o estado.

Figura 3: Equipamentos de transmissão montados na casa da jornalista Denise Delmiro

¹⁶ In: <https://asmetro.org.br/portalsn/2022/08/11/teletrabalho-trabalho-remoto-home-office-e-trabalho-hibrido/>. Acesso em: 31 out. 2022.



Fonte: Denise Delmiro, 2020

Figura 4: Apresentadora adapta a sala de sua casa para trabalhar em *home office*



Fonte: Denise Delmiro, 2020

Em algumas aparições no telejornal, a apresentadora utilizava de elementos - como efeitos gráficos em sua televisão - buscando aproximar, ao menos minimamente, sua participação de casa do que costumeiramente é exibido diretamente do estúdio de TV.

O Editor TVCB 2, relata que teve sua função modificada em partes, onde além de fazer a edição de texto do Bom Dia Paraíba, também precisou fazer a produção do Praça 1. Sobre os três meses onde seguiu nesta condição, o Editor TVCB 2 define como uma experiência “extremamente estressante”.

Eu vejo muitas partes negativas. O nosso trabalho é muito feito na comunicação interna, entre colegas, fora que o estresse foi muito grande trabalhando de forma solitária. Quando é um trabalho de comunicação, geralmente a equipe conta muito, um ajuda o outro, um complementa o outro, e isso realmente era difícil de acontecer (EDITOR TVCB 2, 2022).

O Editor TVCB 2, relatou que as tensões vivenciadas com a rotina *home office* foi responsável por receber o diagnóstico da doença dermatite atópica, devido ao estresse do trabalho. “Foi uma experiência extremamente negativa para mim”, falou.

Eu senti muito medo do contágio e conversei com colegas que permaneceram em *home office* durante o mesmo período e eles relataram o mesmo medo, tanto de morrer por causa de doença, quanto de perder o emprego por causa da nossa necessidade especial de estar afastado e trabalhando em casa (EDITOR TVCB 2, 2022).

O Editor TVCB 1, revelou que precisou manter suas atividades presenciais por necessitar estar na ilha de edição editando os materiais, e que de ponto positivo, pelo o que observou dos colegas, é que foi possível trazer para os telejornais conteúdos diversos e mais próximos dos telespectadores, além da utilização de novos formatos para preservar a saúde de todos. Como pontos negativos, destacou a ausência do contato olho no olho e a sintonia entre repórter e editor.

No tocante ao *home office*, o Editor TVCB 3, cita a recepção do material como um dos pontos negativos por em algumas vezes ser complicado organizar tudo, porque vinha uma imagem, e só depois as entrevistas e em seguida vinha o *off*, o que dificultava a organização do material e a finalização do conteúdo dentro do *deadline* do telejornal.

6.1.3 Audiência reconfigurada

Realizando as atividades diretamente de suas casas, a relação entre jornalista e audiência passou por uma transformação em virtude da necessidade do distanciamento social porque, conseqüentemente, durante os primeiros meses de pandemia, as equipes de reportagem ficaram distantes dos acontecimentos e do público.

Os autores Pereira e Adghirni (2011, p.52), falam que “mudanças profundas afetam diferentes dimensões do jornalismo, alterando radicalmente a forma como será praticado no futuro”. Essas mudanças são na forma de produzir a notícia, no perfil dos jornalistas e alterações na relação dos jornais com o público.

Os mesmos autores também trazem para a discussão a contribuição de Salaverría (2015), ao dizer que “há dois processos em tela: uma crise de acumulação

(que envolve toda a economia mundial) e uma crise tecnológica (conectada à mudança do paradigma analógico para o digital).

As plataformas de redes sociais e as possibilidades de interação independente da geolocalização dos usuários, foram fatores determinantes para a nova relação entre o telejornalismo e a audiência, uma vez que permite que os telespectadores entrem em contato com as emissoras de TV de maneira rápida, por meio de aplicativos de mensagens instantâneas ou através da caixa de mensagem de qualquer outra plataforma, e envie seus questionamentos, denúncias, sugestões e opiniões, precisando apenas de um aparelho eletrônico conectado à internet para isso. Ou seja, a televisão que por muitos anos foi o principal meio de informação de muita gente, agora divide espaço com outras fontes, o que contribuiu diretamente para a mudança no perfil do telespectador.

A televisão expandiu-se ao adentrar o ciberespaço: o aparelho tradicional não é mais o único meio transmissor de conteúdo. A internet e principalmente as redes sociais, atuam como extensores e muitas vezes amplificadores dos conteúdos gerados pela mídia tradicional. (...) O aumento da participação dos usuários no meio online com o advento das redes sociais ajudou na expansão da televisão, potencializando seu poder de penetração e hibridização (STEFANO; FERREIRA, 2018, p. 27).

Os celulares e outros dispositivos móveis com acesso à Internet têm possibilitado às pessoas que não cursaram jornalismo, nem trabalham na área de comunicação, registrar conteúdos da atualidade, compartilhá-los e amplificá-los. Como a natureza do jornalismo está identificada com a atualidade, muitos desses conteúdos passaram a interessar e, mais do que isso, foram incorporados pelo campo em espaços que não são somente os de Cartas à Redação. (MESQUITA, 2016, p. 161).

A inclusão da audiência no campo jornalístico através de participação com fotos, vídeos e/ou sugestões, tem alterado as rotinas produtivas e até o próprio jornalismo, desenvolvendo um novo processo de produção. O critério de noticiabilidade continua sendo do jornalista, porém, em contrapartida, ele recebe um número maior de informações e de novos olhares (captados por câmeras de celulares), que auxiliam na construção do telejornal (MESQUITA, 2016, p.161).

Sendo assim, contribuindo de maneira voluntária para a escolha de pautas dos telejornais, essa audiência potente (MESQUITA & VIZEU, 2014), passou a ser instigada para que participasse mais enviando materiais para as emissoras de TV. É comum, atualmente, ver e ouvir apresentadores de telejornais pedindo que os telespectadores participem, utilizando de um discurso convidativo para seduzir e

convencer o público de que ele pode ter voz e de que ela – certamente – será ouvida. Assim, podendo fazer com que a audiência se sinta até mesmo parte da equipe.

Em 2020, com a chegada e o rápido aumento de número de casos da pandemia da Covid-19 no país, as equipes de TV – acostumadas a irem às ruas em busca dos fatos e entrevistas – deram de cara como um desafio: fazer as reportagens cumprindo o distanciamento social, evitando entrar em estabelecimentos, prédios ou casas de entrevistados. Então, como mostrar, por exemplo, a situação de boa parte da sociedade em reclusa cumprindo o distanciamento social sem ir até os personagens?¹⁷

Há quem ainda define o jornalismo como “contar histórias e narrar fatos” e para isso, continuava sendo necessário (mesmo vivenciando uma pandemia), ouvir fontes, especialistas e membros da sociedade de modo geral para que a história fosse contada e cumprisse seu papel de informar e causar sensações e reflexões. Siqueira e Dias (2021) afirmam que “as sonoras, como são chamadas as entrevistas dentro das reportagens ou em outros formatos do telejornalismo, humanizam e auxiliam na contextualização das informações, trazem explicações, vivências, relatos etc.”, ou sejam, elas são (quase que) indispensáveis para os telejornais.

Desse modo, o telejornalismo precisou se adaptar ao contexto vivido pela sociedade e se reinventar para garantir a cobertura de todos os aspectos que envolviam as limitações causadas pela pandemia. Foi nesse momento que a figura da audiência comunicativa como coprodutor ganhou ainda mais força e se tornou necessária para a produção dos telejornais.

Os coprodutores – aqueles que não integram a equipe de jornalismo do veículo de comunicação nem são especialistas ou fontes oficiais, porém fornecem imagens (fotos e/ou vídeos) à emissora (SIQUEIRA, 2013) – se tornaram imprescindíveis para a produção das matérias, uma vez que esses telespectadores foram instigados a produzir seus próprios vídeos dando seu relato, sem o intermédio de um entrevistador, e até mesmo a fazer imagens suas que serviriam de apoio para complementar o VT, sem o auxílio de um cinegrafista profissional. Assim, as reportagens foram sendo construídas a partir dos vídeos enviados pelos telespectadores, possibilitando que a história fosse contada mesmo mantendo o distanciamento social recomendado pelas autoridades de saúde.

¹⁷ Entrevistado que, assim como na literatura, é o “ator principal” para contar a história e a notícia, sendo mostrado como exemplo relacionado ao tema.

Figura 5: Espelho do telejornal JPB1 do dia 27 de fevereiro de 2020

Espelho (Filial: Matriz) JPB2 27/02/2020												
Telejornal 05 Data: 27/02/2020											Fade 00:15:50 Tempo 00:16:27 Diferença 00:00:37 I.P. 00:00:00	
											09:06:16	
											19:10:00	
											Clique aqui para trancar o jornal	
											Código	
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Obs	ImId	Lock	Início F
*****1º BLOCO*****												
							00:08:54					
001	ESCAL	VINHETA + NOTA DE ABERTURA	JPA	00:07	00:00	00:07		Eise		✓		19:10:0
002	MOCH	MOCHI/ATUALIZA/CORONAVÍRUS = HEBERT 1	JPA	00:21	02:50	03:11		Eise		✓		19:10:0
003	VT	DÚVIDAS/CORONAVÍRUS = HEBERT	JPA	00:12	03:06	03:18		Eise		✓		19:13:1
004	MOCH	MOCHI/ATUALIZA/CORONAVÍRUS = HEB 2	JPA	00:02	01:15	01:17		Eise		✓	👤	19:16:3
005	VT	JULGAMENTO/RADIALISTA = ao vivo	JPA	00:48	00:00	00:48		Eise		✓	👤	19:17:5
006	PASSA	PASSAGEM 1 - SANHAUÁ - VARADOURO	JPA	00:13	00:00	00:13		Eise		✓		19:18:4

Fonte: TV Cabo Branco

Figura 6: Espelho do telejornal JPB1 do dia 13 de junho de 2020

Espelho (Filial: Matriz) JPB2 13/06/2020												
Telejornal 05 Data: 13/06/2020											Fade 00:26:20 Tempo 00:27:02 Diferença 00:00:42 I.P. 00:00:00	
											09:08:44	
											19:10:00	
											Clique aqui para trancar o jornal	
											Código	
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Obs	ImId	Lock	Início F
*****1º BLOCO*****												
							00:17:34					
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	00:07	00:00	00:07		Eise		✓		19:10:0
002	ARTE	DECRETO/GOVERNO DO ESTADO = artes no wal	JPA	00:26	03:45	04:11		Eise		✓	👤	19:10:0
003	ENTRE	ENTREVISTA/GOVERNADOR = LARISSA	JPA	00:25	03:56	04:21		Eise		✓	👤	19:14:1
004	ARTE	DECRETO/JP = arte no wal	JPA	00:15	01:30	01:45		Eise		✓		19:18:3
005	ENTRE	ENTREVISTA/PREFEITO JP = VIEIRA	JPA	00:09	02:18	02:27		Eise		✓	👤	19:20:2
006	ENTRE	REABERTURA/COMÉRCIO/CG = sonora	CGE	00:20	00:58	01:18		Eise		✓	👤	19:22:5
007	NOTAP	PÉ/REABERTURA	CGE	00:09	00:00	00:09		Eise		✓		19:24:0
008	NOTA	NOTA/BANDEIRAS/CIDADES	JPA	00:40	00:45	01:25		Eise		✓		19:24:1
009	MOCH	MOCHI/NOVOS DADOS = WALÉRIA	CGE	00:16	01:30	01:46		Eise		✓		19:25:4
010	PASSA	PASSAGEM 1	JPA	00:05	00:00	00:05		Eise		✓		19:27:2

Fonte: TV Cabo Branco

Cotta (2005) fala que a mídia tem enorme influência dentro da sociedade, de qualquer sociedade, principalmente no mundo contemporâneo, pela velocidade que a informação ganha, em função dos seguidos avanços tecnológicos. Mas somente completa o seu ciclo comunicacional quando retorna ao ponto de origem: é sempre o indivíduo quem determina o sentido final à informação que virou notícia. Ou seja, dará a ela uma atenção inicial, para dimensionar depois o interesse da informação/notícia ou tratá-la como mera curiosidade.

No contexto atual, a audiência não só ressignifica as mensagens que recebe, nem atua apenas enviando conteúdos, por meio de vídeos, áudios, fotografias, ou sugestão de pauta para a mídia, ou seja, exerce uma relação no sentido de coprodução de notícias - onde a audiência ocupa cada vez mais espaço de intervenção para a democratização da informação (VIZEU; MESQUITA, 2011).

Com as redes sociais, a audiência passa a agir num diálogo onde manifesta seu interesse sobre assuntos que gostaria de ver enfocados na mídia e pressiona os veículos, quando entende que houve omissão de determinado assunto ou até mesmo uma cobertura inapropriada. Nessa possibilidade de interação com os veículos de massa possibilitada, por exemplo, por redes sociais como o Facebook e Twitter, essa audiência potente se manifesta de diferentes formas.

Os meios de comunicação e a audiência passam a se envolver mais intensamente, fazendo com que os produtores de conteúdos ajustem suas produções de acordo com os interesses desses consumidores de informação. Há ainda a expectativa de atores sociais que desejam não apenas a veiculação de seus discursos, como também, principalmente, sua legitimação por meio de sua incorporação aos próprios jornalistas.

Chaparro (2009, p.7) diz que:

Houve uma “revolução das fontes”, ou seja, homens e mulheres começam a deixar de serem “receptores passivos” para interferirem e participarem de uma forma mais efetiva no processo de produção de conteúdo para as mídias, onde, as fontes, antigamente passivas, se transformaram em instituições deliberadamente produtoras de conteúdos, por meio de fatos e falas noticiáveis (CHAPARRO, 2009, p.7).

Mesquita e Vizeu (2014, p. 603) analisam a capacidade de ampliação da audiência ao falarem que:

Espaços essencialmente conversacionais, as redes sociais têm a possibilidade de ampliar as vozes da audiência. Portanto, ao usar a capacidade de amplificação, a audiência ressignifica o conteúdo, por meio de comentários, opiniões e novos olhares sobre o assunto, que é reverberado nas redes, oferecendo um extrato do que querem e do que pensam esses cidadãos que se envolvem com os meios de comunicação. A capacidade de amplificação pode constituir-se em uma expressão da inteligência e da consciência coletivas (MESQUITA; VIZEU, 2014, p.603).

Dean (2009), dentro dessa discussão sobre audiência, discorre sobre o que ele defende como *capitalismo comunicativo*, onde os nossos engajamentos dispersos, fora de sincronia, aleatórios e sem um foco de discernimento e de enfrentamento claro ajudariam a construir uma nuvem de informação que reiteraria o funcionamento da internet sob o domínio das grandes empresas e não uma alternativa contra hegemônica à atual forma de dominação.

A fusão entre democracia e capitalismo teria gerado uma situação que nos aprisionou dentro de um sistema no qual enviamos mensagens o tempo todo, mas que não trazem nenhuma consequência exceto reforçar o sistema, até mesmo

auxiliando as empresas a montar perfis de vendas e publicidade extremamente direcionados a cada um de nós.

Indiretamente, a força que a audiência exerce está ligada ao financiamento do trabalho jornalístico, uma vez que a atenção do público pode ser vendida aos anunciantes e, portanto, “seu tamanho e sua composição são fatores importantes para os *gatekeepers* da mídia” (SHOEMAKER; VOS, 2009, p.114)

Nesse sentido, uma das mudanças mais significativas deste processo está relacionada à participação do público na construção da notícia, mais especificamente, na seleção ou no estabelecimento de filtros do que é ou não relevante para ser noticiado, seja através da curadoria de *gatewatching* (BRUNS, 2011), onde o público da internet consome cada vez mais notícias relacionadas às suas preferências e valores, e utiliza mecanismos participativos para indicar suas vontades à mídia, ou de uma versão atualizada da rotina de *gatekeeping* onde no jornalismo contemporâneo permite considerar a audiência da internet um dos canais de seleção de informações até sua circulação (SHOEMAKER; VOS, 2009). Trata-se, portanto, de uma nova abordagem da importância do público no êxito do resultado da produção jornalística:

O jornalista deve pensar se conseguirá atrair a atenção do público. Não só é necessário que o tema seja considerado importante ou interessante por parte do jornalista, mas também deve ficar em sintonia com o que o público possa vir a considerar também como importante ou interessante (ALSINA, 2009, p. 184).

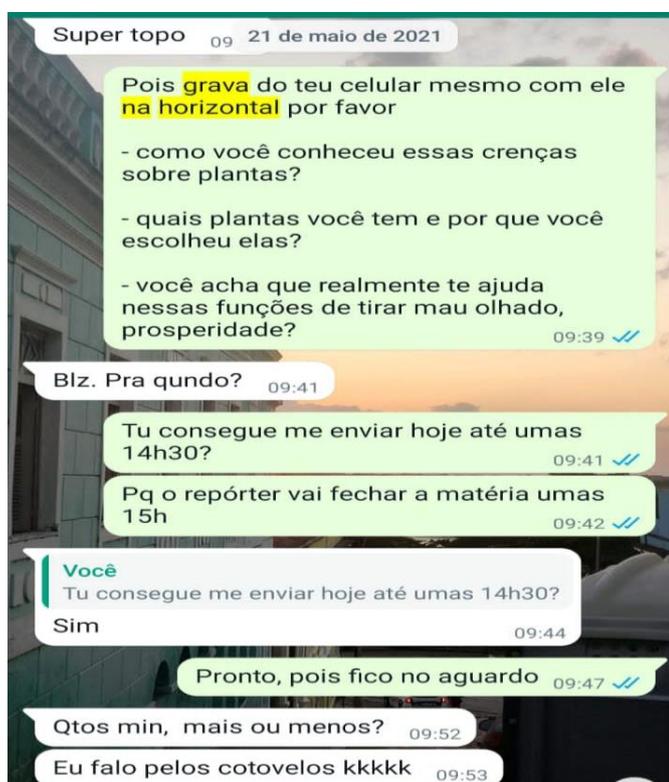
A participação do cidadão produtor de notícias facilita o trabalho de apuração das informações do jornalista, uma vez que, há informação demais e tempo de menos, mantendo com este profissional uma relação colaborativa. Com esse tipo de participação popular, e a emissão de novos conteúdos por meio da interação de usuários, uma multiplicidade de vozes passa a ser oportunizada.

Neste ponto, acrescentamos a esta pesquisa a alegação de Wolf (1999, p.218) que destaca três importantes fases dentro da rotina produtiva: “a recolha, a seleção e a apresentação”. Cada uma delas dá lugar a rotinas articuladas e a processos de trabalho, dos quais só alguns aspectos são tratados”.

Ainda no tocante à audiência, merece destaque a fala do Editor TVCB 1, ao dizer que recebia relatos de alguns telespectadores que confessaram estar cansados de tantas notícias pesadas, números de mortes, falta de oxigênio, notícias de colapso dos serviços de saúde em alguns estados, e etc. “Nós também estávamos cansados. Era como uma cobertura de guerra” (EDITOR TVCB 1, 2022).

Vivenciamos uma ampliação considerável no fluxo de informações circulando nos meios de comunicação, inclusive na televisão. Tal cenário deu origem ao termo Infodemia, criado pela OMS, que se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual (OPAS, 2020, p.2).

Figura 7: Print Screen de conversa no WhatsApp entre produtor e telespectador

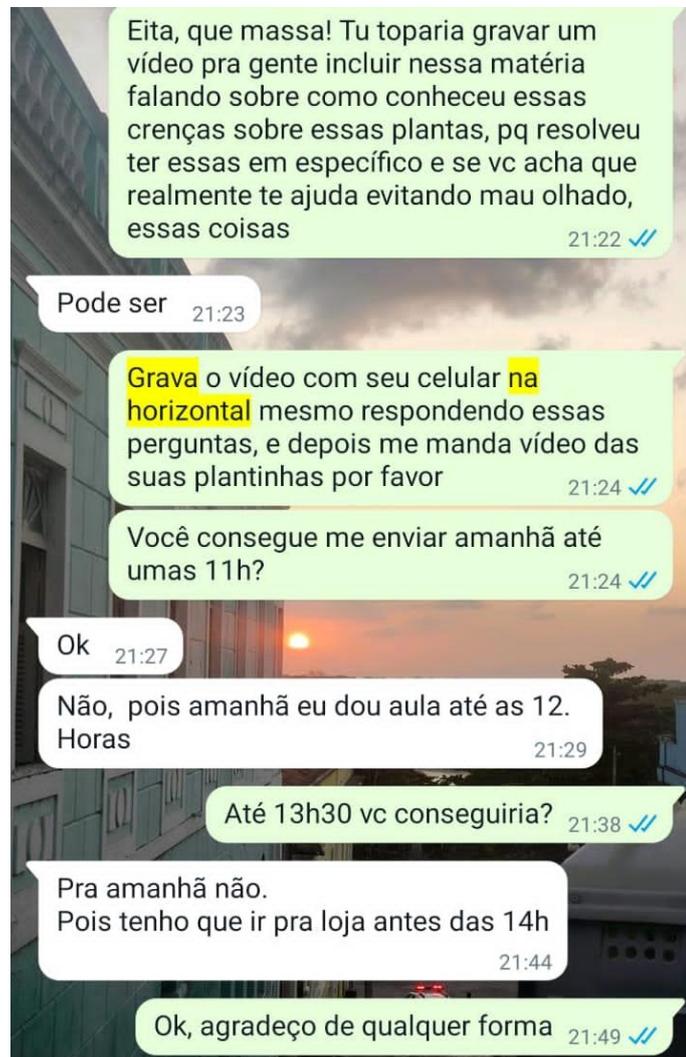


Fonte: TV Cabo Branco

Logo, os materiais produzidos pela audiência potente se tornaram indispensáveis para a montagem dos telejornais e, por mais que muitos telespectadores já mandassem voluntariamente suas mensagens, sugestões e vídeos, a emissora precisava de vídeos específicos, sobre determinados assuntos e foi preciso buscar fontes (oficiais, personagens e especialistas) que aceitassem gravar seus próprios vídeos, de acordo com a necessidade daquela reportagem. Como bem

dito pelo Editor TVCB 3, “se a gente não podia ir até eles, eles passaram a vir até as redações, de modo virtual”.

Figura 8: *Print Screen* de conversa no WhatsApp entre produtor e telespectador



Fonte: TV Cabo Branco

Nas capturas de tela podemos observar diálogos entre produtores e fontes com o intuito de conseguir o material necessário para ser feito a reportagem. No entanto, como pode ser visto nas imagens, em muitos casos alguns empecilhos dificultavam que a produção conseguisse o que era preciso, o que acabava levando a pauta a ser derrubada.

No entanto, os respondentes ressaltam que à medida que as participações da audiência ganhavam mais destaque nos telejornais, mais mensagens, fotos e vídeos chegavam, fazendo com que o volume do trabalho da produção aumentasse e a equipe ficasse sobrecarregada em alguns momentos, pois além das atividades já desempenhadas pela produção (desenvolvimento de pautas; apuração de informações; agendamento de entrevistas; entre outras), também é necessário responder as mensagens dos telespectadores e ir em busca de respostas para cada denúncia recebida.

6.1.4 Adaptações e sobrecarga

A pandemia trouxe inúmeras dificuldades e novas adaptações para o telejornalismo o que, conseqüentemente, levou à precarização do trabalho dos jornalistas. Essa precarização é referente não só a rotina de trabalho, mas também ao salário, acúmulo de tarefas e o ritmo acelerado de trabalho.

Uma das características mais fortes da televisão é justamente a qualidade da imagem, isso acaba passando credibilidade ao telespectador. Inclusive, o padrão Globo sempre prezou por ressaltar a qualidade técnica dos seus materiais. No entanto, tal fator passou a não ser considerado crucial neste contexto de limitações impostas pela pandemia.

A preocupação do editor mais com os aspectos informativos do material enviado pela audiência está intimamente ligada à preocupação em esclarecer o contexto da informação. Nesse sentido podemos observar nessa prática a presença da intenção de uma “pedagogia do Jornalismo”. Ou seja, independente da qualidade do conteúdo o importante é contextualizar, explicar o fato para a audiência (Silva, 2018).

Piccinin e Bozzette (2020), dentro desse panorama de reconfiguração e adaptação no telejornalismo, em razão das regras de distanciamento social impostas para conter a propagação do vírus pelo país, trazem uma contribuição relevante sobre o material que é enviado pelas fontes destacando um acento na informalidade

narrativa. [...] ainda que uma imagem possa ter tecnicamente algum comprometimento, seu valor maior é o que tem para contar, indicando uma aproximação, por decorrência, a uma estética do vídeo amador, não em termos de articulação da informação, mas da qualidade das imagens e do sentido que a edição procura demonstrar.

Desse modo, nesse novo contexto, o que vem sendo observado diante da fala dos nossos entrevistados e com o posicionamento dos pesquisadores da área, são as novas dinâmicas e linguagens interativas e até inovadoras do telejornalismo, o que permitiu uma cobertura da pandemia expondo o profissional de comunicação minimamente aos riscos de contágio e impondo novas formas de produção.

As mudanças nas práticas produtivas jornalísticas desencadeiam dilemas para os profissionais da área que passam a lidar com as incertezas da profissão e, conseqüentemente, com os desafios ainda maiores do mercado que precisa se reinventar para permanecer ativo diante do fortalecimento da concorrência midiática.

Apesar das mudanças, os noticiários televisivos ainda exercem função dominante na produção de noticiosos audiovisuais. Os telejornais são o que Vizeu e Correia (2008) denominam uma espécie de “lugar de referência” para a maioria da população onde elas procuram se informar sobre o mundo que as cerca em sociedades cada vez mais complexas.

Becker (2016) explica que, apesar de maior participação das audiências, da hibridização de linguagens e da transmidialidade, boa parte dos conteúdos e formatos noticiosos audiovisuais disponibilizados na internet ainda sofre influências da televisão e do telejornalismo.

Para Siqueira (2018, p. 14), “ainda hoje, mesmo frente à concorrência com a internet e com os aplicativos para celular, a TV possui um espaço importante no auxílio da interpretação da realidade social e é um ambiente onde a imagem tem uma grande relevância”. E no contexto pandêmico percebemos mudanças ainda mais significativas para esta área no tocante a rotinas produtivas e no fazer jornalístico num todo, como citado por Piccinin e Bozzeto (2020, p.5): [...] nesse novo contexto, marcado pela demanda, pelo pavimento de informações, os jornalistas precisaram buscar movimentos rápidos de configuração e adaptação, em razão das regras de distanciamento social impostas para conter a propagação do vírus pelo país.

As adaptações iniciais no telejornalismo para exercer as atividades seguindo os protocolos de segurança sanitária para evitar a contaminação pelo coronavírus

levou os profissionais jornalistas a adotarem práticas até então não utilizadas, ou, em alguns casos utilizadas em ocasiões muito específicas.

Para o Editor TVCB 1, é preciso um equilíbrio delicado para lidar com essas alterações na forma de se fazer jornalismo e, no seu caso específico, e também para outros profissionais que estão há pelo menos vinte anos trabalhando em televisão, é difícil conviver com mudanças tão bruscas - principalmente na qualidade do que vai ao ar.

Figura 9: Telespectador concedendo entrevista de forma virtual



Fonte: Registro fotográfico feito da reportagem do JPB 1 disponível no Globoplay

Questionado sobre as adaptações necessárias em seu trabalho durante a pandemia, o Editor TVCB 2, que também passou a produzir, fala sobre a qualidade dos conteúdos recebidos pelo público:

Percebi que a qualidade dos produtos que a gente oferecia na televisão eram muito de vídeos de celular. Na maior parte das vezes os vídeos que nos mandavam não tinham o áudio bom, a qualidade e o enquadramento também não eram dos melhores. Mas, a nossa prioridade, devido à urgência da situação, era dar a informação. Em alguns casos a pessoa não mandava o vídeo dentro do tempo necessário, por não entender o deadline jornalístico, e acabávamos tendo que derrubar a pauta (Editor TVCB 2, 2022).

Ainda sobre essas adaptações, todos os entrevistados foram unânimes em suas respostas ao relatar sobrecarga em suas jornadas de trabalho durante a pandemia e diante das tensões da crise sanitária existente. Na opinião do Editor TVCB 1, a pandemia acelerou o processo de precarização das rotinas de trabalho em todos

os setores, fazendo com que o editor de texto tivesse mais espaço nas redações, a partir do momento que passa a dominar as ferramentas de edição.

Araújo (2018, p.1), fala que antes, por exemplo, “no jornalismo de televisão, era necessária uma equipe com pelo menos três profissionais em externa para se produzir uma reportagem: o repórter, o cinegrafista e o auxiliar”, e traz para a discussão a figura do videorepórter ao dizer que “hoje (na verdade, no Brasil, desde 1987), um único profissional é capaz de levar a informação verbal e imagética para o público, sobretudo nos ambientes digitais”.

‘Repórter-abelha’, foi assim que, inicialmente, os profissionais da videoreportagem ficaram conhecidos, fazendo um comparativo com a agilidade do inseto. Thomaz (2007, p.3), fala que “a videoreportagem introduziu um novo modo de produção no telejornalismo: um único profissional assume diversas funções como pauteiro, repórter, repórter cinematográfico e editor”. Ou seja, o conceito de videoreportagem está associado às práticas de captação e gravação de imagem jornalística serem feitas pelo próprio repórter, no local onde um fato ocorreu.

Dentro desse contexto, pode-se dizer que o uso do videorepórter foi a solução necessária que algumas emissoras encontraram para reduzir custos e agilizar o processo, aproveitando os avanços da tecnologia, com equipamentos cada vez mais leves e com mais recursos.

Patrícia Thomaz (2007, p. 92-94) observa que a videoreportagem se desenvolveu em empresas com poucos recursos tecnológicos como uma proposta de redução de custos para tornar a execução dos produtos audiovisuais economicamente mais viáveis.

É possível que durante a primeira década de experiências com a videoreportagem ela não tenha se popularizado tanto nas TVs quanto hoje por causa do temor de demissões de profissionais nas emissoras, visto que uma pessoa poderia executar o trabalho de pelo menos três ou quatro (repórter, cinegrafista, produtor e editor) (THOMAZ, 2006, p.6).

Já Araújo (2018, p.4) fala que esse perfil trata-se é do profissional jornalista que trabalha sozinho em campo, utilizando uma câmera de vídeo para fazer as próprias imagens e produzir o conteúdo telejornalístico, e acrescenta: “Embora inicialmente tenha aparecido no meio televisivo, com os avanços tecnológicos e o desenvolvimento da Internet, esse profissional pode ser apresentado hoje como a forma mais eficiente de criar conteúdo multimídia”.

Na visão do Editor TVCB 1, a tendência é que as equipes sejam reduzidas com o passar do tempo e os profissionais contratados precisem ser multitarefas sabendo captar imagens, editar e entregar os conteúdos prontos.

Ainda conforme Lelo (2019, p. 100), “O discurso da crise no modelo de negócios historicamente adotado pelo jornalismo, também parece ser lugar comum enquanto justificativa oficial para demissões em empresas de comunicação.

Em tempos tão delicados como os vivenciados com a pandemia de covid-19, fica ainda mais notória a necessidade de informação séria e de qualidade que preste serviço à população. Em um cenário onde, além dos empregos dos jornalistas estarem em risco devido à crise econômica instaurada, suas próprias vidas encontram-se ameaçadas, o que torna a situação do ambiente de trabalho ainda mais tensa e sujeita a desvios éticos diante dos impasses relatados.

Mesmo com o advento da tecnologia e com os avanços e novidades que surgem quase que diariamente, o telejornalismo segue imponente e se mostrando cada vez mais necessário. Pesquisadores da área demonstram que os noticiários televisivos continuam desempenhando papel dominante na produção e no consumo de conteúdos e formatos noticiosos audiovisuais na contemporaneidade.

Diante do que foi exposto até aqui, os entrevistados acreditam que muitas das adaptações feitas em caráter de urgência no período mais crítico da pandemia de Covid-19 seguirão sendo postas em prática no dia a dia de trabalho nas emissoras de TV. “Agora, o repórter não precisa ir a todos os lugares. Ele pode pedir a um entrevistado para mandar uma fala por celular. Isso agiliza o processo e o deixa mais completo, com mais conteúdo exibido”, reflete o Editor TVCB 3.

Figura 10: Gráfico exibido no JPB1 no dia 6 de março de 2021



Fonte: Registro fotográfico feito da reportagem do JPB2 disponível no Globoplay

Outro ponto observado nos telejornais locais foi o aumento considerável de grafismos em tela cheia para ilustrar os dados divulgados sobre a pandemia: número de casos confirmados, óbitos, leitos em hospitais, vacinação, entre outros. Mecanismo, que antes da pandemia era utilizado apenas em casos específicos, tornou-se corriqueiro nos telejornais das emissoras analisadas.

6.1.5 Fake News e dilemas éticos

Os novos fatos que surgem durante todo o tempo, a necessidade de atualizações de informações e a cobrança dos telespectadores por novidades referentes à doença exigiu uma apuração ainda mais veloz e cuidadosa, tarefa que nem sempre é fácil diante dos impasses aqui já expostos. São diários os inúmeros dilemas enfrentados pelos jornalistas na prática da profissão, isso tanto no viés ético, bem como no que se refere a audiência.

Quando o assunto é a falta de ética no tratamento das informações, a televisão é o meio de comunicação que mais sofre com as críticas. Por ser um veículo de resposta imediata, visto que a direção de um programa sabe o que está acontecendo nos outros canais e quais são os índices de audiência da concorrência no momento em que a atração é transmitida, segundo Santino (2008), “muitas vezes a qualidade da programação é deixada de lado em favor de uma maior aceitação do público”.

A informação deve ser rápida, baseada em fontes que mereçam credibilidade e não incompleta e deficiente, firmada em conceitos duvidosos, distorcidos,

mal interpretada ou usando os seus veículos como meio de persuadir, pressionar ou dominar o povo, tornando-se um instrumento de poder. Porque ela é responsável pela formação da opinião pública que influencia profundamente a todos (CARLINE, 2009, p. 33).

Para Vizeu (2002), “toda a comunicação precisa estar à lei fundamental da sinceridade, da honradez e da verdade, mas, para isso não basta só a boa intenção e a verdade para a comunicação ser honesta”. O autor destaca clareza, concisão, simplicidade, ritmo e brevidade, em contraponto da apresentação parcial da verdade, sensacionalismo, silêncio e engano.

Ainda segundo Vizeu (2009), “há uma relação de confiança, um contrato fiduciário regido por um comportamento responsável do jornalista, gerador de credibilidade e propulsor de audiência”. Outros estudiosos relacionam a ética com a justiça, onde as duas são mediadoras das relações entre as pessoas.

Karam (2014), lembra que “o direito à informação não pode estar apenas submetido aos interesses mercadológicos, políticos ou individuais, mas à pluralidade e diversidade de vozes, fontes, de propriedades dos meios”. O trabalho do profissional jornalista, “tem como causa a verdade, a liberdade e o respeito pela pessoa humana, questões que preparam o campo da ética e da justiça”.

É preciso observar cuidadosamente algumas questões no Brasil: Abordagens superficiais, enquadramentos suspeitos, falta de pluralidade, de investigação, de transparência, de ampliação de exemplos. Se há limite na ética profissional, são limites que devem ser removidos e não a ética. As pessoas que devem começar a desconfiar de suas próprias percepções (ALSINA; SILVA, 2018).

Cornu (1998), fala que “a ética é responsável pela parte que orienta, disciplina, motiva e distorce as ações do homem, a ética é fundamental em várias profissões, como o jornalismo. O jornalismo é uma profissão aberta, que não necessita de formação específica e diploma”.

Aqui, alguns pontos do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, criado em 1949 com o intuito de servir como base para todos os profissionais da área, precisam ser destacados. No Art. 2º do seu primeiro capítulo fica especificado que: “I - a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica - se pública, estatal ou privada - e da linha política de seus proprietários e/ou diretores”; e que “II - a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público”.

No Art. 4º consta que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”.

Como explicitado até aqui, são grandes os desafios éticos dos jornalistas. A rotina inerente à profissão, por si só, já leva os profissionais a diariamente exercerem suas funções pressionados por diversos aspectos, e tal questão é enfatizada em um contexto pandêmico onde a desinformação também surge como um grande problema tanto para os comunicadores quanto para o público.

Com redações cada vez mais enxutas - um dos reflexos da crise financeira e de credibilidade enfrentada pelo jornalismo nos últimos anos - a preocupação com a velocidade em produzir e divulgar conteúdo devido a concorrência com os meios online e a pressão do próprio público pode refletir em uma apuração menos aprofundada em função do curto espaço de tempo entre uma pauta e outra, o que pode abrir margem para possíveis equívocos na hora de noticiar.

O fenômeno das chamadas *fake news*, definido por Jorge (2017) como um neologismo que se popularizou por caracterizar o conteúdo propositadamente enganoso, que se apropria do formato e da linguagem do gênero notícia para influenciar a opinião das pessoas, não é atual, ele já acompanha nossa sociedade há algum tempo. O pesquisador Darnton (2017) aponta que a trajetória das notícias falsas teve início ainda no século XVI e XVII quando os jornais *Pasquins* e *Canards* eram utilizados para difundir boatos e histórias falsas sobre importantes figuras políticas da época.

Os impactos trazidos pela pandemia de covid-19 enfatizaram muitas fragilidades já existentes no campo da comunicação e criaram novas fragilidades em uma conjuntura onde o telejornalismo se firma como um meio confiável de transmissão de notícias e vê uma audiência ainda mais envolvida na produção dos conteúdos.

Para Machado (2000), “o telejornalismo reconquistou a centralidade na atualidade, mostrando que a atividade jornalística permanece mais essencial do que nunca, valorizando ainda mais o ethos profissional em tempos de pandemia”.

Questionados sobre os dilemas éticos vivenciados na prática jornalística na cobertura da pandemia, os nossos entrevistados enfatizam a preocupação com o elevado número de notícias falsas sobre o tema e o impasse sobre a urgência em informar.

É dever da profissão, o processo minucioso de apuração e checagem de um fato, sendo depositada ao jornalista a responsabilidade de interferir diretamente na construção da realidade, podendo, a partir de seus atos e da maneira como faz seu enunciado, afetar milhares de pessoas.

A missão do profissional da notícia é levar informação ao cidadão, a fim de esclarecê-lo sobre os acontecimentos, dar-lhe instrumentos para que torne-se crítico frente ao sistema, e construa suas opiniões e convicções com base na realidade e não na imagem deturpada dos fatos. Em outras palavras, deve o jornalista apontar a direção que se deve olhar, mas jamais dizer o que deve ser visto (SILVA; SARRETA, 2014, p.1).

O Editor TVCB 3, disse que o respeito às famílias enlutadas foi necessário e também foi importante orientar a todos sobre as ações que deveriam ser tomadas para evitar o avanço da Covid, sempre de acordo com autoridades de saúde respeitadas e com credibilidade.

Com informações corretas, embasadas na Ciência, pudemos evitar que mais pessoas ficassem contaminadas. O jornalismo cumpriu o seu papel social de ajudar a população a se proteger e, depois, com a chegada das vacinas, a se imunizar, e garantir ainda mais proteção (EDITOR TVCB 3, 2022).

O Editor TVCB 1, se refere às notícias falsas como um “monstro na sala”:

“Como tirar esse monstro daqui? Como podemos todos os dias lutarmos para apurar, checar, lidar com a informação e as fontes de maneira leal e respeitosa e as pessoas acreditarem em vídeos e informações grosseiramente montadas e disseminadas em grupos de WhatsApp? (EDITOR TVCB 1, 2022).

Na avaliação do Editor TVCB 2, a questão ética foi muito preservada quando se trata do trabalho dos jornalistas na apuração das informações, mas segundo o seu relato, faltou ética para com os jornalistas na questão política e dos seguidores do atual governo (fazendo referência ao governo do presidente Jair Bolsonaro). Muitos jornalistas foram agredidos, tivemos a nossa ética ferida. A nossa proteção eu acredito que só ficou em discurso e essas pessoas não foram punidas”. (EDITOR TVCB 2, 2022).

O medo gerado pelo novo e o incerto, e o grande volume de dúvidas sobre a doença levou as pessoas a uma ávida busca por notícias em todos os formatos e plataformas. Outro fato que tornou o contexto pandêmico ainda mais preocupante foi a criticável polarização ideológica do noticiário. O tema ocupou lugar de destaque na pauta de grandes veículos globais atentos ao seu papel de colaborar com as autoridades e entidades de saúde.

A cobertura da pandemia também foi um espaço para que tal classe fosse alvo de ameaças e agressões em meio a uma rotina de trabalho exaustiva. Parte considerável desses ataques partiu do presidente Jair Bolsonaro (PL), e de seus apoiadores. Segundo a Fenaj¹⁸, o ano de 2020 foi o mais violento para os jornalistas brasileiros, desde o início da série histórica dos registros dos ataques à liberdade de imprensa feitos pelo órgão no começo da década de 1990. Foram 428 casos de violência, 105,77% a mais que o já alarmante número de 208 ocorrências, registradas em 2019.

No dia 21 de junho de 2021, quando o Brasil já ultrapassava mais de 500 mil mortes pela Covid-19, o presidente Jair Bolsonaro reagiu com agressividade a perguntas feitas a ele pela repórter Laurene Santos da Rede Vanguarda, afiliada da TV Globo no Vale do Paraíba (SP) e região. Ele foi questionado por que não usava máscara quando chegou para cumprir agenda em Guaratinguetá (SP), e, aparentemente nervoso, mandou a jornalista "calar a boca".¹⁹

Vocês são uns canalhas! Vocês fazem um jornalismo canalha! Canalhas que não ajudam em nada, vocês não ajudam em nada. Vocês destroem a família brasileira, destroem a religião brasileira. Vocês não prestam! A Rede Globo não presta! É um péssimo órgão de informação. (...) Você [Laurene] tinha que ter vergonha na cara em se prestar a um serviço porco que é esse que você faz na Rede Globo (BOLSONARO, 2021).

Em 20 de março de 2020, manifestantes confundiram a CNN com a Globo e chamavam os repórteres de "Globo Lixo". Em 19 de Abril, manifestantes interromperam a entrada ao vivo da jornalista da CNN em Brasília, Rudá Moreira, em frente ao quartel General do Exército. Em 17 de Maio, a repórter Clarissa Oliveira foi atacada por um manifestante com um mastro de bandeira enquanto fazia a entrada ao vivo na Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

Neste mesmo período do ano, jornalistas que cobrem Política em Brasília, sempre iam para a frente do Palácio da Alvorada onde o Presidente Jair Bolsonaro saia do carro e dava declarações ao responder diversas perguntas que os jornalistas faziam. No documentário "*Cercados*"²⁰, disponível no Globoplay, na plataforma de streaming, mostra que lá ficavam de um lado os jornalistas e do outro, apoiadores.

¹⁸ In: <https://fenaj.org.br/violencia-contra-jornalistas-cresce-10577-em-2020-com-jair-bolsonaro-liderando-ataques/>. Acesso em 08. nov. 2022.

¹⁹ In: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/06/21/bolsonaro-se-irrita-com-pergunta-sobre-mascara-e-ataca-globo-canalhas.htm>

²⁰ Filme de 2020 disponível na plataforma Globoplay que oferece ao espectador um ângulo inédito para as cenas que marcaram a cobertura do coronavírus. Com direção de Caio Cavechini, o documentário foi gravado no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Manaus e Fortaleza.

Depois de respostas agressivas de Bolsonaro como do tipo: “Cala a boca, deixa eu falar”, apoiadores sempre apoiavam os xingamentos em direção aos jornalistas diminuindo o trabalho da categoria.

Veículos de Imprensa como o Grupo Folha e Grupo Globo retiraram os jornalistas das coberturas diárias no “cercadinho” por causa das constantes agressões que chegaram a citar que o “vírus era uma invenção para derrubar o Governo”; “Jornalistas vão morrer de fome porque não trabalham com a verdade”, entre outras frases que o documentário “*Cercados*” mostra como acontecia.

Sobre o trabalho desenvolvido durante a pandemia e o conteúdo levado ao ar, o Editor TVCB 1 reforça que tudo foi feito de uma maneira muito responsável, pensando no efeito que essa informação teria ao chegar nas casas das pessoas e enfatiza que em toda a história da comunicação sempre houve conteúdo de qualidade e conteúdo sem compromisso com a audiência e sempre haverão aqueles que sabem diferenciar e escolher o que querem receber e partilhar. “O telejornalismo tem ainda mais relevância para as pessoas que procuram informação produzida de maneira profissional” (EDITOR TVCB 1, 2022).

Para o Editor TVCB 2, o trabalho telejornalístico feito no período pandêmico foi essencial, onde os telejornais ficaram ainda mais informativos, dando prioridade para os materiais quentes e durante todo o tempo contribuindo com informações que fossem beneficiar o público. Além disso, o respondente acredita que a pandemia contribuiu com o fortalecimento da audiência dos telejornais locais pelo fato da população querer saber dos acontecimentos mais próximos, uma vez que, toda sociedade estava sendo impactada de uma forma ou de outra.

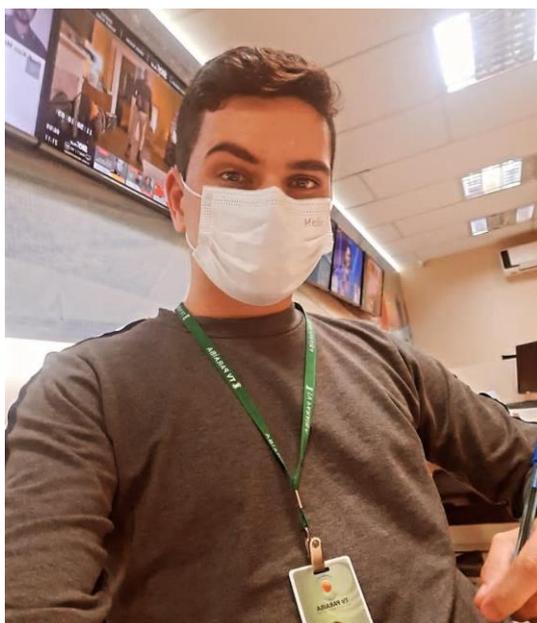
6.2 A rotina no contexto pandêmico da TV Paraíba

A TV Paraíba, é a afiliada da Rede Globo localizada em Campina Grande e responsável por transmitir sua programação para este e outros 156 municípios do estado que contemplam as mesorregiões do agreste, borborema e sertão. No ano de 2019, a TV Paraíba passou por mudanças estruturais culminando em um corte no seu quadro de funcionários, fato que afetou a produção dos telejornais locais, assim suspendendo as edições locais do JPB1 e Globo Esporte, uma vez que o Bom Dia Paraíba já era apresentado diretamente da capital paraibana. Após isso, o único telejornal com versão produzida especificamente para Campina Grande e região foi o JPB2 com apresentação do jornalista Carlos Siqueira.

Além do JPB2, a programação da TV Paraíba exibe em rede estadual os seguintes programas: Bom Dia Paraíba, JPB1, Globo Esporte e o Paraíba Comunidade. No entanto, a emissora campinense conta com equipes que produzem conteúdos para os demais programas que são exibidos em rede estadual.

A fase exploratória desta pesquisa foi feita entre os dias 02 de setembro e 13 de outubro de 2021, quando foi realizada a observação participante dentro da redação da TV Paraíba, sendo possível acompanhar o dia a dia da redação em um período onde as rotinas produtivas jornalísticas ainda seguiam as adaptações laborais necessárias para evitar a contaminação pelo coronavírus e as orientações das autoridades em saúde.

Figura 11: Registro feito no período da imersão na redação da TV Paraíba



Fonte: Registro feito pelo autor

Do cenário laboral jornalístico testemunhado, aqui podemos destacar alguns pontos das alterações vigentes neste período de observação que mais me chamaram a atenção - lembrando que no referido espaço de tempo a imunização contra o coronavírus já estava sendo realizada no Brasil e, conseqüentemente, algumas das restrições recomendadas pelos órgãos sanitários já estavam sendo flexibilizadas.

Uso de máscara de proteção por toda a equipe da emissora - dentro e fora da redação; um significativo número de ligações e mensagens via WhatsApp vindas dos telespectadores que além de sugerir pautas, buscavam por informações a respeito da vacinação no município; e um contato mais próximo e constante com a assessoria de comunicação da Secretaria Municipal de Saúde foram alguns dos pontos observados/vivenciados que merecem destaque.

6.2.1 Tensões e rotinas no contexto pandêmico

O primeiro caso de Covid-19 em Campina Grande foi confirmado no dia 27 de março de 2020 e, assim como na TV Cabo Branco, o fato fez com que as rotinas da emissora sofressem adaptações para lidar com a situação sem precedentes na história recente do jornalismo.

O Editor TVPB 3 relata que um dos marcos do início da pandemia foi a paralisação da produção de alguns conteúdos dos telejornais. “De um dia para o outro a gente deixou de produzir matérias de comunidade, Paraíba Rural, matérias culinárias, e é um baque muito grande porque você tenta acompanhar as notícias e não consegue”.

Tal sentimento também foi compartilhado pelo Editor TVCB 3 ao relatar que ninguém queria ficar doente e muito menos contaminar parentes e colegas de trabalho, porém, o que amenizava a sua apreensão foi o fato do afastamento imediato dos profissionais da emissora no caso de apresentação de alguns dos sintomas da doença.

Acredito que o primeiro impacto, se não um dos primeiros, foi a impossibilidade de marcar entrevistas presenciais. Com a necessidade do distanciamento, ficou praticamente impossível ir à casa dos entrevistados, já que ir também aos locais de trabalho não era possível por causa do fechamento geral do comércio e das instituições, para evitar o avanço da doença. No caso, como fazemos telejornais, precisamos de imagens e de entrevistas (EDITOR TVCB 3, 2022).

O período inicial da pandemia também foi marcado por muitas incertezas e questionamentos sobre a forma de se proceder em um contexto de inúmeras limitações impostas, como relatado pelo Editor TVPB 1. “Como a gente vai produzir telejornalismo, se a gente não tem como ir pra rua ter acesso ao personagem e ao fato em si? Como é que a gente vai produzir?”

O Editor TVPB 3 relata que a recomendação recebida pela Rede Globo foi que o repórter fizesse todos os ao vivos dentro do prédio da emissora e sem a presença

do entrevistado, o que, inicialmente, gerou uma inquietação por se tratar, no caso específico desse editor, de um telejornal de duas horas de duração. Com o aumento dos casos, os telejornais da emissora tiveram sua duração estendida. “O Bom Dia Paraíba passou a ter meia hora a mais, e o JPB1, que antes se encerrava às 11h45, foi estendido até às 13h30”.

Ainda para o Editor TVPB 3, um dos maiores impactos foi na produção por toda a limitação imposta e pelo elevado número de informações que eram atualizadas rapidamente. Para ele, o fato da estrutura da emissora ser pequena dificultou muito o acompanhamento das notícias que surgiam durante todo o tempo, o que levava a conflitos dentro da equipe na busca por solucionar essas questões.

O mesmo respondente também chama a atenção para a importância do programa telejornalístico Combate ao Coronavírus produzido pela Rede Globo e apresentado pelo jornalista Márcio Gomes entre os dias 17 de março e 22 de maio de 2020, idealizado com o objetivo de trazer atualizações sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo. Para ele, o informativo da Globo foi uma fonte para que a equipe local pudesse ter acesso a informações sérias e em tempo hábil, para, a partir disso, ter mais segurança para desenvolverem os conteúdos telejornalísticos locais.

6.2.2 Os desafios do *home office*

Sobre os desafios do trabalho *home office*, o Editor TVPB 1, explica que, por se tratar de uma redação convergente, os jornalistas dos portais de notícias, por exemplo, puderam realizar suas funções diretamente de casa. No caso da equipe dos telejornais, a grande maioria permaneceu com as atividades presenciais por não terem comorbidades e quem estava trabalhando de casa fazia uso de alguns equipamentos pessoais e outros da empresa para desenvolver as atividades necessárias e levar os conteúdos ao ar.

Sobre essa alteração laboral, o Editor TVPB 2 diz que os repórteres que estavam trabalhando de casa passaram também a exercer a função de produtores, pautando as próprias reportagens e, por vezes, enviando os conteúdos gravados já pré-editados. Outro ponto que merece destaque nesta fala, é o relato da dificuldade, em algumas situações, do envio de arquivos devido à instabilidade da conexão de internet.

Figura 12: Repórter da TV Paraíba em *home office*



Fonte: Redes sociais

O acúmulo de funções, a fusão e até a supressão de algumas etapas no processo de produção jornalística, por constituírem “retrabalho”, ocorrem visando a uma maior produtividade, o que é coerente com a lógica capitalista de acumulação. Tal conjuntura é apresentada por Sennett (2009, p.56) como *reengenharia*, pois se constituem como técnicas específicas para reinventar instituições que buscam enfrentar momentos de crise. O autor explica que:

Os autores, Michael Hammer e James Champy, defendem a reengenharia organizacional da acusação de ser uma mera cobertura para a demissão de pessoas, afirmando que "reduzir e reestruturar significam apenas fazer menos com menos. Reengenharia, em contraste, significa fazer mais com menos. Essa declaração sugere eficiência— a própria palavra "reengenharia" invoca uma operação mais compacta, conseguida graças a um decisivo rompimento com o passado. Mas a sugestão de eficiência é enganadora. A mudança irreversível se dá precisamente porque a reengenharia pode ser um processo altamente caótico (SENNETT, 2009, p.56).

Quando questionado sobre esse tema específico, o Editor TVPB 3, foi incisivo ao dizer que “para a nossa rotina produtiva foi muito ruim. Pode-se dizer que é o futuro, mas é muito ruim fazer jornal com pessoas em *home office*. As coisas não andavam direito” (EDITOR TVPB 3, 2022).

É muito mais fácil ter um repórter na empresa que pode ir pra qualquer lugar de carro do que ter um repórter em casa esperando vídeos de entrevistados para fechar um VT. Muitas pessoas desacostumadas a fazer vídeos com celular e em alguns casos não conseguimos entregar o material. O jornalismo de TV não tem condições no atual formato de ficar em *home office*. A assessoria manda o material de boa qualidade, imagens de apoio, mas não manda o jornalismo, que é o questionamento. Então eu acho que o *home office* não é o futuro porque dificulta a prática do jornalismo que é questionar, apurar... Se a gente ficar dependendo das pessoas mandarem o que elas quiserem, a gente não vai conseguir fazer as coisas direito. EDITOR TVPB 3, 2022).

6.2.3 Audiência reconfigurada

O Editor TVPB 1 revela que, em seu ponto de vista, o jornalismo nunca foi tão estruturado e produzido pelo telespectador como nessa pandemia e, além disso, chama a atenção para o grande volume de conteúdos feitos por produção interna, sem ser necessário que o repórter e o entrevistado saiam de casa, destacando o número pequeno de matérias feitas externamente exibidas nos telejornais nesse período. “O jornalismo colaborativo foi essencial para o nosso trabalho, senão não tinha existido jornalismo e principalmente telejornalismo, já que a nossa equipe não podia ir para a rua”. (EDITOR TVPB 1, 2020). E completa:

O número de notícias factuais era tão grande, que os nossos telejornais praticamente não exibiam conteúdos frios. E se tinha algum factual e nossa equipe não podia ir até o local, a gente recebia vídeos e fotos de moradores do local do acontecimento e depois disso a gente checava o fato e introduzia na reportagem (Editor TVPB 1, 2022).

A constatação também é feita pelo Editor TVPB 2 ao dizer que “a colaboração já existia, as pessoas mandavam suas sugestões por WhatsApp, por ligação, mas com a pandemia esse contato acabou sendo totalmente através de dispositivos móveis”.

Ainda para o Editor TVPB 2, a pandemia veio antecipar aquilo que já estava para acontecer no futuro (referindo-se a dependência do celular). Além disso, apontou que os jornalistas que não tinham tanta familiaridade com os dispositivos móveis tiveram bem mais dificuldade para fazerem gravações e edições com o celular, em contrapartida, os profissionais que já dominavam essa prática se adaptaram sem mais transtornos. Aqui trazemos o conceito de ‘jornalismo móvel’ para contextualizar a força do celular (*smartphone*) na rotina do trabalho jornalístico.

O jornalismo móvel não é característica própria dos tempos contemporâneos porque a relação jornalismo e mobilidade ocorre desde a própria existência do jornalismo como prática de coleta e transmissão de informação. Entretanto, a configuração atual, movida pela estrutura móvel de comunicação, torna-o distinto, rompe com uma estrutura tradicional porque pela primeira vez permite a emissão de conteúdo em mobilidade, a partir de um dispositivo móvel, portátil e com conexão online (SILVA, 2009, p.3).

Alguns dos nossos entrevistados citaram em suas respostas o fato das emissoras estudadas nesta pesquisa terem aumentado consideravelmente a audiência durante a pandemia por as pessoas estarem em casa e ansiosas por novas informações o tempo todo.

O Editor TVPB 3 reforça este acontecimento ao dizer que até 2019, o JPB1 (Praça 1) em Campina Grande estava perdendo na audiência para a concorrência e durante a pandemia, segundo ele, “o sentimento é que a gente virava o canal oficial de comunicação do povo e em 2021 voltamos a vencer no Ibope’.

Não que seja tão importante, mas isso é um recado da audiência que ela necessita de informações sobre a pandemia e a gente focou muito na pandemia porque a gente entendia a necessidade. A gente virou o socorro de muita gente. Eu conheci pessoas por telefone por causa da pandemia. Tem coisa que a gente vive na redação mas que não vai pro ar, a gente viveu coisas na redação que só quem sabe é quem vive. Ficou muito forte essa relação com a audiência. As autoridades também falam como audiência. O prefeito (na época Romero Rodrigues) entrava em contato com a redação antes de divulgar o decreto para saber se daria tempo de ser divulgado no jornal (EDITOR TVPB 3, 2022).

Souza (2018, p. 56), fala que “com a ascensão dos prosumidores (usuários consumidores e criadores de conteúdos) há um questionamento cada vez maior do papel dos jornalistas na elaboração de narrativas noticiosas”. Segundo o autor, “essa crise de identidade soma-se a uma constante e gradual perda de credibilidade das mídias convencionais que, por assumir uma lógica mercantil acelerada, tem proporcionado o esvaziamento de seu poder investigativo”.

6.2.4 Adaptações e sobrecarga

O Editor TVPB 2, relata que “a gente passou a assumir uma carga de trabalho muito maior. Tinham poucas pessoas presencialmente na redação, então a gente tinha que fazer mais coisas”.

Porém, o entrevistado faz uma ressalva ao dizer que, antes mesmo da pandemia começar, as empresas já estavam vivenciando um período de crise levando ao enxugamento de profissionais nas redações o que proporcionou o fortalecimento dos jornalistas multimídias.

Minha jornada de trabalho é de 6 horas, mas termino meu expediente e continuo recebendo mensagens no meu celular com sugestões de pauta. E não foi só uma questão de pandemia, mas a questão do uso da tecnologia. A pandemia deu uma ‘apimentada’ em um processo que a gente já vinha presenciando. A crise já existia. Muitas empresas já vinham reduzindo o número de profissionais nas redações e a pandemia foi a cereja do bolo. Cada vez mais as empresas vão estar buscando por profissionais multiplataformas. É uma coisa mais ligada à transformação tecnológica que foi impulsionada pela pandemia. Aqui (na TV Paraíba) já temos a primeira videorepórter, por exemplo (EDITOR TVPB 2, 2022).

Figura 13: Equipamentos usados na videoreportagem da TV Paraíba



Fonte: TV Paraíba

O EDITOR TVPB 1, fala sobre essa condição já existente na emissora:

O repórter sozinho, vai no seu carro, ou de Uber, leva um tripé, um celular, nem câmera mais, posiciona o equipamento, vai pra frente do celular e faz a participação. Aqui a gente tem uma videorepórter. Tá sem equipe, o videorepórter vai. Se isso é uma realidade agora imagina futuramente. Em várias empresas já houveram várias demissões, motoristas, auxiliares, cinegrafistas. Hoje em dia a equipe externa é o cinegrafista e o repórter, e ainda veio essa função do videorepórter, que não precisa da função do cinegrafista. O que inevitavelmente vai enxugar a área profissional, vai haver muita substituição, vai enxugar muito as equipes, as redações, a ponto de não ter tanta oportunidade de emprego para área jornalística (EDITOR TVPB 1, 2022).

O Editor TVPB 2 concorda com o ponto de vista do Editor TVPB 1 ao dizer que acredita que o editor de imagem vai ter que ser obrigatoriamente um jornalista. “Ele mesmo vai editar, ele mesmo vai fazer tudo só, ou o editor de texto vai ser o editor de imagem também, acredito que o repórter não vai precisar mais de cinegrafista” (EDITOR TVPB 2, 2022).

Tudo vai se tornar ainda mais digitalizado, na verdade a nossa vida tem se tornado a cada dia mais digitalizada, a gente vive a desmaterialização das coisas, hoje em dia a gente não pega no dinheiro, por exemplo... Se a gente fala de jornalismo, aquelas câmeras enormes, ainda são usadas, mas vão se tornar mais compactas, e quem sabe será apenas o celular. A ideia do repórter que produz, grava, edita, essa tendência vai se tornar ainda mais forte. Aquele profissional que está atento a essas mudanças e tem se adaptado ele vai conseguir se sobressair, e aqueles que são muito restritos eles vão ou perder o emprego ou ficar de fora dessa transformação. E não vejo isso como algo tão futuro, é algo que já está acontecendo e a gente vai

presenciar até o surgimento de possibilidades de jornalistas terem os seus próprios canais, os seus próprios meios de comunicação, só com o celular, com sua câmera (Editor TVPB 2, 2022).

O Editor TVPB 1, conta que antes não imaginava ter um VT completo com imagens feitas pelo telespectador que muitas vezes estava do outro lado do mundo.

Por exemplo, um paraibano estava vivendo a pandemia nos Estados Unidos... ele mandava sonora gravada por ele, as imagens de apoio gravadas por ele, as imagens da rua e a gente estruturava, tínhamos um VT completo. O que a gente fazia aqui era checagem, o texto do repórter e a edição. A gente continua fazendo matérias totalmente produzidas pelo telespectador. Semana passada a gente fez duas matérias por Skype. Essa estrutura realmente vai continuar assim. E outra coisa também que a gente viu que dá pra se fazer é justamente esse trabalho com o telespectador produzindo pra gente de longe, de uma região longe (EDITOR TVPB 1, 2022).

Outra mudança identificada pelos profissionais do telejornalismo da TV Paraíba foi o uso constante de ferramentas de chamadas de vídeo para a realização de entrevistas, como diz o EDITOR TVPB 3, “o jornal começou a fazer entrevistas via Skype que, em alguns casos, duravam até 20 minutos”.

As experiências proporcionadas pela pandemia foram responsáveis por trazer inúmeros questionamentos para os jornalistas. No caso do Editor TVPB 1, uma das indagações é “até que ponto é necessário a presença de uma equipe correspondente do outro lado do estado?”

Claro que às vezes a gente sabe que se nossa equipe tivesse no local seria totalmente diferente, mas assim, pra fazer uma coisa interessante, e com uma visão de editoria, eu acho que despertou muito na gente esse alerta do que de fato é importante para o telespectador... é a estética, é a imagem ou é o conteúdo?(EDITOR TVPB 1, 2022).

Figura 14: Conteúdo enviado por telespectador exibido no formato vertical



Fonte: Registro fotográfico feito da reportagem do JPB2 disponível no Globoplay

“Por que um vídeo na vertical não vai ser interessante para o telespectador?”. O questionamento do respondente é referente a estética utilizada nos telejornais da Rede Globo que, antes da pandemia, prezava por vídeos exibidos na horizontal (celular deitado). No entanto, com a pandemia, na dependência dos conteúdos enviados pelo público e na urgência de compartilhar as informações em tempo hábil, muitos dos vídeos tinham que ser exibidos no formato vertical (celular em pé).

Não imaginávamos uma estética da Globo com um vídeo na vertical e duas bordas de lado. Hoje em dia é a coisa mais normal do mundo. Analisa-se o conteúdo e esquece a estética. Algumas coisas são importantes, mas não são essenciais (EDITOR TVPB 1, 2022).

O Editor TVPB 2, compactua com os relatos anteriores ao dizer que esses recursos tornaram-se permanentes e que a pandemia serviu para mostrar que é possível expandir a produção de conteúdo com uso de celular. Ele lembrou que há alguns anos foi feita na emissora uma reportagem especial toda feita com celular e gerou até um estranhamento por parte dos cinegrafistas, pois não era uma prática habitual na emissora.

6.2.5 Fake news e dilemas éticos

Os entrevistados da TV Paraíba compartilham das mesmas experiências vivenciadas pelos editores da TV Cabo Branco, relatando enfrentarem momentos desafiadores com o grande número de notícias falsas que precisam ser desmentidas.

Além da questão das *fake news*, o Editor TVPB 1 chama a atenção para o cuidado que a equipe teve em avaliar bem as informações recebidas, onde, segundo ele, a divergência de dados sobre a pandemia era muito grande entre a Secretaria Municipal de Saúde de Campina Grande e a Secretaria de Estado da Saúde. “E mais uma vez a gente colocava toda essa situação na balança. Mas a maior preocupação foi com a veracidade da informação... que fonte a gente tinha que recorrer?” Neste caso específico, a equipe da emissora decidiu levar ao ar os dados divulgados pela Secretaria de Estado da Saúde, alegando que o órgão fazia a triagem e a divulgação dos casos de forma mais completa.

Em contrapartida ao que foi exposto até aqui no que se refere a desinformação e a importância do jornalismo na pandemia, o EDITOR TVPB 3 relata a sua satisfação ao levar até o público um jornalismo de qualidade ao dizer que “a sensação é de estar salvando vidas. Quando a gente faz um bom ao vivo ou uma reportagem a gente sabe que tentou salvar uma vida nesse dia”.

Eu sempre questionei na universidade o motivo dos nossos cursos não serem mais práticos. Hoje eu noto a necessidade de se ter a prática para ser um gestor de crise numa redação. Recebemos ligações de telespectadores agradecendo por pessoas terem decidido se vacinar após assistirem uma matéria no nosso telejornal. Então, de certa forma, salvamos uma vida. Enquanto a desinformação mata, o bom jornalismo salva vidas” (EDITOR TVPB 3, 2022).

Nas palavras do Editor TVPB 1, o telejornalismo trouxe muitos registros importantes para a conscientização da população na pandemia: hospitais lotados, filas longas de espera para atendimento médico, o caos na saúde, na educação e em diversos setores da sociedade.

O telejornalismo contribuiu muito com a sociedade nesse quesito, de mostrar a realidade pandêmica. Enquanto muitas pessoas queriam encobrir a realidade da pandemia, o telejornalismo estava lá para mostrar o que era verdade e o que não era, conversando com os personagens importantes dessa história, desde os médicos até os motoristas. A gente mostrou tudo: saúde, educação, economia... E agora com a redução dos casos, com essa fase mais amena da pandemia, a gente vem mostrando as coisas se ajustando após esse período caótico e as lições que esse momento proporcionou (Editor TVPB 1, 2022).

Enquanto isso, o Editor TVPB 2 considerou a cobertura telejornalística da pandemia de total importância na vida das pessoas para dar um norte em um momento de aflição em que muitas informações circulavam, então o trabalho desenvolvido nos telejornais serviam para confirmar o que de fato era verdade o que, segundo ele, levou ao aumento significativo da audiência.

Todos os entrevistados, como exposto nesta pesquisa, mostram-se unânimes em suas respostas, ao se referirem a pandemia como um período responsável por mudanças consideráveis na forma de se fazer telejornalismo.

6.3 Um olhar sobre as duas emissoras

Após o detalhamento das pistas sobre os impactos da pandemia de Covid-19 identificadas nas duas emissoras de TV afiliadas da Rede Globo na Paraíba, faremos agora uma análise dos pontos semelhantes e divergentes que foram reconhecidos em ambas.

Inicialmente, já é preciso reforçar que as duas emissoras seguem as orientações gerais da Rede Globo, no entanto, cada uma possui suas particularidades, sejam elas influenciadas pelos locais onde se encontram, corpo profissional, estrutura disponibilizada para a realização das atividades televisivas, etc.

A TV Paraíba de Campina Grande conta com uma estrutura reduzida se compararmos com a TV Cabo Branco de João Pessoa. Por exemplo, enquanto a emissora campinense possui apenas uma redação para a realização de todas as demandas jornalísticas, a emissora da capital possui uma redação específica para o jornalismo e outra para o esporte.

Conseqüentemente, a equipe de profissionais da TV Paraíba também é reduzida o que, segundo os nossos entrevistados, leva a uma sobrecarga de atividades com o acúmulo de funções. Durante a observação participante realizada para esta pesquisa, foi possível testemunhar, por exemplo, um único profissional tendo que realizar a edição de texto e a produção de matérias jornalísticas.

Ressaltamos que, apesar de ter apenas um telejornal produzido exclusivamente para Campina Grande e região (o JPB2), a equipe da afiliada da Globo no município também produz para os conteúdos que são exibidos em rede estadual.

Aqui é importante evidenciar que o programa Globo Esporte local foi suspenso de forma temporária no período da pandemia onde aconteceu a paralisação das práticas esportivas, por causa disso, as notícias sobre esportes foram encaixadas no bloco esportivo do JPB1.

Na TV Cabo Branco, um caso que merece destaque, foi o afastamento da apresentadora Denise Delmiro do estúdio onde é transmitido o Bom Dia Paraíba, seguindo as orientações das autoridades sanitárias, uma vez que a jornalista estava grávida e, por tanto, considerada pertencente ao grupo de risco. Como mostrado anteriormente, a apresentadora teve a sala da sua residência adaptada com os equipamentos necessários para que ela pudesse participar do telejornal diretamente de casa. Entre os dias 22 de setembro de 2020 e 24 de setembro de 2021, foi o jornalista Pedro Canísio quem fez a ancoragem do noticiário matutino.

Além da apresentadora, outros profissionais (como editores, produtores e repórteres) da TV Cabo Branco precisaram ser afastados das atividades presenciais, como o Editor TVCB 2 por ter uma doença imunossuprimida. Na TV Paraíba, apenas dois repórteres precisaram realizar suas atividades diretamente de casa, em um dos casos por motivo de gestação, e no outro por se tratar também de uma pessoa imunossuprimida.

Após o período mais crítico da pandemia, a TV Paraíba fez a contratação de um videorrepórter, profissional que passou a fazer sozinho todas as etapas da reportagem usando o celular. Mesmo que a emissora não tenha oficialmente

informado que essa decisão se deu pelos impactos pandêmicos, aqui fica nossa constatação sobre esse fato que também alterou a rotina da redação. Essa vaga não foi aberta na TV Cabo Branco, apesar dos nossos entrevistados relatarem que esporadicamente essa atividade seja realizada.

O aumento do uso de elementos como listas, gráficos e tabelas foi verificado em todos os telejornais das duas emissoras. A alternativa foi utilizada para facilitar o entendimento das informações sobre Covid-19 pela população que, por vezes, eram muito técnicas.

A grande dependência da contribuição dos telespectadores também foi constatada nas duas emissoras. A preocupação com o grande número de notícias falsas e os esforços e tempo extra dedicados à checagem dos acontecimentos é outro ponto em comum dos dois objetos.

Foi identificada também uma maior participação das mais variadas autoridades e especialistas participando dos telejornais através de chamadas de vídeo, uma vez que foram suspensas as participações de convidados presencialmente nos estúdios. O JPB2 da TV Paraíba geralmente não recebia convidados no estúdio, mas os telejornais Bom Dia Paraíba e JPB1 apresentados diretamente de João Pessoa tinham quadros diários com os entrevistados participando presencialmente, isso para o telespectador foi uma diferença notória.

De modo geral, apesar de trabalharem em conjunto, as duas emissoras apresentam suas particularidades diante dos contextos específicos que estão inseridas. A emissora de Campina Grande por ter uma estrutura física e de profissionais reduzida sentiu mais fortemente alguns impactos nas rotinas produtivas durante a pandemia diante da sobrecarga de informações, desinformação e dados que se atualizavam velozmente. Por outro lado, a emissora com sede em João Pessoa por possuir uma estrutura maior e também um número superior de profissionais, conseqüentemente, conseguiu se adaptar melhor em algumas situações por ter mais opções de jornalistas à disposição, em contrapartida se viu com mais jornalistas afastados das atividades presenciais.

Diante de tudo o que foi exposto até aqui, vimos que os desafios enfrentados pelas duas emissoras foram expressivos, mudando de forma considerável a forma de se fazer jornalismo, repensando práticas profissionais realizadas por anos e fazendo uso de técnicas antes não imaginadas que permaneceram mesmo após a passagem da fase mais crítica da pandemia. Tudo isso sendo vivenciado pelos jornalistas diante

de uma pressão ainda maior para transmitir a informação e o receio de ser a próxima vítima fatal do coronavírus.

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DO QUE FOI VIVIDO E DO QUE ESTÁ POR VIR

Ao longo da história o Jornalismo passou por muitas transformações. Porém no quadro da pandemia observamos que o telejornalismo assume um protagonismo na sociedade intervindo não só como um agente informativo, mas também como um “agente pedagógico” que contribuiu de uma forma relevante para a contextualização dos acontecimentos que envolveram e envolvem a pandemia. Nesse processo não só o Jornalismo, mas os jornalistas passaram por violências e agressões desde físicas até as *fake news* que invadiram o mundo da informação.

Com a pesquisa foi possível constatar que os jornalistas da TV Cabo Branco e da TV Paraíba vem lançando mão de novas práticas e de adaptações de antigas práticas diante de uma realidade de mudanças nas rotinas produtivas, novas funções das equipes, tensionamentos sobre divulgação das informações, diálogo com a sociedade e apuração de dados certificados e critérios de noticiabilidade durante a pandemia, onde os principais impactos foram sentidos mais na fase inicial da pandemia, onde foi necessária uma adaptação à situação.

De forma geral, as alterações aconteceram no que se refere às relações interpessoais dentro e fora das redações, bem como no manuseio dos equipamentos necessários para a realização das práticas jornalísticas.

Vimos que o profissional realizando seu trabalho, por vezes, totalmente de dentro da redação, levanta a possibilidade de diminuição de custos para as empresas como citado pelo Editor TVCB 3: “a possibilidade de se fazer uma entrevista online diminuiu esses custos. A ideia do profissional que tem que saber de tudo um pouco está ainda mais forte. Acredito na ênfase no profissional multifunções e no surgimento de novas profissões”. A prática tornou-se frequente, já está permanecendo no atual cenário de pandemia controlada e, pelo relato dos editores, deve permanecer mesmo

depois da pandemia, pelo fato de proporcionar mais rapidez ao serviço e ampliar fontes de informação e testemunhos.

Ademais, a rotina torna-se mais estressante a partir do momento que vivencia-se o misto de sentimentos voltados aos conteúdos que estão sendo noticiados e também no tocante a preocupação com a saúde dos próprios comunicadores e de seus familiares.

Tais observações podem sinalizar um futuro onde as distâncias serão ainda mais encurtadas, onde a participação do público ganhará ainda mais força e a concretização do telejornalismo como um lugar de referência (Vizeu, 2009) em informação séria e compromissada com o público.

Para Mesquita (2016), a inclusão da audiência no campo jornalístico através de participação com fotos, vídeos e/ou sugestões, tem alterado as rotinas produtivas e até o próprio jornalismo, desenvolvendo um novo processo de produção. O critério de noticiabilidade continua sendo do jornalista, porém, em contrapartida, ele recebe um número maior de informações e de novos olhares (captados por câmeras de celulares), que auxiliam na construção do telejornal.

Longe do que podia ser visto e testemunhado pelos telespectadores que ansiavam pelas atualizações sobre o coronavírus, estavam os jornalistas que enfrentaram um cenário inédito em suas carreiras, bem como na história recente da humanidade, precisando se adaptarem, sem prévio aviso, a uma realidade que colocou todo o profissionalismo a prova num contexto de reinvenção, inúmeras adaptações e incertezas sobre o futuro.

Apesar das contribuições da audiência no telejornalismo, a produção e a checagem da notícia continuam sendo funções fundamentais dos jornalistas que tornam-se ainda mais necessárias em uma pandemia marcada pela desinformação. Por isso, a prática profissional pautada pela ética e a qualidade do conteúdo seguem garantindo à televisão um lugar de credibilidade perante a sociedade.

Alguns outros pontos que também merecem destaque nessa reflexão referem-se à precarização do trabalho do jornalista, polaridade política, protagonismo no combate ao negacionismo, relevância do telejornalismo em relação aos demais meios sociais e credibilidade recuperada durante esse período singular da história da humanidade e concomitantemente da história do jornalismo.

Os impactos trazidos pela pandemia de covid-19 enfatizaram muitas fragilidades já existentes no campo da comunicação e criaram novas fragilidades em

uma conjuntura onde o telejornalismo se firma como um meio confiável de transmissão de notícias e vê uma audiência ainda mais envolvida na produção dos conteúdos.

Com a pesquisa, vimos que as equipes de telejornalismo analisadas passaram a adotar estratégias que não eram utilizadas antes da pandemia, ou, pelo menos, não de forma tão evidente para conseguir fazer a cobertura dos fatos nesse contexto tão delicado. Nesse cenário, tornou-se corriqueiro acompanhar repórteres e apresentadores participando dos telejornais diretamente de casa; reportagens exibidas feitas completamente com imagens de celular; dados com números da pandemia sendo exibidos em gráficos de forma constante; e uma participação muito mais ativa do público que contribuiu com a produção dos conteúdos.

Em um cenário de pós-verdade onde os fatos objetivos passam a ser relativizados, a pandemia mostrou que as pessoas precisam de jornalismo de qualidade. No que se refere aos impactos nas rotinas dos profissionais jornalistas dentro e fora da redação, num cenário já marcado pela pressão inerente a classe, a desinformação, como relatado pelos entrevistados desta pesquisa, implica em uma dedicação ainda maior na checagem dos acontecimentos com o intuito de desmentir boatos e levar aos telespectadores apenas conteúdos verídicos.

Para Machado (2000), “o telejornalismo reconquistou a centralidade na atualidade, mostrando que a atividade jornalística permanece mais essencial do que nunca, valorizando ainda mais o ethos profissional em tempos de pandemia”.

Perante o exposto, acreditamos que conseguimos atingir o objetivo geral proposto ao identificar como a pandemia da Covid-19 impactou as rotinas produtivas dos profissionais de televisão das afiliadas paraibanas da Rede Globo, bem como alcançar os objetivos específicos, compreendendo como foram realizadas as atividades jornalísticas mediante às normas sanitárias da Organização Mundial da Saúde; analisando a dinâmica laboral dos profissionais de jornalismo na produção e veiculação da notícia; e entendendo quais foram os arranjos na produção, edição e veiculação noticiosa.

Acreditamos que nossa pesquisa trata-se de uma contribuição coletiva aos estudos em telejornalismo no Brasil e, sendo assim, consideramos este trabalho relevante no sentido de colaborar com o registro histórico desse momento atípico enfrentado na nossa sociedade e com outros pesquisadores que venham a somar com as pesquisas sobre a temática exposta. Sobre os desafios do telejornalismo, percebe-se que é possível aproveitar a necessidade de mudança na cotidianidade da

vida para trazer novos conceitos ao processo de construção televisiva, e como disse Adorno (1975, p.354) “não é possível prever o que virá a ser da televisão; aquilo que ela é hoje não depende do invento, nem mesmo das formas da sua utilização comercial, mas sim do todo no qual está inserida”.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. **Pesquisas alertam para agravamento do estresse emocional de jornalistas brasileiros**. 2020. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/pesquisas-alertam-para-agravamento-do-estresse-emocional-de-jornalistas-brasileiros>. Acesso em 04 ago. 2020.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALMEIDA, M. **Teletrabalho, trabalho remoto, home office e trabalho híbrido**. Asmetro, 2022. Disponível em: <https://asmetro.org.br/portalsn/2022/08/11/teletrabalho-trabalho-remoto-home-office-e-trabalho-hibrido/>. Acesso em: 31 out. 2022.

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ALVES, Jorge; ASSIS, Renato Silva de. Processos de terceirização e suas consequências no Brasil: alguns elementos históricos recentes. In: FARIAS, Givanildo Gonçalves de; LUNA, Jucelino Pereira (Org.). **Terceirização e sindicalização**. João Pessoa: Ideia, 2015. p. 40-47.

ALVES, K.A. **Audiências ativas no Brasil e Espanha: telejornalismo e colaboração**. Recife: UFPE, 2010.

ANDERSON. C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. In **Revista de Jornalismo ESPM**. Ano 2, Número 5, Abril / Maio / Junho de 2013.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, R. **O trabalho, sua nova morfologia e a era da precarização estrutural**. Revista Theomai. 2009.

ARAÚJO, M.B. **Rotinas produtivas no telejornalismo industrial: tecnologias e dinâmicas no contexto campinense**. Campina Grande: UEPB: 2019.

ARAÚJO, R.A. **O Ensino da Videoreportagem no Contexto do Jornalismo Multimídia: Exemplos e Práticas em Atividades Acadêmicas**. Joinville: Intercom, 2018.

AUGÉ, Marc. (1994a), **Pour une anthropologie des mondes contemporains**. Paris, Aubier.

BALDESSAR, Maria José. Apontamentos sobre o uso do computador e o cotidiano dos jornalistas. In: INTERCOM, 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: UNIDERP, UCDB e UFMS, 2001. Disponível

em:<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2BALDESSAR.PDF>.
Acesso em: 29 mar. 2022.

BARBOSA JÚNIOR, F.A. **Gig economy e contrato de emprego**: aplicabilidade da legislação trabalhista aos vínculos de trabalho da nova economia. São Paulo: LTr, 2019.

BECKER, B. Uma historiografia dos noticiários televisivos. *In*: BECKER, B. **Televisão e Telejornalismo**: Transições. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

BELTRÃO, Luiz. **Enseñanza de periodismo y médios de información colectiva**. Quito: Ciespal, 1964.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BOLAÑO, César. **Indústria Cultural, Informação e Capitalismo**. São Paulo:Hucitec/Pólis, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRUNS, A. (2011). **Gatekeeping, gatwatching, realimentação em tempo real**: novos desafios para o Jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, 7(2), 119–140. <https://doi.org/10.25200/BJR.v7n2.2011.342>

CABRAL, A.M. **Realidade expandida** : narrativas do digital , edição e produção de sentidos no telejornalismo. Recife: UFPE, 2012.

CAPARELLI, Sérgio; STUMPF, Ida Regina C (orgs). **Teses e dissertações em comunicação no Brasil(1992-1996)**. Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS, 1998.

CARLINI, Andréia de Almeida. **A Ética no Telejornalismo Brasileiro**. 2009. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso - Escola de Comunicação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHAPARRO, M. **Jornalismo**: linguagem e espaço público dos conflitos da atualidade. São Paulo: Inédito, 2009.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto. 2013.

CONTRERA, Malena. **Jornalismo e Realidade**: a crise da representação do real e da construção simbólica da realidade. São Paulo: Mackenzie, 2004.

CÓDIGO, de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Federação Nacional dos Jornalistas. Brasília-DF, 2007.

CORNU, Daniel; tradução Laureano Pelegrin. **Ética da comunicação**. Bauru, SP. EDUSC, 1998.

CORREIA, J. C. (2009) **Teoria e Crítica do Discurso Noticioso**: Notas sobre Jornalismo e Representações Sociais. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior.

CORREIA, J. C. **A construção social da realidade e o jornalismo como profissão especializada**. 2017. Universidade da Beira Interior.

COTTA, Pery. **Jornalismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rubio, 2005.

DARNTON, Robert. **A verdadeira história das notícias falsas**. 2017. El País, 30 de abril de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html. Acesso em 16 de julho de 2021.

DEAN, Jodi. **Communicative capitalism: circulation and the foreclosure of politics**. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/240798916_Communicative_Capitalism_Circulation_and_the_Foreclosure_of_Politics. Acesso em: 04 out. 2022.

DEUZE, M; WITSCHGE, T. **O que o jornalismo está se tornando**. São Paulo: Parágrafo, 2016.

DEUZE, Mark. What is multimedia journalism?, In **Journalism Studies**, 5:2, 139-152, 2004. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1461670042000211131?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 16 out. 2022.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010. p. 62-75.

FARIAS, C; BELEM, V. **A videorreportagem diante do isolamento do repórter: um estudo de caso sobre a TV Sergipe**. Universidade Federal de Sergipe, Aracaju: Intercom, 2020.

FAUSTO NETO, A. **Mortes em derrapagem**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FERRARETO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2020.

FIGUEIREDO, Carlos. Jornalismo Manufatureiro e Jornalismo Flexível: Controle e Subsunção do Trabalho Jornalístico ao Capital. In **Memorias del XIV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación**. Costa Rica: 2018. Disponível em: <http://alaic2018.ucr.ac.cr/sites/default/files>. Acesso em: 08 ago. 2021.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **O jornalismo no conglomerado de mídia: reestruturação produtiva sob o capitalismo global**. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Originalmente apresentada como tese de doutorado.

FREIRE, F. L. **As transformações nas rotinas produtivas das redações: Diário de Pernambuco E Jornal do Commercio**. Recife: UFPE, 2018.

GAMA, R, M; DADALTO, M. C. **A notícia como construção social no universo jornalístico**. Vila Velha: Centro Universitário de Vila Velha, 2007.

GENTILLI, D.L. **Jornalismo e cidadania: O direito à informação e o telejornal Repórter Brasil da TV Brasil**. São Paulo: USP: 2013.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Atlas: São Paulo, 2008.

GRISCI, C.; RODRIGUES, P. **Trabalho imaterial e sofrimento psíquico: O Pós-Fordismo no jornalismo industrial**. In: *Psicologia & Sociedade*, v.19, 2007, p. 48-56.

Grohmann, R. **O Trabalho dos Jornalistas como Sintoma da Lógica dos Conglomerados**. Alterjor, v. 2, n. 8, p. 101-115, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88299>. Acesso em: 13 jun. 2022.

HALL, S. **The problem of Ideology: Marxism without guarantees**>> in David Morley e Kuan Hsing Cheney, Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies, London Routledge, 2004, pp. 25-46.

HAMBURGER, Esther. "Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano". In: **História da vida privada no Brasil**. Org. Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

INNERARITY, D. **A Sociedade Invisível: Como Observar e Interpretar as Transformações do Mundo Atual**. Lisboa: Teorema. 2009.

JARDINS, T.S; BRANDÃO, I.B do S. **Breve histórico da imprensa no Brasil: Desde a colonização é tutelada e dependente do Estado**. UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 131-171.

JORGE, Thaís de Mendonça. **NOTÍCIA e FAKE NEWS: uma reflexão sobre dois aspectos do mesmo fenômeno da mutação, aplicada ao jornalismo contemporâneo**. Revista Âncora, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 57-73, jul/dez 2017.

KARAM, J. **Ética, deontologia, formação e profissão: observação sobre o Jornalismo**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol I nº1 semestre 2004.

LAIGNIER, P.; FORTES, R. **Introdução à História da Comunicação/ organizadores Pablo Laignier e Rafael Fortes**. - Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

LELO, V, T. **Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional**. UNICAMP. 2019. Campinas.

Machado, A. **Pré-cinemas e pós cinemas**. Campinas, São Paulo. Papirus: 1997.

MAIOR, Gilson Souto. **História na Televisão da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2017.

MARCONDES FILHO, C. VERBETE JORNALISMO, economia política do. In: **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009. p.207 - 210.

MARÔPO, L; SILVEIRA, P. **Jornalismo e construção social da realidade: Um contributo para o debate teórico**. Lisboa-Portugal: Revista Comunicando, 2014.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C; FRANÇA, Vera Veiga (org). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 11-25.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: UNESP, 2006. (Coleção Paradidáticos).

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda; jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

MEDITSCH, E. **Jornalismo e construção social do acontecimento**. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. *Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 19-42.

MELLO, E. **Bases epistemológicas do telejornalismo**: entre a teoria e a prática. SBPJor, São Paulo, 2017.

MESQUITA, Giovana Borges; VIZEU, Alfredo. A audiência potente e as novas relações no jornalismo. *In Estudos em Jornalismo e Mídia*. Vol. 11. Nº 2. Julho a dezembro de 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/1984-6924.2014v11n2p596/28242>>. Acesso em: 10 out. 2022

MESQUITA, G.B. **Intervenho, logo existo**: A audiência potente e as novas relações de trabalho. Recife: UFPE, 2014.

MICKA, J; KIKUTI, A. **O mundo do trabalho de jornalistas no Brasil**: uma agenda de pesquisa. 2020. PLURAL, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.27.2, ago./set., 2020, p.210-239.

MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos**. Imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: Hucitec, 2005.

MORENO, C. A. de. **O paradigma da notícia como construção social**. Rio de Janeiro: Logos, 2002.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. Loyola, São Paulo, Brasil, 2006.

Organização Pan-Americana da Saúde. **Entendendo a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19** [Internet]. Folheto informativo. Saúde digital. Washington, D.C.; 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso em 18 de julho de 2022.

PARK, R. (1976) A Notícia como Forma de Conhecimento. In: Steinberg - **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix.

PAVLIK, John. **Journalism and new media**. Columbia University Press: New York, 2011.

PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L. **O jornalismo em tempo de mudanças estruturais**. Intexto: UFRGS, v.1, n.24, p.38-57, jan./jun. 2011.

PICCININ, F; BOZZETTO, V. **A grande reportagem longe das ruas**: Rotinas e práticas para o telejornalismo em tempos de COVID-19. SBPJor. Santa Cruz do Sul, 2020.

PONTES, F.S; SILVA, G. **Jornalismo e realidade**: da necessidade social de notícia. São Paulo: Revista Galáxia, 2009.

REZENDE, G. J. de. 60 anos de jornalismo n a TV brasileira: percalços e conquistas. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010. 2010

RIBEIRO, A.P; SACRAMENTO, I. ROXO, M, (orgs.), - **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

ROCHA, A; CAMPOS, B; LOPES, I. de. **Filme Nightcrawler**: Repórter na noite. jornalismo e a construção social da realidade. 2019. Universidade Beira Interior. Covilhã. Portugal.

SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo. **Sociologia do trabalho no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**. Madrid, Amorrortu, 2004.

SEARLE, John R. **Mente, linguagem e sociedade**. Rio de Janeiro: Ed Rocco, 2000.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**; consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**; consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SHOEMAKER, P.J.; VOS, T.P. **Teoria do Gatekeeping**: seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SILVA, F. F. da. **Mobilidade convergente**: abordagem sobre a prática os estudos do jornalismo móvel. Revista Ícone. Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco, v.11, n.2. 2009.

SILVA, P & Sarraeta, C. **A Informação Fast Food e o Teto Hermenêutico dos Jornalistas**. 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2220-1.pdf>> Acesso em 27 de junho de 2022.

SILVA, Rafael Pereira da. **A influência tecnológica sobre a prática jornalística**. 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-influencia-tecnologica-sobre-a-pratica-jornalistica>>. Acesso em 05 out. 2022.

SILVEIRA, Éder da Silva. História oral e memória; pensando um perfil de historiador etnográfico. In **Métis: história & cultura**. v. 6, n. 12, 2007. p. 35-44.

SIQUEIRA, F, C. de. **O efeito de participação do real representado e o surgimento de um novo valor-notícia**: o flagrante único de coprodução no telejornalismo. Recife: UFPE, 2013.

SIQUEIRA, F. C. de. **A reconstrução da realidade no telejornalismo**: uma análise da coprodução via WhatsApp. Revista Observatório. Palmas, 2018.

SIQUEIRA, F; MONTEIRO, P. **Jornalismo em tempos de pandemia**: reconfigurações na TV e na Internet / Fabiana Siqueira, Patrícia Monteiro (organizadoras). - João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOUZA, R. B. R. de. **A dialética da crise do jornalismo**: o sociometabolismo do capital e seus limites estruturais. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: para além do espelho e das construções. Florianópolis: Série Jornalismo a rigor, Insular, 2009.

STEFANO, Luiza; VIEIRA, Soraya Maria Ferreira. **Fluxos de linguagens e interações na construção do fandom #BBB18**. Culturas Midiáticas, n. 20, p. 98-113, 2018.

TAVARES, F.M.B. **Entre a realidade jornalística e a realidade social: o jornalismo como forma de acesso ao cotidiano.** Brasília: E-compós, 2012.

THOMAZ, Patrícia. **A linguagem experimental da videorreportagem.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade de Marília. Marília, SP: UNIMAR, 2007.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.

TUCHMAN, Gaye. As notícias como uma realidade construída. In: ESTEVES, João Pisarra. **Comunicação e sociedade.** Lisboa: Livros Horizonte, 2009. p. 93-106

VERÓN, Eliseo. **Construir el acontecimiento: los medios de comunicación masiva y el accidente en la central nuclear de Three Mile Island.** 2 ed. Barcelona: Gedisa, 1995

VIZEU, A. (2008). **A construção social da realidade e os operadores jornalísticos.** *Revista FAMECOS*, 11(25), 111-118. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2004.25.3290>.

VIZEU, A. E. V.; ROCHA, H. C. L. DA. **Jornalismo construtivista: algumas considerações epistemológicas.** *Revista FAMECOS*, v. 18, n. 3, p. 746-764, 22 dez. 2011.

VIZEU, A; MESQUITA, G. **O cidadão como mediador público: um novo agente no jornalismo.** *Revista Estudos em Comunicação.* Portugal, Maio de 2011. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/09/pdf/EC09-2011Mai-17.pdf>.

VIZEU, A. **O lado oculto do telejornalismo.** Florianópolis : Editora Calandra, 2005.

VIZEU. A. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica.** *Revista Famecos*, Porto Alegre, nº 40, 2009.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo, audiência e ética.** 2002.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Presença, 1999.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

YIN, Robert k. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. - Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EDITORES DE TEXTO DAS EMISSORAS DE TV PARAIBANAS AFILIADAS DA REDE GLOBO:

1. Qual foi o primeiro impacto da pandemia dentro da redação?
2. Quais as principais mudanças na sua rotina de trabalho durante a pandemia?
3. A prática do trabalho *home office* foi exercida na emissora? Como isso funcionou? Quais os pontos positivos e negativos? Contextualize.
4. Você percebeu mudanças na relação jornalista-audiência nesse período?
5. Quais as maiores tensões vivenciadas por você enquanto jornalista neste período?
6. Alguma situação vivenciada durante este período que te fez pensar que em outro momento tal ação não seria aceitável nessa rotina profissional? Exemplifique
7. Neste cenário pós-pandemia, quais dessas adaptações permaneceram na rotina jornalística?
8. O que você acredita que ainda vai mudar no telejornalismo?
9. A pandemia tornou precária as rotinas produtivas na redação e o trabalho do jornalista?
10. Como você avalia as questões éticas vivenciadas pelos jornalistas de televisão nesse contexto de mudanças trazidas pelo cenário pandêmico?
11. Como você enxerga a importância do telejornalismo nesse contexto pandêmico?